



ALCINDO ALMEIDA



Alcindo Almeida

A VIDA DE DEUS EM NÓS

Série Intimidade com a Palavra

1, 2 e 3 João

Fôlego

A VIDA DE DEUS EM NÓS

Copyright @ 2018 Alcindo Almeida

Primeira edição: Janeiro de 2018

Edição e produção: Fôlego Editora Revisão: Paulo César de Oliveira Capa e diagramação: Neriell Lopez

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed., SBB, salvo quando houver outra indicação.

Todos os direitos são reservados à Editora Fôlego, não podendo a obra em questão ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio - eletrônico, mecânico, fotocópia, etc. - sem a devida permissão dos responsáveis.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Almeida, Alcindo

A vida de Deus em nós, 1, 2 e 3 João. Alcindo Almeida – São Paulo, SP: Editora Fôlego, 2018.

ISBN: 9788582060582

1. Bíblia 2. Espiritualidade 3. Abordagem teológica I. Título.

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO DO AUTOR E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A

Fôlego

Fôlego Editora e Eventos Ltda. Caixa Postal 16.610 CEP 03149-970

São Paulo - SP

www.editorafolego.com.br

SUMÁRIO

Agradecimentos	5
Dedicatória	7
Prefácio	9
Capítulo 1. Jesus é a nossa Palavra da vida	11
Capítulo 2. A verdadeira comunhão com Deus	21
Capítulo 3. Observemos os mandamentos do Pai	31
Capítulo 4. Demonstrando o amor na vida prática	39
Capítulo 5. Conselhos preciosos para os filhos de Deus	45
Capítulo 6. O cristão precisa tomar cuidado com os falsos mestres	55
Capítulo 7. Advertências e promessas para a vida	63
Capítulo 8. O serviço cristão: qual é a lei do amor de Deus?	73
Capítulo 9. Oração para a vida espiritual	91
Capítulo 10. O cuidado com os falsos profetas e a prática do amor	109
Capítulo 11. A identificação com Cristo em sua vitória	119
Capítulo 12. A certeza da vida eterna em Jesus	127
Capítulo 13. Andemos na verdade, que é Jesus Cristo	137
Capítulo 14. Permanecendo em Cristo	145
Capítulo 15. As posturas sérias diante das verdades sagradas	151
Referências bibliográficas	159

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus da graça e amor por conceder mais uma oportunidade de publicar este novo projeto baseado nas Epístolas de João.

À minha mãe, que ao longo dos anos sempre se preocupou em investir em mim e nos meus estudos.

Às minhas queridas Erika e Isabella, por terem paciência em dividir o tempo comigo.

À querida Igreja Presbiteriana em Alphaville, que é parceira na caminhada ministerial.

Ao amigo Waltecir Helena, pelo prefácio muito precioso.

Aos amigos Emilio e Rosana, pelo apoio e edição por meio da Fôlego Editora.

Alcindo Almeida *Verão de 2018*

DEDICATÓRIA

A um grande amigo do coração, Luiz Mattos, que está com Cristo na eternidade. Sua amizade e incentivo no ministério pastoral quando trabalhamos juntos na Igreja Presbiteriana de Pirituba foram muito preciosos para a minha vida.

A Neli, uma amiga e professora que marcou minha caminhada da vida. Ela foi minha professora de língua portuguesa no ginásio. Não sei se ainda está viva, mas me lembro muito bem dela.

Ao Projeto Timóteo, pela caminhada e companheirismo nesses dezenove anos. Esse projeto tem sido um alento para a alma em todos os tempos.

PREFÁCIO

Ao ser convidado para prefaciar esta obra, senti-me honrado e muito grato, sem, contudo, deixar de reconhecer a responsabilidade de tamanha tarefa. Antes das considerações sobre a obra, destaco a pessoa do autor, pois é impossível falar da obra sem falar do autor.

Tenho o privilégio de conviver com o Alcindo há dezenove anos, convivência que nasceu a partir do Projeto Timóteo, e carinhosamente nos referimos a ele como mestre Alcindo, não por sua jornada acadêmica apenas, mas pela sua habilidade em conduzir sua vida, ministério e relacionamentos de maneira tão contundente e sábia, que deixa exemplo a ser seguido.

Alcindo é para mim um exemplo de pastor, disciplinado em tudo que faz. Piedoso, um bom pregador, conselheiro eficaz, exemplo de esposo, pai e amigo, tem demonstrado uma espiritualidade sadia no confuso contexto teológico pastoral dos nossos dias.

Alcindo tem se revelado um hábil escritor, capaz de tratar com profundidade de questões fundamentais para nossa vida como discípulos de Jesus, sem perder a aplicação da prática pastoral. Ele sempre nos conduz para uma avaliação e reflexão, de maneira a considerarmos nossa atitude como discípulos de Jesus.

A vida de Deus em nós, uma exposição dos livros de 1, 2 e 3 João, tem uma abordagem não apenas teológico-acadêmica, mas também pastoral, na qual o autor nos exorta a avaliar nossa caminhada como cristãos, de fato e de verdade, a partir da centralidade de Jesus e da sua Palavra em nossa vida. Sua exposição nos leva a compreender que João escreveu para combater o falso ensino do gnosticismo, que, além de negar a perfeita humanidade de Jesus, não evidenciava qualquer necessidade de uma vida de santidade e compromisso com o próximo, por afirmar que a matéria e corpo eram maus. Tais afirmações no meio da igreja estavam gerando confusão quanto à salvação e um descompromisso com a santidade pessoal e também com o cuidado com o próximo.

A vida de Deus em nós mostra a pessoa bendita de Jesus, em quem temos salvação, perdão e um novo relacionamento com Deus Pai e também uns com os outros. Aqueles que se dizem cristãos devem viver como ele viveu, demonstrar amor por meio de atitudes e viver no centro da vontade de Deus. A capacitação para viver como Jesus viveu, andar como ele andou, nos é dada pelo próprio Jesus a partir do momento em que nos dispomos a nos render à sua vontade e governo em nossa vida. Uma caminhada de relacionamento com ele que muda todo nosso jeito de ser e agir.

Vivemos tempos em que a espiritualidade de muitos que se dizem cristãos muitas vezes não reflete em nada o modelo de espiritualidade e vida cristã que Jesus nos ensinou. É gente que vive focada apenas nos seus interesses pessoais, sem se preocupar com o próximo. É um reflexo da nossa cultura, cuja marca tem sido o individualismo e o consumismo.

Quando compreendemos quem é Jesus, sua vida e obra e as implicações dos seus ensinamentos para a nossa vida e decidimos mudar com a ajuda do Espírito Santo de Deus, vivemos uma nova realidade de vida no que diz respeito ao nosso relacionamento com Deus e com o próximo.

Quero convidar o(a) leitor(a) a se conduzir nessa reflexão e perceber as implicações da vida plena no relacionamento com Deus a partir de Jesus. No final da leitura, sinta-se pastoreado(a) e desafiado(a) a efetuar as mudanças na sua vida, de maneira que sua espiritualidade seja significativa e transformadora em si mesmo(a) e na vida de todos os que o(a) cercam.

Minha oração é que a leitura deste livro seja um instrumento divino para renovar sua segurança e esperança em Jesus e transformar seus relacionamentos, de maneira que todos vejam que você está na luz que é Jesus e anda como ele andou.

Uma ótima leitura!

Waltecir Godinho Helena

Pastor da Igreja Presbiteriana em Goiatuba e diretor do Projeto Timóteo

Capítulo 1

JESUS É A NOSSA PALAVRA DA VIDA

(1 João 1.1-4)

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.

Hoje em dias ouvimos com muita frequência as palavras *tédio, tristeza, rancor, insatisfação, infelicidade, desprazer, descontentamento, injustiça, morte, traição e desamor*. Uma grande verdade é que a nossa sociedade tem buscado incansavelmente a felicidade, mas não a encontra. Como é terrível ver alguém que vive sem ser feliz e sem ter um significado na vida cotidiana! Como é terrível encontrar alguém que vive num poço de tristeza!

O objetivo neste texto não é escrever sobre a realidade da tristeza, mesmo sabendo da existência dela na nossa vida, mas sobre a alegria e o amor verdadeiros. Na primeira epístola do apóstolo João, encontramos o verdadeiro sentido da felicidade, que é a Palavra da vida, Jesus Cristo de Nazaré.

Alguns detalhes do contexto histórico de 1 João

AutoriA e destinAtários

O apóstolo João, filho de Zebedeu, chamado de discípulo amado, foi o autor dessa epístola. Além de 2 e 3 João, ele também escreveu o quarto Evangelho. Quando lemos vários versículos dessa extraordinária epístola, percebemos que ele é testemunha dos fatos pertinentes à vida de Jesus, e a linguagem apresentada também é semelhante à do seu Evangelho.

Muito provavelmente, essa epístola foi escrita para circular entre diversas igrejas. Não era, portanto, direcionada para uma igreja específica. Deveria ser

lida pelos cristãos e obedecida por todos os que tomassem conhecimento dela¹.

Objetivos

João escreveu com o propósito de combater um falso ensino que, ao que tudo indica, estava ameaçando a fé e a certeza dos cristãos daquela época. Provavelmente, esse ensino era o gnosticismo (do grego *gnosis*, que significa conhecimento).

Esse movimento ensinava que a salvação se dava por meio de um conhecimento secreto só obtido pelos iniciados e negava a perfeita humanidade de Cristo, alegando que Jesus tinha apenas uma aparência física e não um corpo humano, pois a matéria é má. Portanto, era impossível que Jesus fosse plenamente homem.

1 LOPES, Augustus Nicodemus. *Introdução de I João*. São Paulo: JMC, 1996, p. 2.

Além disso, ensinava que, em virtude de o corpo ser mau e sem relevância, não havia razão para se preocupar com qualquer coisa na vida. Não havia sentido em amar o próximo e, muito menos, em obedecer aos mandamentos de Deus. Exatamente por causa da repercussão de tais ensinamentos, João escreveu essa epístola no final do primeiro século de nossa era para combater essa falsa doutrina.

Jesus é a Palavra da vida

Em 1 João 1.1, o apóstolo afirma que o verbo da vida é desde o princípio, desde o início da existência (cf. Gênesis 1.1 e João 1.1). Jesus é a própria Palavra de Deus, ele é o Deus Filho, o verbo que estava presente na criação do cosmos. Tudo foi criado por ele também. Para João, Jesus transcende todas as coisas porque é eterno.

João nos ensina que Jesus é o Filho do homem. Ele é o homem perfeito, mas é também o eterno Deus-homem, o Salvador do seu povo. Jesus é a Palavra da vida. Toda a vida física e espiritual procede dele, que é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim de tudo.

Veja algumas questões de João ao declarar essas verdades.

João foi testemunha ocular da vida de Jesus

João inicia seu texto com a afirmação de que ele e os demais discípulos viram, ouviram e tocaram com as próprias mãos a Palavra da verdade. João fez isso para contrapor-se ao ensino dos gnósticos, que afirmavam que Jesus não era um ser humano, e sim algo divino, uma mera força, um ser divinizado. Mas João diz que Jesus era o próprio Deus Criador que estivera no meio do seu povo, aquele a quem os discípulos tocaram e ouviram.

A fé vai Além do que se pode ver e tocar

A ideia dos tempos verbais gregos em *o que temos ouvido, o que temos visto* é a de uma ação que se iniciara no passado, mas ainda continuava no presente. Pela fé, os apóstolos ainda viam e ouviam o Senhor. Ao dizer que as suas mãos tocaram a Palavra da vida, João queria, mais uma vez, se contrapor aos gnósticos, enfatizando que Jesus, de fato, era tangível, tocável.

Jesus não era um fantasma, como os gnósticos achavam, mas um homem com corpo físico palpável. Ele era o Deus-homem presente na criação, ao qual João podia ver e tocar, o que fortalecia ainda mais a sua fé e confiança na Palavra viva de Deus.

A busca hoje pelo real não é novidade. Desde o começo de tudo nós buscamos realidade e satisfação na vida. Mas João nos traz a verdadeira razão e significado para a vida: a Palavra viva, que é Cristo; ele é a vida real para nós. E pela fé hoje o tocamos em nosso coração. Ele é o verdadeiro sentido para nossa vida e coração.

Jesus é a esperança do homem aflito

Muitas pessoas estão sem esperança, sem alegria, sem conforto, sem satisfação. Em Jesus, a Palavra da vida, está a verdadeira felicidade apresentada pelo apóstolo João. O Senhor Jesus é aquele que um dia veio ao nosso encontro e nos trouxe esperança, trouxe paz ao coração.

O Senhor Jesus é aquele com quem podemos falar, aquele ao qual os

discípulos ouviam e nós também podemos ouvir, pois ele fala conosco. Essa Palavra da vida está ao nosso lado todos os dias. O Senhor Jesus é a fonte da vida. Ele traz vida eterna para aqueles que são seus. O Senhor Jesus Cristo é nossa única esperança. Ele é o *logos*, a Palavra, nossa segurança de felicidade eterna. João diz: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam...”.

A vida eterna só pode ser encontrada na Palavra da vida

“... e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada...” (v. 2).

A Palavra da vida transmite vida eterna para seus filhos. Jesus, o Verbo divino, é a fonte de nossa vida física e também de nossa vida espiritual. No seu Evangelho, João disse que o verbo habitou entre nós e vimos a sua glória como a do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (1.14). Aqui ele nos assegura que o Verbo se manifestou, trazendo vida ao seu povo. Jesus abriu o caminho para termos acesso à vida eterna. E João diz aos seus leitores: “... e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela testemunhamos...”.

Palavras revelam sentimentos e pensamentos, e Jesus revela a mente e o coração de Deus. Ele é o meio de comunicação vivo entre Deus e o homem. Conhecer Cristo é conhecer o Pai e o Espírito Santo. Alister McGrath diz que Jesus é o foco a partir do qual todas as outras histórias devem ser vistas e em quem, por fim, tudo converge de forma maravilhosa².

Jesus se tornou o Verbo encarnado para que conhecêssemos sua graça e a verdade. E foi exatamente assim que ele veio ao mundo, cheio de graça e de verdade. Jesus se tornou o Verbo encarnado para “tabernacular” conosco, fazer sua tenda conosco, cheio de graça e de verdade. O verbo divino, o Deus Todo-poderoso, fez isso em favor de um monte de gente que não merecia essa glória inefável. Pela manifestação dessa vida divina temos o Rei dos reis morando conosco. E como João mesmo relata: nós vimos a sua glória, a glória do único filho precioso de Deus aqui na terra, cheio de graça e de verdade.

A graça aqui corresponde ao amor do Pai para com a sua criação, pois ele tira alguém dele mesmo para dar em resgate de homens que não merecem seu amor. E a verdade corresponde à revelação de Deus como luz por meio daquele que é a luz. Corresponde também à fidelidade do Filho para com o Pai celestial.

2 MCGRATH, Alister. *Encarnação*. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 11.

A graça de Deus foi manifesta a nós em que ele deu seu único Filho para morrer em nosso lugar na cruz do Calvário. Portanto, a única resposta que temos para tal amor é seguirmos o exemplo do Senhor Jesus Cristo. É pedirmos para que ele derrame a sua graça e a sua verdade a cada dia na nossa vida para que sejamos espelhos dele aqui na terra.

Algumas realidades aqui são importantes para nós:

A fé no doAdor dA vida nos levA à sAlvAção

João traz um ensino profundo para nós: a verdadeira vida estava com o Pai, mas agora ela se manifestou e trouxe vida eterna aos filhos de Deus. Assim, o apóstolo reafirma o que dissera no seu Evangelho: que aqueles que cressem não pereceriam, mas teriam no Senhor a vida eterna.

Deus nos dá um extraordinário privilégio em Cristo Jesus. Era necessário que o Senhor habitasse entre nós e obedecesse aos preceitos da lei para que tivéssemos vida nele. Portanto, a vida eterna é, para o povo escolhido, uma grande e inigualável bênção, um presente dado por Deus a pessoas não merecedoras, mas que creem.

O pecAdor não Arrependido está morto em seus delitos e pecAdos

Deus nos deu vida estando nós mortos em nossos delitos e pecados. A vida foi manifestada a nós, e, agora, em Jesus temos vida. Em Jesus vivemos de fato e de verdade. João diz em 1 João 5.20 e 2 João 2: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”; “... por causa da verdade que permanece em nós e conosco estará para sempre...”.

Um escritor chamado Tennyson afirmou: “Sentimos que somos nada, pois, Senhor, tudo és tu e em ti; sentimos que somos algo, e o ser algo também vem de ti. Sabemos que somos nada, mas tu nos ajudarás a ser algo. Portanto, bendito e exaltado seja o teu grande e eterno nome, aleluia”³.

Este não é um privilégio para todos, indistintamente, mas para aqueles a quem Deus manifesta a vida eterna, pois João disse: “Foi-nos manifestada”. Isso deve trazer-nos grande alegria, mesmo diante dos pesares. A vida eterna já começou aqui na terra, e nós atravessamos tribulações sabendo que não permaneceremos aqui, mas habitaremos para sempre com nosso eterno salvador, o Senhor Jesus Cristo.

Jesus disse para termos comunhão com os irmãos, com o Pai e com ele

No versículo 3, João diz que viu e ouviu a mensagem que transmitia aos cristãos. Não falava de uma revelação que tivera, mas ele viu, ouviu, presenciou, tocou e, agora, testemunha essa verdade para os crentes com o propósito básico de mostrar-lhes que tinham comunhão com os apóstolos, com o Pai e com o Filho.

Quais as implicações dessa verdade?

Há comunhão e solidariedade entre os filhos de Deus

Não se fala aqui de uma mera comunhão, mas de uma profunda união entre aqueles que fazem parte do corpo de Cristo. Tendo comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, também temos comunhão com aqueles que são seus filhos.

³ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 6, p. 224.

Os que são nascidos de Deus cultivam uma comunhão de família

Os salvos são parte do mesmo sangue, o sangue do Senhor Jesus Cristo, que foi derramado na cruz do Calvário em nosso favor. Cumpre-se o que profetizou o sumo sacerdote Caifás, ao dizer que o Senhor Jesus, ao morrer na cruz, reuniria num só corpo os filhos de Deus que andavam dispersos (Jo 11.52).

A comunhão é o meio pArA que testifiquemos A verdAde de Jesus

Na Igreja primitiva, por exemplo, havia um grupo unido, fruto da solidariedade e do amor fundamental que os cristãos desfrutavam⁴. O resultado dessa comunhão era um bom testemunho e abundante graça entre os cristãos, de tal maneira que entre eles não havia necessitados.

Os que possuíam herdades, vendendo-as, traziam aquilo que era necessário para o suprimento dos necessitados (At 4.34). Havia naquela comunidade equilíbrio entre a comunhão e a ação social. E, a cada dia, o Senhor acrescentava à Igreja os que haviam de ser salvos.

A comunhão com o próximo é importante, pois nos deixa em perfeitas condições para que tenhamos comunhão com nosso Pai celestial. Lembro-me de uma frase de Ricardo Gondim: “Se a comunhão não for resgatada, perderemos a oportunidade única que Deus nos dá de sermos verdadeiramente uma comunidade sua”⁵.

4 STOTT, John. *A mensagem de Atos*. São Paulo: ABU, 1998, p. 119. 5 GONDIM, Ricardo. *Creia na possibilidade da vitória*. São Paulo: Abba, 1995, p. 86. Tudo o que foi escrito é para a nossa alegria completa

“Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” (v. 4).

Certamente ele faz menção à vida que vem do verbo de Deus, à presença do Messias aqui na terra de forma encarnada e à porta de entrada que ele abriu para que tivéssemos comunhão com o seu povo e com a Trindade divina. Tudo isso foi escrito para um propósito: *nossa alegria seja completa*. Essa alegria está acima das alegrias terrenas; é uma alegria espiritual, é uma felicidade, um bem-estar do qual só desfruta aquele que anda em comunhão com o Pai. Essa alegria é aquela que Jesus prometera aos seus discípulos: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15.11).

A alegria dada pelo Senhor Jesus é completa, foi conquistada para os salvos na cruz do Calvário e dura para sempre. Por isso, na Carta aos Filipenses, o apóstolo Paulo disse: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4).

A palavra felicidade tem diferentes significados, dependendo da pessoa que a

conceitua. Para a geração *playboy*, a felicidade está no sexo, na realização de um ato que pode durar só alguns minutos. Para pessoas assim, o sexo nunca é demonstração do amor de um homem para com a mulher e vice-versa. Por isso, a felicidade desse grupo dura pouco. Para a geração da grife, a felicidade é estar de bem com a vida. É comprar um carro importado, jantar sempre nos restaurantes mais caros, frequentar lojas famosas, gastar muito com viagens, etc. Para a geração hippie, a felicidade é não dar ouvidos a ninguém, não obedecer aos pais e aos superiores. Ser feliz é ser livre das obrigações. Mas essa felicidade é passageira, porque tem um limite. Contudo, a felicidade daqueles que andam com Deus é eterna. É decorrente da comunhão que temos com ele, do privilégio de ter o salvador como o Senhor da nossa vida. O que anda com o Eterno Deus é uma pessoa feliz porque tem tranquilidade diante dos problemas e pode dormir em paz, com alegria, no Senhor. Essa é a verdadeira felicidade daqueles que andam com Deus lado a lado. Só em Deus há felicidade verdadeira e permanente. Em Salmos 16.11, encontramos a expressão de um homem que foi feliz porque o Verbo estava ao seu lado, por isso ele pôde dizer: “Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente”.

Para refletir e viver

Saibamos que Jesus é aquele com quem podemos falar, com que podemos andar e amar. Podemos senti-lo dentro do nosso próprio coração pela graça de Deus Pai e do Espírito. Jesus é a única fonte de vida que podemos ter neste universo. Jesus é o único caminho diante do Pai. Só ele e mais ninguém traz a vida eterna para aqueles que são seus. Jesus Cristo é nossa única esperança para tudo na vida. Pela graça da Trindade podemos ter comunhão com ela. E por meio dela também temos comunhão com aqueles que são filhos de Deus Pai.

Por meio da entrega do Senhor Jesus na cruz do Calvário temos a alegria que é completa e jamais acaba em nossa vida.

Capítulo 2

A VERDADEIRA COMUNHÃO COM DEUS

(1 João 1.5-10)

Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.

A Epístola de Judas, no versículo 24, afirma que o Senhor é poderoso para nos guardar de tropeços e para nos apresentar puros diante da sua glória. Isso é extremamente importante para toda a nossa vida, porque não temos forças para andar sozinhos. Por isso, precisamos da ação do Espírito Santo para que andemos em comunhão com o nosso Deus.

Quando cairmos ou tropeçarmos, precisamos do perdão de Deus para que cheguemos ao trono da graça a fim de sermos ajudados. É exatamente isso que aprendemos com João no texto que serve de base para este capítulo.

João introduz nessa parte de sua epístola as ideias de comunhão e alegria como algo resultante da vida recebida pelo cristão mediante a Palavra da vida. Já que os filhos de Deus são felizes por terem a Palavra da vida em seu coração (1 Jo 1.1-4), o apóstolo desenvolverá o tema da comunhão, mostrando duas espécies dela: a comunhão verdadeira e a falsa.

João combate a falsa doutrina do gnosticismo, que entendia que o corpo era mau. Logo, não haveria a necessidade de ter comunhão com Deus, muito menos com o próximo. João mostra aos cristãos que Deus é luz, por isso

exige que seus filhos andem em santidade de vida, ou seja, desviando-se das trevas.

Vejamos o que João quer nos ensinar no texto.

Deus é luz e nele não há trevas

“Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (v. 5).

João usa a mesma ideia presente em 1.4, ou seja, que ele anunciará a mensagem que ouviu do próprio Deus encarnado, a Palavra da vida, daquele que era a própria luz de Deus no mundo e estivera junto do apóstolo. A mensagem é: *Deus é luz e nele não há trevas*. O que percebemos nessa verdade?

O caráter divino não tolera o pecado

João não quer dizer que Deus é, literalmente, uma luz. A expressão é usada para descrever o seu caráter em relação ao pecado. A ideia é que Deus é santo, puro, separado do pecado. É impossível esse Deus, que é luz, errar.

A ideia é a mesma de Tiago 1.17: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança”. A questão é: se Deus é luz, é evidente que ele condena o pecado. Assim como a luz ilumina e descobre o que antes estava em trevas, também Deus mostra o verdadeiro caráter das pessoas e suas faltas. Em seu Evangelho, João confirma essa ideia: “A luz resplandece nas trevas...” (1.5). Ele continua e diz que em Deus não há treva nenhuma. Em Deus não existe nenhuma característica das trevas, como pecado, erro, ignorância, contradição, iniquidade. Não! Deus é santo, puro, fiel e bom.

Em Deus há excelência, majestade, glória, honra e nobreza. Deus tem um caráter totalmente perfeito e reto. Portanto, tudo o que tem a ver com trevas foge de Deus, está totalmente separado dele, porque Deus é luz.

O caráter do cristão precisa refletir o caráter divino

Essa luz que é o Senhor Deus veio ao nosso encontro e clareou a nossa vida,

que era uma realidade triste de trevas. A luz divina nos tirou da escuridão das trevas para que andássemos na maravilhosa luz que é o Senhor Jesus. Ela nos mostrou a podridão do nosso pecado e o quanto necessitamos dela.

A Palavra diz: “O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz” (Mt 4.16). Simeão, ao tomar Jesus nos braços, disse: “... porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel” (Lc 2.30-32). Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12). Davi disse: “O Senhor é a minha luz” (Sl 27.1).

Temos o grande privilégio de ter a luz no nosso coração sempre. Deus é a luz e nele não há trevas, e nós, como seus filhos, estamos na luz e não mais nas trevas. Essa verdade estará para sempre em nós. Nunca mais veremos trevas na nossa jornada. Andaremos para sempre na luz divina! Louvado seja o Eterno Deus por essa graça especial em nós!

Devemos andar em comunhão com o Eterno Deus e sempre praticar a verdade

Para João, aqueles que confessam que são da luz devem andar como filhos da luz. Portanto, quem anda em trevas não tem comunhão com Deus e não pratica a verdade. Andar em trevas é permanecer no erro, na prática constante do pecado. Quem está na luz tem vida, amor, pureza, santidade e não pode andar de braços dados com trevas, morte, ódio, impureza e pecado.

Deus é luz e aborrece o pecado, a iniquidade e os que praticam tais atos, como afirma Salmos 5.5⁶. Para João, quem diz que tem comunhão com Deus, mas pratica constantemente a iniquidade, é um mentiroso, ou seja, não pratica a verdade.

O ensino de João é simples, mas ao mesmo tempo muito sério. Por um lado, a comunhão verdadeira com Deus resulta na santificação, mas, por outro lado, a falta de comunhão com a divindade resulta em uma vida de pecado, de transgressão. Portanto, quem pratica o mal barra a comunhão com a verdadeira luz.

Os gnósticos batiam no peito dizendo que eram perfeitos, que andavam em comunhão com Deus, só que a comunhão não era verdadeira, porque estavam envolvidos com o paganismo da época, acreditavam que o corpo era mau. Por isso, poderiam fazer o que quisessem porque nada era pecado. Com os lábios eles diziam que tinham comunhão com Deus, mas seus atos demonstravam exatamente o contrário.

Não podemos nos esquecer de uma coisa: os atos falam mais alto e com mais eloquência do que a nossa palavra. Nossos atos revelam se temos ou não relacionamento com Deus. A verdade deve ser praticada e vivida sempre, mas isso é impossível se habitarmos nas

6 LOPES, Augustus Nicodemus, op. cit., p. 2.

trevas. Portanto, o ensino de João é: se andarmos nas trevas, não teremos comunhão com a luz e não praticaremos a verdade (v. 6). E um dos gritos da sociedade hoje é que pratiquemos o que falamos.

Quando andamos na luz, temos comunhão real e com efeitos profundos

João ensina que o oposto de andar em trevas é andar na luz. Isso não significa perfeição moral absoluta, mas sim viver na presença de Deus. É uma atitude de sinceridade na mente e no coração, expondo todo o nosso ser àquele que é luz e santidade. O andar aqui é aplicado ao curso geral da vida, é um andar com vida reta, sincera e honesta. Para João, os que andam retamente têm comunhão real com Deus e evidenciam as seguintes virtudes:

têm comunhão com os outros (v. 7A)

Quem está na luz tem comunhão com os outros, demonstra companheirismo, participação, associação e relação fraternal com o povo de Deus. Somente quando a Igreja está andando na luz é que experimenta a verdadeira comunhão dos santos. Quando andamos na luz, temos o mesmo sentimento, cultivamos a humildade e consideramos os outros superiores a nós mesmos. Quando andamos na luz, aprendemos a buscar aquilo que agrada o outro e não aquilo que agrada a nós mesmos. Quando andamos na luz, amamos nosso próximo com um coração sincero e puro, sem querer nada em troca.

têm A purificação dos seus pecados (v. 7b)

Mesmo que andemos na luz, temos falhas em nossa vida e tropeçamos diante do nosso Deus. A diferença entre o salvo que vem a pecar e os que andam costumeiramente nas trevas é que os pecados são trazidos à luz de Deus por meio da confissão e purificados pelo sangue precioso do Senhor Jesus Cristo.

Quem anda em trevas não se preocupa com a purificação dos seus pecados porque é cego e não vê como está sua situação espiritual. Aqui está a grande diferença entre os que têm comunhão com Deus e os que não têm. Por que João disse que quem tem comunhão com Deus é purificado de todo pecado pelo sangue de Jesus? Por causa dos gnósticos, que achavam que o corpo era mau e a alma era uma coisa boa. Eles achavam que poderiam fazer o que quisessem porque não tinham a ideia de pecado. Portanto, nenhum mal cometido traria prejuízo à alma. João se opõe a esse ensino dizendo que se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós (v. 8).

João insiste em dizer que somos pecadores, combatendo o falso ensino de que os homens não são pecadores. Quem afirma que não tem pecado está mentindo para si mesmo e se enganando. É impossível não ser um pecador por causa da própria natureza humana. Por mais que andemos retamente diante de Deus, ainda assim somos pecadores.

Hoje vivemos um tempo complicado na sociedade que assusta a todos: a violência aumenta, e as famílias se destroem; os filhos ficam contra os pais e os pais contra os filhos; a ideologia de gênero mostra o quanto o ser humano está perdido e confuso quanto aos valores do Reino de Deus. Sabemos que isso não é só um problema de educação e formação, mas é um problema do coração humano. Há uma exclusão de Deus e da verdade, bem como a irrelevância e o silêncio da Igreja diante das questões que envolvem o ser humano.

O que precisamos fazer para entender e ajudar no processo de resgate da vida e santidade diante do Eterno Deus é compreender melhor a noção do pecado no meio da sociedade e também da Igreja. Precisamos entender que o coração do ser humano é corrupto em face da natureza do pecado. Se a parte está depravada, o todo se encontra corrompido. Se o coração é perverso, as

relações da sociedade estão contaminadas. Os membros infectados adoecem, e a coligação de perversos reforça a corrupção.

Precisamos compreender que Deus está perto de nós mesmo que sejamos pecadores, só que ele quer de nós a santidade, que significa exclusividade. O povo santo pertence somente a Deus. Esse é o primeiro significado de santidade. Um povo de propriedade exclusiva de Deus. Essa privacidade é fundamental para a comunhão interpessoal com o Deus santo.

O Senhor escolheu seu povo dentre os outros povos para que fosse santo. Nas suas *Confissões*, Agostinho declara que Deus nos fez para ele e nossa alma não encontrará repouso enquanto não descansar nele. Talvez um dos mistérios centrais de nossa humanidade esteja no fato que fomos criados por Deus e para Deus, e que somente Deus, por meio da humanidade do seu Filho Jesus Cristo e da presença do seu Reino, pode nos devolver o significado de sermos verdadeiramente humanos. Hoje a mentalidade secularizada se opõe a Deus e a tudo o que se refere a Ele, numa clara rebelião aos propósitos do criador, levando as pessoas a dar mais crédito à mentira do que à verdade⁷. Somente por meio de Jesus Cristo é que temos o perdão dos pecados.

João trabalha uma questão séria e muito importante para a vida cristã. Ele diz que quem diz que não peca revela que a verdade, que é Jesus, não está nele. O fato de estarmos sob o senhorio de Jesus nos lembra da cruz que o Senhor suportou por causa dos pecados que cometemos diante dele. Depois de concluir a questão de sermos pecadores, João alarga a ideia do efeito da purificação por meio do sangue de Jesus (v. 9).

Jesus é fiel e justo para perdoar e purificar todo pecado (v. 9)

João diz aos pecadores que não precisam se apavorar quando pecarem, quando errarem o alvo, quando tropeçarem diante do Pai das luzes. O pecador pode confessar seus pecados porque o Senhor Jesus é fiel e justo para perdoar os pecados e purificar de toda a injustiça. Quando confessamos ao Senhor, com sinceridade, todos os nossos erros, ele nos perdoa em Cristo Jesus, que é a nossa justiça. O Senhor é fiel nas suas promessas.

⁷ SOUSA, Ricardo Barbosa de. *A resposta cristã ao mistério da iniquidade*. Ultimato, Minas Gerais, n. 309, p. 57, nov./dez. 2007.

Como diz a Palavra: “Guardemos firmes a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23). Deus nos perdoa porque é fiel em todos os sentidos, mesmo que permaneçamos infiéis para com ele. Ele nos perdoa porque “justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem” (Sl 89.14).

Temos o perdão de nossos pecados porque o Senhor Jesus nos substituiu na cruz do Calvário e nos trouxe a liberdade para comparecermos diante do Deus santo e clamarmos por perdão: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21).

Quando recebemos o perdão de Deus, por meio da justiça de Cristo, somos tratados como justos. Por isso o apóstolo Paulo disse que somos justificados pela fé e temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 5.1).

João termina dizendo que se afirmamos que não pecamos, mentimos e a Palavra de Deus não está em nós. Chamaremos o próprio Deus de mentiroso, porque ele mesmo disse que não há nenhum justo na face da Terra. Todos pecaram diante de Deus. Se alguém afirma que não peca, a Palavra de Deus não está, em hipótese alguma, nele.

Quando negamos o nosso pecado, não só nos enganamos como também desonramos o nosso Deus. Mas o fato é que precisamos pedir perdão para alcançarmos o arrependimento, que só pode vir por meio da ação do Santo Espírito em nosso coração.

No texto analisado estão os passos para mantermos comunhão verdadeira com o nosso Deus. Mas se andarmos em pecado, desobedecendo à vontade dele, seremos mentirosos e a verdade de Deus não estará conosco. Se existe em nosso coração o desejo profundo e sincero de clamarmos ao nosso Deus quando tropeçamos na vida espiritual, ele nos guardará e nos purificará de todo o pecado e de toda a injustiça. Peçamos ao Eterno que tenha compaixão de nós e nos guarde de tropeçar para nos apresentar puros e irrepreensíveis diante do nosso Pai.

Para refletir e viver

Uma verdade preciosa para a nossa vida é que em Deus não existe nenhuma característica das trevas, como pecado, erro, ignorância, contradição, iniquidade. Deus é santo, puro, fiel e bom. E ele convida pecadores para serem santos por meio da sua graça e amor.

Deus é a nossa luz que nos convida para uma vida cuja verdade deve ser praticada e vivida. Mas como nos ensina João, isso será impossível se habitarmos nas trevas. Deus, pela sua infinita bondade e amor, nos traz de volta o significado de sermos verdadeiramente humanos. Mas o fato importante é que temos o perdão dos pecados somente por meio de Jesus Cristo. Isso nos leva para um tempo de reflexão, gratidão e adoração ao Deus que nos ama e nos leva para perto dele por graça, amor e misericórdia.

Capítulo 3

OBSERVEMOS OS MANDAMENTOS DO PAI

(1 João 2.1-6)

Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro. Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.

Talvez alguns se sintam frustrados porque estão envolvidos com muitos pecados. Possivelmente, alguns não estejam bem na igreja por causa da frustração de não atingir os padrões de comportamento exigidos pela Palavra de Deus.

O pecado é real e destrói nossa comunhão com Deus. Ele faz com que nos sintamos como Davi, quando escreveu o salmo 32: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequeidão de estio” (vv. 3-4).

O apóstolo João indica o remédio para o problema do pecado. No capítulo 1, ele comenta acerca de como é importante crer nestas verdades:

Jesus é a Palavra da vida;
Deus é luz e nele não há treva nenhuma;
Nós que já fomos salvos temos comunhão com o Senhor; Somos pecadores, mas temos perdão dos pecados quando os confessamos.

Na análise deste capítulo, será trabalhada a questão do pecado e o remédio

para fugirmos dele, que é a observância e obediência dos mandamentos divinos.

O que aprendemos?

Necessitamos de uma vida cristã longe da prática do pecado

No versículo 1, João explica por que abordou as questões do capítulo 1. Com muito carinho e amor, chama os cristãos de filhos queridos, como um pai que tem cuidado do filho e dá alguns conselhos importantes para a vida. E o grande conselho é para que eles não vivessem no pecado: “... estas coisas vos escrevo para que não pequeis”.

E a que ele se refere?

Os cristãos têm a verdade no coração;
Jesus é a Palavra da vida para os nascidos de novo; Deus é luz e nele não há treva alguma;
Os salvos têm comunhão com esse Deus amoroso; O homem é pecador, mas tem o perdão quando confessa seus pecados, porque o sangue de Jesus purifica de todo o pecado.

Por essas razões, os leitores de João tinham um motivo muito forte e relevante para não viver na prática do pecado.

Ninguém pode dizer que não peca

O pecado é uma realidade concreta na vida de todos os seres humanos. Não adianta querer acreditar no perfeccionismo, movimento que eclodiu no início dos anos 80 no Brasil com um pastor de certa comunidade cristã. Ele usava exatamente a Epístola de João para afirmar que o cristão verdadeiro em Jesus não pecava mais.

O texto de 1 João 3.9, na Versão Corrigida, afirma que aquele que é nascido de Deus não peca. Com essa base, o ensino se proliferou por todos os cantos do Brasil. Surgiram pregadores afirmando que, por sermos perfeitos em Cristo, não pecaríamos mais.

O ensino de João não é esse. Ele não diz que já alcançamos a perfeição impecável, pois escreveu para que seus leitores não vivessem pecando. Contudo, continua dizendo que há possibilidade de pecar. Basta analisarmos um dia da nossa vida, avaliarmos apenas nosso pensamento e veremos o quanto falhamos para com Deus. Erramos se pensarmos como os perfeccionistas. Não somos pessoas boas e santas. O ser humano tem uma natureza que é totalmente inclinada para o mal. E o cristão, embora seja regenerado pelo Santo Espírito, ainda sofre os efeitos da queda do Éden. Somos todos filhos de Adão, não tem jeito, somos filhos do pecado. A nossa natureza, mesmo com a regeneração, é corrupta, má, inclinada para o pecado, e seremos livres dela no dia da redenção em Cristo Jesus.

Precisamos ter essa verdade em mente, porque nos ajudará a depender mais do Eterno Deus. E não andaremos com nossa própria força, achando que resistiremos ao mal sozinhos.

Ninguém pode dizer que não existe perdão

Todo ser humano pode se confortar com mais uma verdade que João ensina: *pecamos, sim, mas se pecarmos, temos um advogado diante do Pai, que é Cristo Jesus, o Justo*. Se errarmos nosso alvo na vida, que é fazer a vontade do nosso Pai, temos alguém que nos defende quando o inimigo acusar.

João diz: *se alguém pecar*. Essa frase indica uma possibilidade e não aponta para algo que deverá, fatalmente, acontecer. Se a pessoa pecar, ela tem um advogado, que é o Senhor Jesus Cristo. Vale notar que João não abre um precedente para pecarmos. O princípio é que, se houver um acidente na vida cristã, o Senhor Jesus advoga nossa causa.

Jesus, como nosso advogado, nos consola, coloca-se ao nosso lado diante do Pai, a fim de nos ajudar em nossa necessidade. Ele fala em nosso lugar, em nossa defesa, e intercede para que sejamos perdoados e não acusados pelo pai da mentira, que é o diabo.

O texto de 1 João 2.1 nos mostra que o pecado é uma realidade concreta que acontece conosco, mas não deve ser uma prática. Na vida do cristão, o pecado será sempre um acidente. Nosso grande conforto, quando errarmos, é que temos o Senhor Jesus Cristo, que nos ajuda e nos perdoa ao confessarmos

nosso pecado e nos arrependermos com sinceridade (1 Jo 1.9). Ele é a nossa defesa quando o tentador nos acusa.

O Senhor mostra nossa falha, mas nos conduz ao quebrantamento e arrependimento. Temos ânimo para viver uma vida mais pura e honesta, sempre com o alvo de fazer a vontade do Pai celestial.

Olhemos para dentro de nós mesmos. Somos pecadores, erramos o alvo de andar corretamente com Deus e precisamos de um Redentor entre nós e o Pai. E toda vez que erramos, que pecamos, o Senhor Jesus Cristo está à direita do trono do Pai intercedendo por nós. Ele nos apresenta diante do Pai por causa do sangue derramado na cruz em nosso favor; por meio dele somos perdoados e podemos continuar a caminhada de graça com a Trindade.

Jesus, nosso advogado, é a propiciação pelo nosso pecado

No versículo 2, João mostra que Jesus é o nosso advogado. Ao chamá-lo de o Justo no versículo anterior, o apóstolo aponta para o caráter perfeito e puro do Senhor. Ele é justo porque jamais se contaminou com o pecado e morreu pelos ímpios. E por ser justo, ele pode comparecer diante do trono de Deus para defender seu povo.

Jesus é a propiciação pelo nosso pecado. A palavra *propiciação* vem da linguagem cerimonial da época do Antigo Testamento, quando os animais eram sacrificados e seu sangue derramado como pagamento pelo pecado. O propiciatório era a tampa da arca da aliança, sobre a qual o sumo sacerdote borrifava o sangue do animal sacrificado no dia da expiação (Êx 25.17-22; Lv 16.5-19).

Jesus é o Cordeiro de Deus, ele é o sacrifício pelo nosso pecado. Ele desvia a ira de Deus de nós e nos reconcilia com o Senhor. Temos um advogado que nos defende do nosso pecado. Ele é a nossa propiciação, ou seja, aquele que nos tornou favoráveis e aceitos diante de Deus.

Escrevendo sobre propiciação, o apóstolo Paulo afirmou em Romanos 3.23-26: "... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para

manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus”.

Ao dizer que Jesus é a propiciação não somente pelo nosso pecado, mas pelos do mundo inteiro, João alarga a visão da propiciação, estendendo a eficácia do sacrifício de Jesus para todos que serão tocados pelo Eterno. Ser salvo não é privilégio dos judeus, mas também dos gentios. Porém, João não diz que a salvação em Jesus é universal, no sentido de que todos os homens serão salvos, mesmo que não aceitem o sacrifício de Jesus. Ele quer mostrar que a propiciação não é privilégio só dos cristãos daquela igreja, mas um privilégio disponível para pessoas de todos os povos e nações.

Sabemos que conhecemos a Jesus se guardamos os seus mandamentos

João faz essa afirmação (v. 3) e assegura que aquele que afirma conhecer a Deus, porém não guarda seus mandamentos, é mentiroso e a verdade não está nele (v. 4). A palavra de João é muito dura, mas a grande verdade é que aqueles que conhecem Jesus andam segundo os seus mandamentos.

Aqui está uma boa maneira de conhecermos os que são de Deus. Muitas pessoas não levam Deus a sério e têm uma vida totalmente atrapalhada, mas quando alguém lhes pergunta se são cristãos, respondem: “Claro que sim!”. Quem conhece Jesus guarda os seus mandamentos e observa sua Palavra. Caso contrário, tal pessoa é mentirosa.

Precisamos ponderar muito sobre isso! Nem todos que dizem que andam com Deus realmente são cristãos verdadeiros. Há muitos que negam essa caminhada com Deus, porque têm uma vida totalmente distante da realidade das Escrituras. A evidência de um cristão verdadeiro é se ele professa Jesus com a vida e o caráter!

Aqueles que guardam os mandamentos de Deus são aperfeiçoados em amor

O apóstolo João diz que o amor do Pai está aperfeiçoado na vida daquele que guarda a Palavra, e nisso se conhece que é da verdade (v. 5). Os que guardam os mandamentos de Deus são aperfeiçoados em amor por ele mesmo. Ou

seja, os tais são trabalhados pelo Senhor para que o sirvam com integridade e fidelidade, com um coração sincero e puro. E a cada dia percebem que, de fato, são conhecedores de Deus e conhecidos por ele. Estes obedecem ao Senhor.

João conclui dizendo que aqueles que afirmam estar em Jesus também devem andar como ele andou. Os salvos precisam, diariamente, imitar o caráter e a vida do Senhor Jesus.

Nunca poderemos obedecer à Palavra do Senhor se ele não vier ao nosso encontro e nos ajudar a fazer isso. Nossa natureza está sempre inclinada para o mal. Por isso temos o Espírito Santo, dádiva de Deus, habitando no nosso coração, e é ele que nos guia à verdade, que é o Senhor Jesus. Ele age em nosso coração para que guardemos a Palavra. Como diz Salomão: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1). Portanto, se Deus não colocar em nosso coração o desejo de andarmos em seus caminhos, de andarmos como Jesus andou, de realizarmos a sua vontade, nunca faremos isso.

Lembre-mos sempre de que o pecado está na essência da natureza humana caída, por isso devemos fugir dele. Se pecarmos, temos um advogado diante do Pai, que é o Senhor Jesus Cristo, o Justo. Ele é nossa propiciação e nos tornou favoráveis diante do Pai. Agora que temos nova vida, devemos guardar os mandamentos do Senhor. Quem os guarda é aperfeiçoado no amor de Deus, e o próprio Deus age para que tal pessoa tenha o caráter de Jesus.

Que o Espírito Santo aja em nós para que tenhamos o privilégio de buscar o alvo de servir ao Senhor com fidelidade e com observância dos seus mandamentos.

Para refletir e viver

Não adianta negarmos uma realidade presente em nossa natureza. Mesmo com a regeneração realizada pela obra profunda do Espírito Santo, ela continua corrupta. Então, devemos pedir graça e a ação do Espírito para todos os dias fugirmos do pecado e da vida distante de Deus.

Jesus é o nosso advogado. Ele nos consola, coloca-se ao nosso lado diante do Pai e nos ajuda nas nossas necessidades. Jesus nos representa no trono do Pai

em nosso lugar. Ele nos defende e intercede para que sejamos perdoados e não acusados pelo pai da mentira.

Devemos meditar e valorizar a grande bênção que Deus nos dá por graça; ele age em nosso coração para que guardemos a sua Palavra. O Espírito Santo vem e ilumina o nosso coração para que compreendamos as verdades que nos fazem praticantes dessa Palavra santa.

Capítulo 4

DEMONSTRANDO O AMOR NA VIDA PRÁTICA

(1 João 2.7-11)

Amados, não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual, desde o princípio, tivestes. Esse mandamento antigo é a palavra que ouvistes. Todavia, vos escrevo novo mandamento, aquilo que é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha. Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas. Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum tropeço. Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.

Um senhor que vivia num asilo fez a seguinte declaração num programa de TV: “Eu sou só, não tenho ninguém, vivo na solidão da vida sem ser amado por minha família há 30 anos. Fui abandonado por todos”.

Muita gente se sente sozinha porque não tem sido amada nem compreendida. Nos lares, há esposas que sentem falta de demonstração de amor por parte dos seus maridos. E também há maridos que estão em crise na vida profissional e em outras atividades por causa da ausência de carinho e de amor das esposas. Talvez alguns filhos estejam decepcionados com seus pais porque não sentem um amor que demonstra compreensão. Possivelmente há pais que estão tristes porque não têm recebido demonstração de amor dos seus filhos. Há muitas pessoas que estão na solidão porque não têm sido amadas de maneira verdadeira.

Este capítulo nos leva a refletir sobre a transformação do amor em atitudes concretas, práticas e significativas para a vida de um ser humano. No capítulo 1, vimos alguns comentários acerca de como é importante crer na verdade e estar nela: Jesus é a Palavra da vida; Deus é luz e nele não há treva nenhuma; temos comunhão com o Senhor; somos pecadores, mas temos o perdão dos pecados quando os confessamos; temos um advogado que nos defende e é a nossa propiciação, ou seja, aquele que nos tornou aceitos diante de Deus.

Agora, João trata da questão da guarda dos mandamentos, e quero abordar a observância dos mandamentos no que diz respeito à prática do amor para com o próximo. João destaca as virtudes do amor como um teste decisivo para distinguir o verdadeiro cristianismo do falso.

O apóstolo não perde de vista o combate à doutrina gnóstica, que ensinava um desprezo pelo corpo e, portanto, a negligência às boas obras com os irmãos necessitados. O ensino de João é que aquele que não demonstra amor aos irmãos por meio de atitudes ainda está nas trevas.

O primeiro ensinamento de João é:

O amor é um mandamento antigo

“Amados, não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual, desde o princípio, tivestes” (v. 7).

O apóstolo mostra à igreja que amar é um mandamento tão antigo quanto o Antigo Testamento. É um ensinamento de Levítico 19.18, que diz: “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor”. Portanto, esse mandamento já era conhecido dos cristãos que eram judeus. Não era algo estranho, desconhecido. João disse: “Esse é o mandamento mais antigo que temos, e vocês o conhecem muito bem”. Ou seja, desde quando foram convertidos a Cristo Jesus.

O segundo ensinamento de João é:

O amor também é um mandamento novo

Ao mesmo tempo em que esse mandamento é antigo, adquiriu um sentido novo e mais profundo com Cristo. O Senhor Jesus intensificou-o. É a ideia presente em João 13.34: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros”.

Jesus dá seu próprio exemplo de amor entregando a vida pelos seus. Este foi o cumprimento maior desse mandamento, ao qual João se refere como algo antigo, mas agora, numa dimensão maior, é novo. Portanto, esse mandamento é novo porque ganhou uma dimensão que não havia sido identificada. Agora

tem uma nova perspectiva e um profundo significado por causa da cruz de Cristo Jesus.

O terceiro ensinamento de João é:

Quem não ama o próximo não está na luz que é Jesus, e sim nas trevas

“Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas” (v. 9).

João diz que sabemos que conhecemos Jesus se estivermos nele, que é a verdade, se guardarmos os seus mandamentos (v. 3). Ele começa a abordar um mandamento antigo, já conhecido pelos cristãos, mas que, com Jesus, alcança uma dimensão nova por causa da cruz. O mandamento a que João se refere é o amor para com o próximo. E o amor é um mero sentimento ou um dever?

Segundo o ensino de João, o amor é um mandamento, uma prescrição de Deus para o seu povo. Partindo dessa premissa, podemos praticar o que João diz com mais consciência, com maior profundidade. Quem não ama seu irmão desobedece a esse mandamento, que é antigo e, ao mesmo tempo, novo. Quem não ama é um mentiroso e ainda está em trevas. Se no nosso relacionamento interpessoal não houver amor, nossa atitude será apenas lixo, escória.

Não amando o nosso próximo, negamos a verdade da Palavra e não estamos na luz. Já vi muitas pessoas dizendo: “Pastor, com esse fulano eu jamais falarei, ele ofendeu demais meu coração. Não tenho obrigação de aceitá-lo como meu irmão”. A fala séria de João é: “Quem diz que vive na luz de Deus e odeia o irmão ainda está na escuridão”.

O quarto ensinamento de João é:

Quem ama seu próximo está na luz que é Jesus, e nele não existe escândalo

No versículo 9, João diz que aquele que não ama está nas trevas. No 11, ele esclarece dizendo: “Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos”.

Estar na escuridão equivale a não possuir a luz do Evangelho de Cristo. Portanto, aponta para o estado de perdição de alguém que não ama. No

versículo 10, João equaliza o amor com a luz, da mesma forma que equaliza as trevas com o ódio no versículo 9. Quem ama está na luz e transforma o amor em ações.

O amor verdadeiro se traduz em atitudes práticas, em ações que se manifestam em socorro e ajuda aos carentes. Esse amor revela que a pessoa conhece a Deus. Por isso, aqueles que amam não dão motivos para que outros vejam tropeços neles. Quem ama não escandaliza o seu próximo, pois dá um testemunho vivo do amor de Deus.

Tal pessoa está na luz, vê para onde está indo e, conseqüentemente, não vive tropeçando na prática do amor. Ao contrário, quem não ama está em trevas e não sabe para onde ir. O que precisamos fazer para colocar em prática esse mandamento? O que podemos fazer para amar o próximo?

Seguem algumas sugestões:

Quando errarmos, consertemos o erro com palavras e atos

O grande problema nos relacionamentos é que não há a preocupação de enfrentar os erros e problemas com intenção de resolvê-los. Portanto, algumas palavras são importantes, como, por exemplo: “Errei, perdoe-me!”; “Por favor, não quis magoá-lo!”. Quem tem essas palavras no coração construirá relacionamentos concretos e duradouros.

Sejam pródigos (esbanjadores) em elogios e econômicos nas críticas

Temos enorme facilidade para falar mal dos outros, mas dificuldade em elogiar. Devemos aprender a fazer elogios para que o amor cresça entre nós. Dizer para a esposa que ela fez um belo e gostoso jantar faz muito bem. Dizer para o filho que ele cuidou bem da casa enquanto os pais viajaram faz bem ao coração. Elogiar o esposo pelo sustento do lar alegra o coração dele.

Olhemos para nós mesmos Antes de condenar os outros

Precisamos nos voltar um pouco mais para as nossas próprias falhas e procurar corrigir nossa conduta. Antes de perceber os erros dos outros, devemos fazer uma avaliação de nós mesmos. Erramos também, cometemos

vários equívocos na nossa caminhada.

Pensemos na felicidade do próximo

O amor não é a busca da felicidade própria, mas da felicidade do outro. Enquanto você for egoísta e agir sempre em busca dos seus interesses, do seu direito de ser feliz, nunca será realmente feliz. Esqueçamos a ideia de ser felizes e nos preocupemos em fazer os outros felizes. O amor não é uma atividade dos egoístas.

Quando buscamos a felicidade do outro, crescemos no amor. Assim, as trevas jamais prevalecerão no relacionamento. É certo que colhemos o que plantamos. Portanto, se plantarmos a discórdia, colheremos rancor; se plantarmos ternura, colheremos amor; se plantarmos carinho, colheremos mais carinho; se plantarmos felicidade para os outros, ela virá em dobro para nós.

Amar é fazer o que deve ser feito e não o que se gosta de fazer. Ora, se a Palavra nos ensina a amar incondicionalmente, então devemos fazê-lo, embora gostemos de ser aéticos, maus, presunçosos e egoístas. Mas para amar como Jesus ensinou é necessário abnegação. O amor é o mandamento que precisamos obedecer para que cresçamos diante do Senhor e, assim, glorifiquemos seu nome. Em todos os casamentos que realizo eu digo para os noivos: “Vocês não se casam para ser felizes. Vocês se casam para fazer o outro feliz”. Quando agimos assim, demonstramos abnegação, renúncia e o desejo de ver o outro bem!

Que o Eterno Deus nos abençoe e dê graça para que aprendamos a amar!

Para refletir e viver

Quando andamos com Deus, aprendemos que o amor é o mandamento que precisamos obedecer. E o Senhor nos ajuda a viver melhor, de maneira que o glorifiquemos.

Aprendemos com João que quando buscamos a felicidade do outro, crescemos no amor, e isso produz graça na relação com as pessoas. E com essa prática na nossa vida damos qualidade à nossa caminhada com Deus.

Capítulo 5

CONSELHOS PRECIOSOS PARA OS FILHOS DE DEUS

(1 João 2.12-17)

Filhinhos, eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome. Pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevo, porque tendes vencido o Maligno. Filhinhos, eu vos escrevi, porque conheceis o Pai. Pais, eu vos escrevi, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o Maligno. Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

Com frequência, a mídia veicula notícias estarrecedoras que nos fazem ver a terrível violência que existe no meio social. Que mundo é este em que vivemos? Um mundo onde não podemos sair à vontade pelas ruas, onde as pessoas só querem o mal das outras, onde criancinhas são jogadas na lata do lixo e mulheres são estupradas, onde a violência está em toda parte!

Nesse texto, João traz uma palavra de conforto e faz uma advertência para que tomemos cuidado com o mundo. Ele traz um encorajamento para nós. O conforto é que aqueles que são de Deus vencem o mundo e têm como bálsamo a Palavra. Estes são fortes no Senhor, têm a vida eterna e o privilégio de não se deixarem levar pelos prazeres passageiros.

O apóstolo João, preocupado com os falsos ensinamentos gnósticos, lembra os filhos de Deus acerca das exigências morais da fé e ética cristãs. Ao mesmo tempo, traz conselhos e encorajamento para o fortalecimento no Senhor Jesus. Ele inicia essa seção apresentando os seguintes argumentos:

Filhinhos, vossos pecados foram perdoados por amor do seu nome.

Vós, pais, tendes conhecido a Cristo.

Jovens, vós tendes vencido o maligno.

Jovens, vós sois fortes e a Palavra de Deus está em vós. Ninguém pode amar o mundo nem o que nele há. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele. O alvo da vida é fazer a vontade de Deus. Assim, a pessoa viverá para sempre.

Esses são os argumentos apresentados por João para os cristãos observarem a ética cristã e a vida moral íntegra. João também desejava encorajar, fortalecer e animar os cristãos para que se sentissem seguros nas promessas do Senhor.

Pelo nome de Jesus nossos pecados são perdoados

João inicia o versículo 12 chamando os cristãos de filhinhos, demonstrando sua preocupação e carinho por eles. João faz questão de iniciar a seção repetindo algo que ele vem enfatizando na epístola, que é a realidade do pecado. No capítulo 1, ele afirma que o sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado (v. 7), que nos tornamos mentirosos se dissermos que não cometemos pecado (v. 8), mas se confessarmos, o Senhor é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça (v. 9), e quem diz que não peca é mentiroso e a Palavra não está nele (v. 10). No capítulo 2, ele diz que, se pecarmos, temos um advogado, o Senhor Jesus Cristo, o Justo (v. 1).

Agora ele repete que, em Jesus, temos o perdão para o nosso pecado. João quis repetir essa verdade porque o homem só percebe a eficácia do Evangelho quando é perdoado. O perdão dos pecados sempre pressupõe a misericórdia de Deus, a sua ação em favor de pessoas que são miseráveis, carentes da sua graça.

A reflexão sobre o perdão nos faz pensar:

Somente com o perdão dos pecados é que alguém passa pela experiência apresentada por João nos versos seguintes. Somente quem tem o perdão pode conhecer a Deus. Somente quem tem o perdão pode vencer o maligno.

Somente quem tem o perdão pode ser forte.

Somente quem tem o perdão pode ter a Palavra no coração para viver.

Somente quem tem o perdão dos pecados pode vencer o mundo.

Não há vida moral cristã se não houver o processo de santificação realizado pelo Espírito Santo de Deus. Se uma pessoa não for perdoada no nome de Jesus, jamais poderá ter esses privilégios mencionados pelo apóstolo João.

Ser perdoado pelo nome de Jesus é ser remido, santificado e justificado. Só alcançamos o perdão por meio do nome de Jesus. Esta é a segurança que o apóstolo João dá a seus leitores, garantindo-lhes que, pelo nome de Jesus, temos o perdão e as demais bênçãos sobre as quais ele discorre no texto.

Pedro disse: “... tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós. Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.10-12).

No nome de Jesus, temos o perdão do nosso pecado. Só ele pode nos lavar e nos purificar de todo o pecado.

Conhecemos o Pai, por isso vencemos o maligno

Por que João usou a palavra pais? Porque ele estava se referindo aos homens mais idosos na igreja. Eram pessoas de maior experiência, e pelo seu conhecimento sobre as questões espirituais produziram frutos na vida diária. Por isso, não era muito fácil para os falsos mestres conseguirem desviá-los da verdade cristã para o gnosticismo. João se dirige aos pais como aqueles que conhecem a Deus desde o princípio, ou seja, desde quando foram tocados pelo Espírito Santo. Ele menciona um conhecimento que não é apenas intelectual, mas, acima de tudo, experiencial.

A) O significado da palavra conhecimento

O verbo *conhecer* era usado numa expressão idiomática judaica para designar a relação sexual entre homem e mulher. Quando o apóstolo escreve: *pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio*, ele usa a

mesma palavra que aparece também em Mateus 1.25, que diz: “Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus”.

Os escritores bíblicos usam a expressão “conhecimento de Deus” para expressar a grande importância do relacionamento com o Senhor. O conhecimento que o cristão tem de Deus é íntimo e semelhante ao que a esposa tem do seu marido.

Como filhos de Deus, temos essa relação íntima com o Pai. Quando cultivamos esse conhecimento de Deus, passamos a saber mais dele e de seus planos, parecemo-nos mais com ele, buscamos agradá-lo e servi-lo mais. Passamos a ver a natureza divina em nós mesmos, por causa do conhecimento que passamos a ter dele. Afinal, somos participantes da natureza divina (2 Pe 1.4)⁸.

b) A força e vitória dos jovens

João também diz que os jovens conhecem a Deus, por isso vencem o maligno. Portanto, há vitória para aqueles que também são novos na experiência de vida. O apóstolo sabe muito bem que os jovens são dotados de força e vigor e, geralmente, concentram suas forças nas atrações e paixões do mundo. Contudo, por meio do relacionamento com Deus, poderão vencer as astúcias do maligno.

Observe o tempo verbal que João usa no versículo 13. A Versão Corrigida traz *vencestes* e a Atualizada *tendes vencido*. Na língua grega, o uso do modo perfeito indica a consequência presente de um evento passado. Portanto, refere-se a alguém que já alcançou a vitória.

Os jovens cristãos são vitoriosos porque obtiveram o perdão dos pecados pelo nome de Jesus. O Senhor deles venceu o mundo cumprindo a vontade do Pai, fazendo tudo o que a lei e os profetas dispunham a seu respeito, enfrentando a morte na cruz do Calvário (Jo 16.33).

c) A vida cristã é caracterizada pela vitória por meio do poder da Palavra

No versículo 14, João volta a reforçar o conhecimento dos anciãos e a força

dos jovens para vencer o maligno. Ele acrescenta mais uma verdade: a Palavra de Deus permanece arraigada neles.

8 CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 241.

João faz os seus leitores enxergarem as inúmeras bênçãos decorrentes de servir ao Senhor. Por termos o perdão dos pecados, no nome de Jesus, temos o privilégio de conhecer a Deus. Somos vitoriosos no confronto com o maligno. Os jovens são fortes, e a palavra permanece neles, assim como nos anciãos. Quando estivermos desanimados, lembremo-nos de que somos fortes. Os jovens sofrem em maior medida as tentações e provas do mundo, mas devem se lembrar de que são fortes no Senhor Jesus. E como afirma Salomão: “O ornato dos jovens é a sua força...” (Pv 20.29).

O jovem tem uma força natural, e aqueles que conhecem a Deus se tornam espiritualmente fortes. Por isso, eles sempre vencem o maligno. Precisamos conhecer o nosso Deus. Quanto mais o conhecemos, mais o adoramos, mais nos aproximamos dele, mais nos identificamos com ele, mais testemunhamos da sua Palavra, mais nos envolvemos com o seu Reino e mais buscamos as coisas do alto.

Paulo escreveu aos efésios: “... para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos...” (1.17).

Não amemos o mundo nem o que nele há, porque o amor do Pai não está em quem ama o mundo

João continua seu raciocínio numa sequência muito lógica. No versículo 15, ele afirma que não podemos amar o mundo nem o que nele há, porque o amor do Pai não está naquele que ama o mundo. O apóstolo conhece o mandamento de Deus para seus filhos, que é amar a Deus com as próprias forças. Por isso, quem ama a Deus não pode amar o mundo. João usa a expressão amar o mundo não no sentido de humanidade, ou do cosmos, da criação. Ele fala sobre o amor ao mundo no sentido ético da palavra. Fala sobre os vícios, as concupiscências da carne, como afirma no versículo 16,

acerca da malignidade do mundo, porque o mundo, do ponto de vista ético, jaz no maligno. Ele fala sobre a podridão mundana, a soberba, o orgulho, a indiferença do mundo, sobre as terríveis imoralidades do mundo.

Quem ama o mundo não pode ter o Pai no coração, em hipótese alguma. Ter o Pai é sinônimo de honestidade, humildade, sinceridade, justiça, paz e amor. A sequência lógica é a seguinte: quem tem o perdão no nome de Jesus tem conhecimento de Deus, vence o mundo, o maligno, tem a Palavra no coração e, conseqüentemente, não ama o mundo nem o que nele há.

Quem serve a Deus não pode servir a outro “senhor”. Portanto, aqueles que conhecem a Deus não podem, em hipótese alguma, ter relação com a maldade do mundo.

O alvo da vida do cristão é fazer a vontade de Deus. Assim viveremos para sempre

João diz, no versículo 17, que o mundo passa. As vantagens que os desejos (concupiscências) terrenos almejam, sem levar em consideração como foram adquiridos, irão perecer, assim como o mundo.

Os gnósticos diziam que a matéria passaria, mas não diziam que os vícios mundanos também passariam, pois eram mestres em se envolver com os prazeres do mundo⁹. João, sabendo dessa realidade, trabalha na mente dos cristãos a verdade de que os desejos do mundo passam muito rápido. Contudo, aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. Aquele que conhece o Salvador, que tem o perdão dos pecados, que venceu o maligno, que busca as realidades celestiais permanece para sempre. Portanto, existe um tipo de vida que não é passageira, mas permanente no Senhor.

Jesus disse: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). Vida eterna é vida com qualidade, para todo o sempre, com Deus. Aqueles que realizam a vontade de Deus têm essa vida e permanecerão para sempre. Quem faz a vontade de Deus ama

⁹ Idem, p. 244.

o próximo e não fica maquinando como destruí-lo. Quem faz a vontade de Deus tem respeito pelo próximo. Quem faz a vontade de Deus anda de maneira correta, porque conhece aquele que é santo, justo e perfeito.

Que o Senhor Deus nos ajude a buscar as coisas do alto para que o conheçamos mais e, assim, não nos apeguemos a nada deste mundo para que vivamos na presença dele.

Para refletir e viver

Aprendemos com João algo muito precioso para o coração: o sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado. E a realidade é que ele não perdoa só alguns pecados. Não é um momento que ele nos perdoa. Ele nos perdoa de todo o pecado e ponto final. O que isso traz de implicações para a nossa vida espiritual:

1. Não temos mais condenação na mente e no coração;
2. Isso nos ajuda a viver em paz com nós mesmos;
3. Temos liberdade na vida e na comunhão com o Criador;
4. A nossa consciência fica livre de qualquer sentimento de culpa do pecado, porque o sangue de Jesus nos traz alívio ao coração.

Um cuidado precioso que devemos ter é que nos tornamos mentirosos se dissermos que não cometemos pecado. Somos pecadores e precisamos assumir isso, mas temos o perdão de Cristo sempre. Por isso, necessitamos assumir quando erramos e por meio do reconhecimento pedimos perdão ao Senhor. João nos ensina que ser perdoado pelo nome de Jesus é ser remido, santificado, justificado. Só alcançamos o perdão por meio do nome de Jesus. Esta é uma segurança vinda pelo nome de Jesus. A grande bênção e preciosidade é que temos o perdão garantido pelo Senhor e Salvador Jesus Cristo de Nazaré. Isso nos dá alegria e motivação para vivermos na busca da santidade e pureza perante o nosso Criador.

Como filhos de Deus, temos uma relação íntima com o Pai. Quando cultivamos o conhecimento de Deus, saberemos mais dele, mais dos seus planos e mais da sua vontade e querer para a nossa vida espiritual. E algo delicioso que acontece na caminhada com Deus é que nos parecemos mais com ele. E o grande resultado é que buscamos agradá-lo e servi-lo mais com um coração totalmente sincero e amoroso.

Algo importante que João nos ensina é que os jovens cristãos são vitoriosos porque obtiveram o perdão dos pecados pelo nome de Jesus. O Senhor deles venceu o mundo cumprindo a vontade do Pai, fazendo tudo o que a lei e os profetas dispunham a seu respeito, enfrentando a morte na cruz do Calvário. Mesmo no meio da pressão terrível que a sociedade impõe para que eles percam o referencial e o seu significado, há graça para eles. Deus os torna fortes para que vençam todas as ciladas e artimanhas do adversário para se desviarem da vontade e querer de Deus Pai. Deus dá força aos jovens pela sua graça. E não é por acaso que Salomão disse que a força dos jovens é o ornato deles.

A vida eterna é algo com qualidade para todo o sempre, com Deus. Que presente Deus nos dá de graça! Vida de qualidade, vida de eternidade que começa aqui na terra. Isso é uma segurança para quem anda com Deus. Não temos medo do amanhã porque a qualidade de vida divina está em nós. Por isso, as palavras esperança e vitória são parte do vocabulário do cristão, que tem a vida de Deus nele.

Capítulo 6

O CRISTÃO PRECISA TOMAR CUIDADO COM OS FALSOS MESTRES

(1 João 2.18-27)

Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora. Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. E vós possuíis unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento. Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai. Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis vós no Filho e no Pai. E esta é a promessa que ele mesmo nos fez, a vida eterna. Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar. Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou.

Há movimentos religiosos e seitas que afirmam que Jesus é apenas um homem sábio. Para alguns, Jesus é apenas um filho, mas não o Deus Filho encarnado. Outros dizem que Jesus é uma força. E ainda há aqueles para quem Jesus não representa absolutamente nada.

Sabemos que Jesus é Senhor. Ele morreu na cruz do Calvário pelo seu povo, com um amor infinito, e está vivo. Nele encontramos o dom da vida, pois ele é o autor da vida, nossa paz, luz e direção. Foi ele quem derramou seu sangue precioso pelo seu povo. Portanto, não temos temor, porque somos conduzidos por ele por meio do seu Espírito Santo, em quem diversos movimentos e seitas também não creem.

João nos ensina que, com a unção do Espírito Santo, andamos sem nos desviar da verdade e do caminho, que é o Senhor Jesus Cristo. Quem confessa o Senhor Jesus tem o Pai, não é enganado pelos falsos cristos e tem vida eterna.

A Igreja enfrentava um duplo perigo: havia elementos dentro da comunidade, os falsos mestres, que ainda tinham algum respeito por Cristo, imaginando ser ele um dos seres divinizados. Eles acreditavam que era possível misturar o cristianismo com outras práticas. Apesar de esses falsos mestres estarem no meio do povo de Deus, não criam na obra expiatória de Cristo. E havia os falsos mestres de fora da igreja. João os descreve como anticristos. Estiveram dentro da igreja, mas, por causa das práticas indevidas, saíram da comunidade cristã. O fato é que a heresia existia fora e também dentro da Igreja. João reflete as duas circunstâncias na epístola. O apóstolo associa os falsos mestres ao anticristo. Eles são os anticristos. Então, o apóstolo mostra para a Igreja que negar a humanidade de Jesus é ser um anticristo. Portanto, os que tais coisas praticavam tinham de ser classificados como não cristãos.

Assim, João traz uma palavra sobre essa questão e menciona os cuidados que os crentes deveriam ter para com os falsos mestres, os anticristos¹⁰. Ao fazer isso, não deixou de colocar em evidência os privilégios que os filhos de Deus tinham como herdeiros da vida eterna em Cristo Jesus.

Tomemos cuidado com falsos ensinamentos dos anticristos, tendo como base a Palavra

No versículo 18, João adverte seus filhinhos quanto à última hora. É uma referência aos últimos dias, o tempo que precederá a segunda vinda do Senhor Jesus. Provavelmente, um tempo de crise no meio do cristianismo, um tempo de dificuldades quanto às doutrinas bíblicas, um tempo de muita apostasia na Igreja.

A) Anticristo e Anticristos

Os cristãos já haviam sido avisados sobre o anticristo pelo próprio Senhor Jesus (Mt 24.23-36). O ponto de vista de João é de que haverá somente um anticristo, embora anunciado de antemão por muitos anticristos, que, segundo o apóstolo, serão seus antecessores espirituais.

João adverte para o fato de que deveriam tomar cuidado com o anticristo, que estaria em lugar de Cristo. Ser anticristo não é ser contra Cristo, mas substituir Cristo. O anticristo se fará passar por Cristo, o Filho de Deus. Ele fará oposição à adoração a Deus, usurpando então a adoração para si mesmo.

Os gnósticos eram a origem do problema enfrentado por João, pois não criam que Jesus fosse o Cristo nem que o Cristo pudesse se fazer homem. Portanto, João os considera como anticristos. No versículo 19,

10 CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 245.

ele diz que estes (que provavelmente são os gnósticos) saíram do meio deles porque, de fato, não eram cristãos. Se fossem, não sairiam, mas permaneceriam na verdade. Eles saíram porque negavam a natureza humana de Jesus.

João diz que isso aconteceu para que se manifestasse que nem todos que estão em nosso meio são dos nossos. Há joio no meio do trigo. No versículo 20, ele diz que os cristãos têm a unção do Espírito Santo em seu coração.

b) Como distinguir o verdadeiro do falso?

Só quem tem o Espírito Santo no coração é que pode seguir o Senhor Jesus Cristo e distinguir o verdadeiro do falso. Aqueles que foram batizados pelo Espírito Santo se identificam com Cristo e com a sua Palavra. Portanto, os tais jamais abandonarão o cristianismo, pois estão selados no Espírito, unidos no Espírito Santo, por meio da obra vicária do Senhor Jesus na cruz do Calvário. Esse é o ensino de João com respeito à distinção dos falsos mestres.

João continua dizendo que aqueles que têm a unção do Espírito Santo conhecem absolutamente tudo acerca de Jesus. Esse é o conhecimento verdadeiro. Ele confirma esse conhecimento afirmando aos cristãos que eles conhecem a verdade, que é Jesus (v. 21). Os que vivem ligados a Jesus, como os ramos à videira, têm a direção do Espírito Santo para perceber quando há ou não mentira no meio da Igreja.

Devemos estar atentos com as pessoas que estão na igreja, mas não têm a unção do Espírito Santo, e tomar cuidado com as heresias, que podem

atrapalhar o crescimento do povo de Deus.

Quem tem o Filho tem o Pai, a vida eterna e a unção do Espírito Santo, mas quem nega o Filho nega o Pai, não tem vida eterna e a unção do Espírito Santo

Quem tem o Deus Filho tem o Deus Pai, e quem nega o Deus Filho nega o Deus Pai. João fez essa afirmação porque os hereges diziam que Jesus não era divino, mas um homem que fora elevado a uma categoria divina. Eles negavam a encarnação de Jesus como o verbo divino. Negando a divindade de Jesus, também negavam o Pai. Quem não faz a confissão do Filho também não tem comunhão com o Pai, pois só Jesus pode representar os homens e reconciliá-los com o Pai. João conforta mais ainda aqueles que têm a unção do Espírito Santo.

Os que confessam o Senhor Jesus têm o Pai, permanecem firmados no Filho e no Pai (v. 24) e têm a promessa de vida eterna. Confessam que Jesus é o Verbo de Deus, que Jesus é o Deus-homem encarnado. Creem naquele que disse: “Antes que Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8.58); “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente...” (Jo 6.51); “... aquele, porém, que beber da água que lhe der nunca mais terá sede” (Jo 4.14); “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (Jo 10.11); “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11.25); “”Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12); “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6); “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo” (Jo 10.9); “Eu sou a videira verdadeira...” (Jo 15.1); “Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22.6); “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21.6).

Portanto, para quem crê que Jesus é tudo isso há uma vida sempre abundante diante de Deus. Há uma vida com muita qualidade que começa aqui na terra, em que o salvo desfruta da comunhão verdadeira com Jesus, aquele que é luz, que é a nossa videira verdadeira, nosso caminho, nossa verdade e nossa vida, que nos conduz ao Pai, que é o bom pastor que deu a vida por nós, que nos tirou das trevas e nos transportou para a sua presença. É uma vida que satisfaz a nossa fome espiritual.

Quem confessa esse Jesus maravilhoso tem esse grande e profundo privilégio, mas a confissão não pode ficar na teoria. Ela tem de se tornar algo prático na vida. A verdadeira confissão acerca de tudo o que Jesus é atinge a alma e o coração e se concretiza na vida diária com ele. Portanto, quem confessa Jesus o tem como a videira verdadeira, a luz, o pão da vida, o caminho, o bom pastor, como o verdadeiro guia para a vida. Ou seja, tem um viver mediado por ele em todo o tempo; tudo na vida está centrado no Senhor Jesus Cristo. Mas quem nega o Senhor Jesus nega o Pai e não tem esse privilégio.

João encerra essa seção dizendo aos cristãos que escreveu essas coisas por causa daqueles que queriam enganá-los na fé, desviá-los da verdade de Deus (v. 26). Ele volta a citar a bênção preciosa que os cristãos tinham no Senhor (v. 27).

João diz que eles receberam a unção do Santo Espírito, ou seja, o selo, a garantia de tê-lo guiando a sua vida, conduzindo-os a toda a verdade de Jesus. Quando ele afirma que não havia necessidade de que alguém os ensinasse, a ideia é de que não precisavam de falsos mestres humanos, que tentavam distorcer a Palavra da verdade, como os gnósticos faziam. Portanto, João diz para os cristãos que o Espírito não ensina algo falso, mas preciosas verdades, como o Senhor ensinara aos seus discípulos. A grande verdade é que a Igreja precisa de mestres. Em Atos temos este ensino: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (5.42).

Veja o que Jesus ensinou: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós outros. (...) mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.16-18, 26).

Estes são os privilégios para aqueles que confessam o Senhor Jesus. Nós, como povo de Deus, confessamos Jesus como nosso Senhor. Por sua graça, temos a unção, a direção do Espírito, que nos conduz a cada dia ao Senhor Jesus. Ele nos ensina as verdades da Palavra, ilumina o nosso caminhar. Isso deve nos levar a um profundo reconhecimento do maravilhoso amor de Deus

para conosco.

Peçamos ao Espírito Santo que nos guie a fim de que saibamos distinguir o que é espiritual e o que não é. Isso trará um bom desenvolvimento na doutrina da Palavra.

Para refletir e viver

Aprendemos com o apóstolo João que só quem tem o Espírito Santo no coração é que pode seguir o Senhor Jesus Cristo e distinguir o verdadeiro do falso. Aqueles que foram batizados pelo Espírito Santo se identificam com Cristo e com a sua Palavra. Aqueles que reconhecem o Senhor na vida têm a capacidade, por graça, de saber discernir o que é verdadeiro e o que é falso. Mesmo porque a Bíblia diz que o Espírito Santo é quem nos convence acerca da verdade, do juízo e da justiça. Algo que devemos pensar e agradecer muito ao Deus eterno é que ele nos dá uma vida com muita qualidade que começa aqui na terra. Nós, que somos salvos pela graça e misericórdia do Senhor, desfrutamos da comunhão verdadeira com Jesus, aquele que é a nossa luz. Essa vida satisfaz a nossa fome espiritual. Jesus Cristo, quando nos dá essa vida, enche o nosso caminho da verdade e da sua paz.

Por causa desse grande e profundo privilégio da vida eterna em Jesus, devemos render glórias e mais glórias ao Deus eterno!

Capítulo 7

ADVERTÊNCIAS E PROMESSAS PARA A VIDA

(1 João 2.28 – 3.1-10)

Filhinhos, agora, pois, permanecei nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda. Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele. Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo. Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro. Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado. Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão.

Nos dias de hoje, seguir a Cristo deixou de ser um projeto radical de vida e serviço para ser um novo símbolo de *status*. As pessoas não se preocupam mais em servir a Jesus como se fosse o último dia da vida delas aqui na Terra. Servem a Cristo visando ao fim lucrativo, sucesso, fama etc. No entanto, a felicidade em servir ao Senhor não está nessas coisas, e sim em saber que Cristo é a salvação.

Nele, o homem é nascido de novo; nele, acontece o perdão absoluto dos pecados. Em Jesus, o homem pode viver uma vida santa, correta e digna, mas, infelizmente, temos presenciado um cristianismo fraco, vazio e sem vida. Um cristianismo de gente que posa nua no teatro e diz que é nu artístico; que participa de rifa na igreja, ganha e diz que ganhou porque teve fé; que investe em telessexo e diz que é “evangélico”; que exhibe o corpo quase nu para o público e diz que é “evangélica”. Por isso, temos visto um cristianismo raso e pobre, cheio de pecados e erros, absolutamente sofrível e sem vida.

João adverte os cristãos a serem cuidadosos, lembrando-lhes dos privilégios que têm no Senhor Jesus. Eles devem ter uma vida pura, que não combina com a prática do pecado. João distingue aquele que é de Deus daquele que é do diabo.

Ele trata da manifestação do Senhor Jesus Cristo e encoraja os cristãos para que tenham esperança na vinda do Senhor. Assim, trabalha a importância de essa esperança ser almejada com uma vida santificada. Os que têm esperança se purificam de tudo o que atrapalha a comunhão com o Senhor Jesus Cristo. Com santidade, podem ter confiança perante o Senhor e, assim, estar sempre preparados para sua vinda, como servos fiéis.

Para João, só os que são de Deus podem viver uma vida santa e distante do pecado. Só os que são filhos de Deus podem ter uma vida de justiça, de seriedade e retidão. Aqueles que são nascidos de Deus compartilharão da própria natureza do Filho de Deus.

A prova de que alguém é verdadeiramente cristão não é apenas o fato de ir à igreja e ser uma pessoa ortodoxa. Acima de tudo, é preciso ter uma conduta reta e santa. O comportamento incorreto e impuro é inimaginável para o cristão que aprende sobre o propósito da manifestação do Senhor Jesus Cristo pela segunda vez¹¹.

A realidade da segunda vinda de Jesus nos motiva a viver de maneira sincera

João exorta os cristãos a permanecerem no Senhor Jesus para que, quando ele vier, tenham mais confiança e não sejam confundidos (v. 28). A ênfase para que o cristão permaneça firme em Jesus é porque ele se resguarda do erro e se

prepara para a volta do Senhor.

Permanecendo em Cristo, em comunhão constante, estaremos preparados para o dia da sua vinda e manteremos nossa vida em retidão.

A) O salvo se prepara para a segunda vinda de Cristo

O salvo aguarda de modo confiante o aparecimento do Senhor Jesus porque tem a promessa de vida eterna nele. Portanto, não precisamos temer nenhum julgamento, pois o nosso Deus já nos julgou na cruz do Calvário, por meio do Senhor Jesus Cristo. Nossa confiança está baseada na lealdade e santidade do Senhor Jesus. Só confia quem já aprendeu sobre o Senhor Jesus.

João trata dessas questões como algo importante na vida. O propósito é nos prepararmos para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. O objetivo de João é que ninguém seja apanhado no erro e, assim, fique envergonhado diante do Senhor por causa da vida errada e incorreta.

11 STOTT, John. *1, 2 e 3 João - Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 100.

João diz que a confiança no Senhor nos leva a ter a certeza de que ele é justo e também o nosso justificador. Por isso, somos nascidos dele (v. 29). Por causa da justiça de Cristo, temos as condições dadas por ele mesmo para praticarmos a justiça. E tudo isso com esperança e confiança na sua vinda, para que permaneçamos sempre com ele, fiéis a ele e fazendo sua vontade sempre. Assim, não o envergonharemos como suas testemunhas.

A confiança em Jesus nos dá liberdade para chegarmos diante dele e esperarmos nele. Aqueles que têm essa confiança e praticam a justiça são nascidos dele. Estes possuem o caráter do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tais pessoas demonstram, pelo seu viver, que foram regeneradas pelo Senhor.

b) O salvo reconhece a grandeza do Amor divino

A confiança que temos como remidos, a esperança na vinda do Senhor, o fato de sermos nascidos de Deus e habilitados por Jesus para praticarmos a justiça nos levam a um estado de alegria na presença do Eterno Deus. Como João

afirma: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus...” (3.1). O amor de Deus nos causa grande espanto. Ele nos amou incondicionalmente, por isso enviou o Senhor Jesus ao Calvário para nos fazer filhos dele, não por mérito nosso, mas por causa do seu grande amor. Por essa razão o mundo não nos conhece nem nos compreende, porque não conhece o amor do Pai.

O amor de Deus é loucura para o mundo. De fato, as coisas espirituais são loucura para o mundo, pois elas só se discernem espiritualmente. Só quem foi tocado pela graça divina é que pode conhecer um pouco desse amor e viver a realidade dele, para com o seu povo, em Cristo Jesus. Só quem tem a mente de Cristo é capaz de entender o que é ser filho de Deus, isso tão somente pela graça. Brennan Manning afirma:

Devemos conhecer o amor e o poder de Deus com um conhecimento maior do que o nosso porque eles estão além da simples capacidade humana de conhecer. Devemos conhecê-los com a mente do próprio Cristo. Esse é o encontro redentor cristão básico. É o movimento da crença à experiência pela ponte da fé. A fim de nos comprometermos com um discipulado radical, a fim de vivermos com a assinatura de Jesus escrita nas páginas de nossa vida, precisamos da força e do encorajamento de outros cristãos. Porém nossa necessidade mais profunda é do inesgotável poder do amor de Cristo. O milagre do cristianismo está no fato de que essa necessidade já está satisfeita. Por meio de uma vida séria de oração, tornamo-nos cônscios de que já temos o que buscamos. Pela fé chegamos à consciência do que já está de fato lá. O poder reside dentro de nós, excedendo de tal forma nossa necessidade que o contato consciente com ele nos arrebatava para fora de nós mesmos, além de qualquer coisa que tenhamos imaginado ou desejado, para dentro da realidade que é Cristo¹².

c) O sAlvo tem umA novA nAtureza

João afirma que os seus leitores amados são filhos de Deus, ou seja, são salvos (3.2). Ser filho é ser naturalmente nascido do Pai, é possuir a natureza do Filho de Deus, é ser semelhante ao Pai. A salvação é o sinônimo de ter a filiação de Deus. O próprio João disse: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome...” (Jo 1.12).

Como filhos de Deus, ainda não somos o que haveremos de ser. Pecamos, somos corrompidos em nosso interior por causa da natureza humana. Mas quando o Senhor Jesus vier, transformará o nosso corpo corruptível em incorruptível. Teremos um corpo semelhante ao dele, totalmente glorificado. Não teremos mais a presença do pecado em nós para nos perturbar. Por isso, cantaremos louvores ao Cordeiro, que nos lavou dos nossos pecados na cruz do Calvário.

12 MANNING, Brennan. *A assinatura de Jesus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 13.

Vejamos como é importante entender a ordem do versículo 2. Primeiro, o *Senhor Jesus há de se manifestar*. Depois disso, seremos semelhantes a ele. É o que Paulo diz em Filipenses 1.6: aquele que começou a boa obra a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus. É também o que ele expressa em 2 Coríntios, quando diz que temos confiança e desejamos deixar este corpo para habitar com Cristo (5.8). Finalmente, é a ideia presente em 1 Coríntios 15.52: seremos transformados, num abrir e fechar de olhos, depois que a última trombeta tocar.

E assim, na esperança de que somos filhos dele, de que temos a sua semelhança, de que somos nascidos dele, de que somos justificados por ele, de que um dia seremos totalmente transformados por ele, de que temos o amor do Pai, vivamos uma vida santa, correta, digna, pura e séria diante dele¹³.

Quem é filho de Deus procura ser puro como o Senhor. Está aqui a razão de tudo o que João observou até o versículo 2 do capítulo 3. É o que Jesus disse aos seus discípulos: “Portanto, sede vós perfeitos [santos] como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48).

Nossa vida cristã não pode ser uma brincadeira. A vida tem de ser séria diante de Deus, pois o preço para sermos feitos filhos de Deus, nascidos dele, foi muitíssimo alto. Ele tirou algo de dentro de si mesmo para nos resgatar das trevas e nos transportar para o Reino do seu Filho a fim de que tenhamos uma vida reta, digna e santa. Seremos, assim, a cada dia, felizes, bem-aventurados e teremos a bênção de Deus. Como diz o salmista: “... o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente” (Sl 84.11).

Aprendamos com João que temos o privilégio de sermos filhos de Deus e a futura vinda do Senhor Jesus nos motiva a ter uma vida reta e santa diante dele.

13 STOTT, John. 1, 2 e 3 João... cit., p. 103.

Os que são filhos de Deus têm uma vida que não combina com a prática do pecado

No versículo 4, João ensina que o pecado é transgressão da lei de Deus. Pecar é errar o alvo da lei, é se desviar dela. Pecado é corrupção que perturba o bem-estar do povo de Deus. Pecar é se desviar de uma vida de retidão.

Quando alguém vive na prática do pecado, não entende nem espera a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. No versículo 5, João diz que Jesus veio, na primeira vez, para tirar nossos pecados. Nele não há nenhum pecado.

Na verdade, a melhor compreensão desse versículo é a seguinte: Jesus veio para obedecer à lei e morrer em nosso lugar a fim de tirar nossa condenação, não a natureza pecaminosa. E, fazendo isso, não cometeu pecado algum, apenas se fez pecado para riscar a cédula divina que era contra nós e lançá-la na cruz do Calvário.

No versículo 6, João desenvolve a ideia de que os que permanecem em Jesus não vivem pecando. Vale lembrar que o sentido do verbo pecar é a de estar habitualmente no pecado, na prática constante dele. A conotação é de alguém que trabalha em alguma coisa sempre. O apóstolo se refere à prática constante do pecado, mas quem permanece em Jesus não vive nesse processo. Quando o cristão peca, é apenas um acidente de percurso. Porém, os que não conhecem a Deus por experiência própria vivem na prática do pecado.

No versículo 7, João diz que devemos tomar cuidado com os enganadores de fora (provavelmente ele se refere aos ensinamentos dos gnósticos, que tinham uma vida libertina, totalmente comprometida com a prática do pecado). Ele lembra que quem anda em retidão é semelhante ao Senhor Jesus, santo, no sentido de fazer o que ele requer na sua Palavra, de ser separado para toda boa obra. Quem não vive em santidade é do diabo. Satanás é o autor do pecado e peca desde a sua queda. Ele trabalha na prática do pecado. O Filho de Deus se

manifestou para, na cruz do Calvário, desfazer as obras do diabo (v. 8). Lá no Calvário, o Senhor Jesus pisou a cabeça da serpente e aniquilou as obras das trevas. Lá o diabo foi acorrentado, amarrado para sempre, no sentido espiritual.

No versículo 9, João fortalece novamente a ideia de que aqueles que são nascidos de Deus não vivem no pecado, porque permanecem em Cristo. O raciocínio de João é muito lógico: quem é nascido de Deus não terá uma vida cristã que combina com a prática do pecado porque tal pessoa tem comunhão com o Senhor Jesus. Então, não há como permanecer em Jesus e ter na vida prática obras das trevas. O cristão pode até cair, errar o alvo, mas isso será apenas um acidente de percurso.

No versículo 10, João fecha essa seção fazendo a separação entre quem é de Deus e quem é do diabo. Ele diz que os que são de Deus se manifestam por meio da prática da justiça e do amor para com o próximo. Os que são do diabo se manifestam pela prática da injustiça e pelo ódio para com o próximo. Estes com certeza têm uma vida que se coaduna com o pecado.

Os ensinamentos preciosos para a vida cristã são: 1) A realidade da segunda vinda de Jesus nos motiva a viver de maneira correta e sincera. Aprendamos com João a lição sobre o privilégio de sermos filhos de Deus e a futura vinda do Senhor Jesus. Isso nos motiva a ter uma vida reta e santa diante dele; 2) Os que são filhos de Deus têm uma vida que não combina com a prática do pecado, porque são nascidos de Deus, gerados de novo, são novas criaturas e foram lavados pelo sangue do Cordeiro que morreu na cruz do Calvário.

Hoje vivemos em comunhão com o Senhor Jesus Cristo. Portanto, que o Senhor Deus aja em nós para que valorizemos esses ensinamentos na prática para que, a cada dia, o glorifiquemos em nosso viver diário!

Para refletir e viver

João traz uma verdade que mexe com o nosso coração e traz alívio profundo. A nossa confiança sempre está baseada na lealdade e santidade do Senhor Jesus. E a verdade é que só confia quem já aprendeu sobre o Senhor Jesus na vida e no coração. E no que isso implica para a vida?

1. Nunca temos medo da morte;

2. Sabemos que iremos desfrutar para sempre de uma comunhão com a Trindade Santa;

3. Não importa a crise que tivermos de enfrentar, temos a garantia da presença bondosa de Deus em nosso coração.

Um dos ensinamentos que João traz para nós é que ser um filho do Pai é ser naturalmente nascido dele. É possuir a natureza do Filho de Deus, é ser semelhante ao Pai. A salvação é o sinônimo de ter a filiação de Deus. Então recebemos a graça de termos a restauração daquela imagem que foi rompida no Éden. Quando somos tocados pela graça, somos adotados por Deus por meio do seu Filho. Recebemos o dom da graça de sermos filhos da Trindade. É como na parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32): ele rompe com o pai, mas quando é tocado pela graça, cai em si e retorna à casa do pai, que o recebe com graça. Ele lhe dá roupas e sandálias novas e um anel. É isso que temos quando nos tornamos filhos de Deus Pai. Recebemos roupagem nova e somos tratados como filhos. E no que implica tudo isso?

9 Temos o amor e o carinho do Pai sempre;

9 No meio da dor e do sofrimento podemos contar com o Deus que olha e cuida de nós;

9 Como diz um grande amigo numa de suas canções: “Longe de casa, longe de casa, dura pouco a ilusão. Longe de casa, longe de casa, adoece o coração e não há ninguém por perto, longe de casa é um deserto. Longe de casa, longe de casa, só há solidão” (Longe de Casa, de Gerson Borges).

João nos ensina que quem é nascido de Deus não terá uma vida cristã que combina com a prática do pecado porque tal pessoa tem comunhão com o Senhor Jesus. Portanto, errar o alvo na vida espiritual será apenas um acidente de percurso.

Capítulo 8

O SERVIÇO CRISTÃO: QUAL É A LEI DO AMOR DE DEUS?

(1 João 3.11-18)

Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros; não segundo Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas. Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia. Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si. Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.

Um momento especialmente marcante do filme *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg, é quando o personagem Oscar Schindler recebe um anel em agradecimento por ter salvado a vida de 612 judeus. Schindler o recebe, começa a chorar e diz: “Se eu tivesse vendido meu carro, teria salvado mais dez vidas; se tivesse dado meu broche, teria salvado mais três vidas. Se não tivesse gastado tanto, eu teria salvado muitas vidas”. Então ele chora muito e é consolado pelos judeus. Isso nos faz pensar na vida cristã, no amor que devemos ter pelo próximo, a ponto de nos despojarmos de tudo para dar valor a uma vida.

João traz profundas e desafiadoras lições para que o amor ao próximo seja algo mais concreto. Ele ataca os gnósticos, acusando-os de falta de amor, porque estavam em trevas e não tinham recebido a iluminação do Espírito Santo. Os cristãos, por sua vez, se amam mutuamente, porque andam na luz de Deus. Portanto, quem tem comunhão com Deus consequentemente tem com o próximo. João trata aqui do contraste entre os filhos de Deus e os filhos do diabo. Ele escreve sobre o amor e o ódio, a vida e a morte,

assassínio e sacrifício próprio em favor do próximo¹⁴. Também fala sobre a necessidade de o cristão imitar o Senhor Jesus, o maior exemplo de amor.

O que João nos ensina?

A mensagem de Deus é que nos amemos uns aos outros

“Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta...” (v. 11). A mensagem mencionada é a do Evangelho de Cristo, a palavra do Senhor Jesus, em contraste com a falsa mensagem que os gnósticos impingiam à Igreja. João reforça a mensagem que os cristãos ouviram: Deus é luz, e não há nele treva nenhuma; Deus é amor e requer que os seus filhos o imitem. Eles ouviram essas verdades desde quando tiveram um encontro com o Senhor. João resume a mensagem numa frase pequena, mas muito profunda e significativa: “Que nos amemos uns aos outros”. O apóstolo sabe que o essencial na vida é amar a Deus e ao próximo. Ele sabe que na vida do ser humano tem de existir o amor, senão ela não tem sentido.

João ensina a difícil missão do amor para com o próximo. Sem amor não existe cristianismo, sem amor não nos identificamos como discípulos do Senhor Jesus. Foi ele mesmo quem afirmou isso: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.35).

Este é o coração do Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo: o amor ao próximo. É comum cuidarmos muito bem de nós mesmos, zelarmos por aquilo que é nosso e nos preocuparmos com nosso bem-estar. O mandamento de Deus nos mostra que devemos transferir isso para o nosso próximo, como o Senhor nos exorta na Palavra.

Quem não ama pode ter a grande certeza de que não é de Deus, pois Deus é amor. Quem não ama não conhece a Deus. É muito importante que compreendamos que no eterno propósito de Deus fomos criados para adorá-lo e amá-lo.

Nosso amor ao Pai se reflete no amor para com a sua criação. Ou seja, quando amamos o próximo, consequentemente amamos o Criador. O ser de Deus é um ser relacional. Sem o conceito de comunhão é impossível falar sobre a realidade de Deus. A comunhão é a razão de ser do homem¹⁵.

Crescer na experiência do amor e da caridade para com o próximo é crescer em direção à imagem de Deus e se tornar mais unido a ele. O amor precisa ser direcionado a outra pessoa para que se constitua em verdadeiro amor.

Quando não amamos o próximo, cometemos um grande erro diante do nosso Deus¹⁶. Se quisermos ser absolutamente felizes e abençoados, então precisamos cumprir o mandamento de Deus para a nossa vida, que é o amor para com o próximo. Calvino disse algo importante sobre o amor: “A totalidade da retidão na vida cristã está inclusa no amor fraternal para com o meu próximo”.

O escritor e teólogo Ricardo Barbosa, em seu livro *O caminho do coração*, diz: “Ir contra o amor é ir contra Deus. Negar a comunhão, optar pelo individualismo, é negar a natureza essencial de Deus e nossa vocação cristã”¹⁷.

14 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 120.

15 SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração*. Curitiba: Encontro, 1995, p. 62. 16 Idem, p. 64-65.

O amor é o antônimo do ódio e do cinismo

“... não segundo Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas” (v. 12).

O exemplo de Caim nos mostra como não devemos agir com nosso irmão, já que é um mandamento de Deus que amemos o próximo. Caim odiava seu irmão e tinha inveja dele. Ele estava em débito quanto ao amor a Deus, e isso se refletiu na atitude com Abel. Vendo que seu irmão desfrutava do amor divino, ficou incomodado, teve ira e ódio no seu coração e daí nasceu o homicídio.

Com isso, Caim se rebelou contra o próprio Deus. Ele não demonstrou ser temente a Deus e agiu como um servo do maligno, porque foi maldoso para com o próximo. Portanto, diferentemente do seu irmão, suas obras eram totalmente más.

A advertência é séria demais para nós. Devemos fazer o bem e não o mal. Quando assassinamos nosso próximo no coração, agimos como aquele que é homicida desde o princípio, Satanás. Quando matamos o nosso irmão, seja em atitudes ou palavras, praticamos obras más.

Todas as vezes que encontramos Jesus com os joelhos dobrados, nenhuma é

mais preciosa do que quando se ajoelhou diante de seus discípulos e lavou os pés deles. Isso aconteceu antes da Páscoa. Jesus sabia que sua hora de deixar este mundo e ir para o Pai tinha chegado. Tendo amado os seus que estavam no mundo, mostrou-lhes

17 Idem, p. 72.

o alcance pleno de seu amor. O texto sagrado no Evangelho de João diz: “Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (Jo 13.1-5).

Tinha sido um longo dia. Jerusalém estava lotada com os que haviam ido celebrar a Páscoa, e a maioria desejava dar ao menos uma olhada no Mestre. Como diz Max Lucado:

As ruas estavam secas. Os discípulos estavam longe de casa. Uma boa borrifada de água fria seria refrescante. Os discípulos entraram, um a um, e tomaram seus lugares em volta da mesa. Na parede está pendurada uma toalha, e no chão há uma jarra e uma bacia. Qualquer dos discípulos poderia ter-se oferecido voluntariamente para fazer a tarefa, mas ninguém se ofereceu. Depois de alguns poucos momentos, Jesus se levanta e tira sua túnica exterior. Envolve na cintura a faixa do servo, pega a bacia e se ajoelha diante de um dos discípulos. Desata a correia da sandália, e com suavidade levanta o pé e o coloca dentro da bacia, cobrindo-o com água, e começa a lavá-lo. Um por um, um pé sujo após outro, Jesus avança na fileira. Nos dias de Jesus lavar os pés era uma tarefa reservada não apenas para os criados, mas para o mais baixo dos criados. Todo círculo tem sua própria ordem, e o círculo dos trabalhadores domésticos não era a exceção. O servo que estava no ponto mais baixo na escala era o que tinha que ajoelhar-se com a toalha e a bacia. O sol da primavera era cálido. Nesse caso, quem estava com a toalha e a bacia era o Rei do universo. As mãos que formaram as estrelas agora

lavavam a sujeira. Os dedos que formaram as montanhas davam massagens aos dedos dos pés. Aquele diante de quem todas as nações um dia dobrarão os joelhos, ajoelha-se diante de seus discípulos. Horas antes de sua morte, a preocupação de Jesus é singular. Quer que seus discípulos saibam quanto os ama. Mais do que tirando sujeira, Jesus está tirando dúvidas¹⁸.

Jesus sabia o que aconteceria com suas mãos na crucificação. Em vinte e quatro horas seriam furadas e ficariam sem vida, para que tivéssemos o perdão divino.

Observemos o que Jesus faz a seus seguidores: ele ama e lava os pés de gente que não vale nada e tem dificuldade de amar. Jesus, na cruz do Calvário, perdoou nosso pecado antes de o cometermos. E o que temos feito com o nosso próximo? Temos negado perdão e graça para ele? Ou temos nos identificado com Caim, que odiava seu irmão, por isso o assassinou? O exemplo de Caim não tem a ver com o lava-pés, mas com ódio, rancor, inveja e destruição do próximo.

Aprendamos, pois, este ensino de João: o amor é o antônimo do ódio, e o bem é o contrário do mal.

O amor é a única força que reverte o processo de ódio, de morte e aborrecimento

“Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia. Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte” (vv. 13-14).

João diz que o mundo sempre odiará a Igreja por causa da prática do amor. Será sempre assim. Assim como o imperador Nero perseguia e odiava a Igreja, hoje também ela é perseguida por causa do amor. A advertência de João é para que os cristãos tomem cuidado com isso e não se esqueçam de que eles já passaram da morte para a vida. Só está morto para Deus aquele que tem ódio no coração. Tal pessoa aborrece, destrói e comete homicídios.

18 LUCADO, Max. *Simplesmente como Jesus*. Minas Gerais: Betânia, 1999, p. 17.

A verdade é que só quem é discípulo do maligno, só quem vive nas trevas é

que comete essas coisas. Quando estamos revestidos do amor de Deus, reverteremos todos os processos de morte e aborrecimento do nosso próximo.

O amor é a base para todas as virtudes. Portanto, produz compreensão e respeito pela vida do próximo, ao contrário do ódio, que é sinônimo de morte, de aborrecimento, de assassinato.

“Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si” (v. 15). Essa é a conduta de uma pessoa que não tem o amor de Deus no coração. Ela destrói, mata, não só no sentido físico, mas com atitudes e palavras. E João afirma que aquele que não ama seu próximo está morto.

Andar nas trevas é mortífero, mas quem ama reverteu todos os processos de morte porque o amor faz desaparecer todas as trevas. Então não há como odiar o próximo.

João diz que sabemos que passamos da morte para a vida, ou seja, das trevas para a luz de Deus, porque amamos o nosso irmão. Portanto, uma das formas de sabermos se não estamos em trevas é se amamos nosso próximo. O amor é a única força que faz com que não odiemos nosso próximo.

Uma frase de Henri Nouwen mexeu muito comigo: “Ninguém pode satisfazer todas as suas necessidades”. Isso nos faz lembrar que, para sairmos do choro e da nossa dor, precisamos de alguém que nos ame e nos abrace. Alguém que dê um ombro amigo. E no meio do ódio jamais encontramos isso. No meio do amor divino vemos alguém que pode satisfazer as nossas necessidades, alguém que pode olhar para o nosso choro interior e nos dar o amor de Deus e não o ódio.

Em seu livro *Adam, o amado de Deus*, Nouwen conta sua experiência em Daybreak, o lugar em que passou a última década de sua vida e se tornou um tempo de transformação radical. Foi uma transição muito difícil, num primeiro momento. Acostumado a se dirigir a grandes plateias de admiradores, achava irritante falar para pessoas que não compreendiam palavras muito compridas, que roncavam, babavam e faziam movimentos espasmódicos durante suas homilias¹⁹.

19 YANCEY, Philip. *Alma sobrevivente - Sou cristão, apesar da igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 323.

Nouwen descobriu que suas palavras bonitas e sua argumentação tinham pouca relevância para os internos. Para aqueles corpos e mentes danificados, o rico currículo do escritor não significava nada. Eles sequer podiam ler seus livros. Tudo que importava era se ele os amava. Sendo um sacerdote que não sabia nada sobre as tarefas domésticas comuns – cozinhar, passar, cuidar de crianças –, ele se viu completamente desajeitado quando lhe foi pedido que cuidasse dos doentes.

Com o tempo, porém, ele passou a amá-los. E no nascimento da compaixão por aquelas pessoas com corpos defeituosos ao seu redor, ele começou, pelo menos, a perceber quanto Deus poderia amar uma pessoa ferida como ele mesmo.

Em Daybreak, Nouwen aprendeu sobre alegria, paz, amor, cuidado e oração, coisas que, dizia ele, jamais poderia aprender nos meios acadêmicos. Nouwen se ligou de tal modo àquelas pessoas, tornou-se tão dependente delas, que começou a levá-las consigo quando viajava para fazer alguma conferência. Enquanto palestrantes conhecidos cobravam honorários de cinco a dez mil dólares, Nouwen pedia apenas 500 dólares (os quais eram entregues à Daybreak) e uma passagem de avião para ele e seu acompanhante.

O escritor Philip Yancey relata que um repórter do *The Wall Street Journal* se lembra de sua participação numa dessas reuniões na Carolina do Norte. Quando Nouwen convidou seu amigo Bill – o mesmo que interrompeu o culto para falar ao microfone –, o repórter pensou consigo mesmo que as pessoas viajaram de longe para ouvir Henri Nouwen e não Bill²⁰. Nouwen ficou ao lado de Bill para lhe dar apoio. Bill olhou para a plateia, e as palavras lhe fugiram. Ele ficou paralisado. Simplesmente colocou a cabeça no ombro de Nouwen e chorou. Muito do que Nouwen disse foi esquecido por seus ouvintes, mas não a lembrança de Bill descansando sua cabeça nos ombros do padre.

Mas o que quero destacar aqui é a missão que Nouwen tinha em Daybreak. Ele foi designado para cuidar de uma pessoa em especial,

20 Idem, ibidem.

Adam, que era a pessoa mais fraca e incapacitada da comunidade. Apesar de estar na casa dos vinte anos de idade, Adam não podia falar, vestir-se e caminhar sozinho, nem sequer se alimentar sem ajuda.

Em vez de aconselhar estudantes das escolas mais prestigiadas dos Estados Unidos ou de administrar uma agenda superlotada, Nouwen precisou aprender uma série de novas habilidades: dar comida, trocar a roupa e dar banho em Adam; segurar seu copo enquanto ele bebia água; empurrar sua cadeira de rodas por um caminho esburacado. Ele ministrou não a líderes e intelectuais, mas a um jovem que, para muitos, era considerado apenas um vegetal, uma pessoa inútil que não deveria ter nascido. Mas Nouwen gradualmente aprendeu que ele, não Adam, era o maior beneficiário daquela estranha e desajustada relação.

Das horas passadas com Adam, Nouwen obteve uma paz interior que fez com que suas outras tarefas, mais intelectuais, parecessem desinteressantes e superficiais. Sentado ao lado daquela criança adulta e silenciosa, ele percebeu quão obsessiva e marcada pela competição e pela rivalidade era sua busca pelo sucesso no meio acadêmico. Nouwen aprendeu que “o que faz de nós humanos não é nossa mente, mas nosso coração; não nossa habilidade de pensar, mas nossa capacidade de amar. Todo aquele que se refere a Adam como sendo um vegetal ou uma criatura semelhante a um animal deixa de ver o sagrado mistério de que Adam é plenamente capaz de dar e receber amor”²¹.

Vale lembrar de novo que João mostra claramente que a pessoa que não ama o seu próximo está morta, mas quem abraça diz não para o ódio e o desprezo e vê um Adam de Deus nos outros. Na realidade, nós somos os “Adams” que precisam ser tocados e amados, ouvidos e cuidados pelos outros como canais da graça divina.

Talvez a nossa oração devesse ser: “Senhor, ajuda-nos a combater a soberba e o ódio que há dentro de nós, porque isso nos impede de amar e nos dar para o próximo”.

21 NOUWEN, Henri. *Adam, o amado de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 25. Devemos amar como Cristo nos amou, ele é o nosso modelo

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (v. 16).

Depois de ter mostrado que o amor é a evidência da vida cristã, João ensina que a essência do amor é o sacrifício próprio, o qual se manifestou de maneira perfeita em Cristo e, portanto, deve caracterizar a vida do seu povo também.

O ódio é negativo, procura o mal do outro e leva a uma atitude de assassinato. O amor, ao contrário, é positivo, procura o bem do outro e leva a uma atividade do bem, de estar a favor do outro, a ponto de se sacrificar²². E foi exatamente isso o que o nosso Senhor Jesus Cristo fez na cruz do Calvário. João diz que conhecemos e compreendemos o amor nisto: que Deus, em seu Filho, demonstrou seu amor, dando sua própria vida por nós. Com esse exemplo, devemos fazer o mesmo.

É interessante observarmos o que João declara nesse versículo: Jesus deu a sua vida por nós. Aqui está o desdobramento de João 3.16. Imitando Jesus, devemos dar a vida pelos nossos irmãos.

O protótipo do amor é o Senhor Jesus Cristo. John Stott diz que a vida de uma pessoa é sua posse mais preciosa, e é essa posse que o Senhor pede para darmos ao nosso próximo. E o amor de Jesus nos ensina a ter o impulso de dar amor e graça para os outros cada vez mais.

Somente com o mover dele mesmo é que podemos fazer isso. Dar significa se oferecer sem retorno. É um serviço benéfico ao próximo, é uma doação total da vida. Quando atentamos para esse ensino da Palavra de Deus, compartilhamos as dores, as feridas, a dor do pecado e as fraquezas do nosso próximo, além de nos tornarmos mais humanos. Assim, habilitamo-nos a experimentar o poder e a graça de Deus, o que nos torna mais capazes de socorrer nossos irmãos e irmãs.

²² STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 123.

* * *

Ao reler o livro *Alma sobrevivente*, fiquei emocionado quando o autor citou a visita que Nouwen fez ao Museu Hermitage, em São Petersburgo, Rússia. Ele se assentou diante do quadro “A volta do filho pródigo”, de Rembrandt, e passou a meditar nele. Nouwen não teve problemas para se identificar com o irmão mais velho, pois aquela fora sua posição natural na vida, treinado desde jovem para ser um padre virtuoso. Também não tinha problemas para se identificar com o próprio filho pródigo, pois uma inquietação interna o

levava a confrontar seu próprio “eu” profundamente carente e a lançar-se sobre a misericórdia do Pai. Ao se projetar na figura do pai, ele se recolheu. Para ele, o pai sempre foi um personagem poderoso e distante, alguém que inspirava temor. Não no quadro de Rembrandt, porque a mão direita colocada sobre o ombro do pródigo é macia e carinhosa. A cabeça do pai está carinhosamente inclinada para o lado, e ele se curva para encurtar a distância entre ele e seu filho. Ao fazê-lo, sua confortável capa vermelha se estende como as asas de um pássaro protetor.

Nouwen se lembra da imagem que Isaías teve sobre Deus: “Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti” (Is 49.15). Também se lembrou do clamor maternal de Jesus, como o de uma galinha que reúne os pintinhos debaixo de suas asas (Mt 23.37). Ele percebeu que a imagem que tinha de Deus Pai precisava de grande correção.

Enquanto meditava mais sobre isso, teve um grande *insight* sobre aquela parábola: o mistério de que o próprio Jesus havia se tornado uma espécie de pródigo por nossa causa. Ele deixou a casa de seu Pai celestial, veio a um país estranho, deu tudo o que tinha e, por meio da cruz, voltou à casa de seu Pai.

Tudo isso ele fez não como um filho rebelde, mas como o filho obediente, enviado para trazer de volta todos os filhos perdidos de Deus. Com o devido cuidado na análise da parábola, no sentido espiritual, Jesus é o filho pródigo do Pai, que também é pródigo. Jesus Cristo abdicou de tudo que o Pai lhe confiara para que pudéssemos ser como ele é e assim, por meio dele, voltássemos para a casa do Pai²³.

Realmente, na parábola do filho pródigo aprendemos de alguma maneira que o amor de Deus nos convida para sermos como ele. Deus nos mostra que devemos dar aos outros a mesma compaixão que ele mostra a nós. Ele nos convida para alcançar os feridos e necessitados, para demonstrarmos amor e graça para com os perdidos. Como? Por meio do amor com o qual o Senhor Jesus Cristo nos amou na cruz do Calvário.

O verdadeiro amor se traduz em ação prática

“Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (v. 17).

O amor exige a ação, pois quem ama se preocupa com o próximo. Quem ama não pode permitir que o próximo passe necessidade. Não pode fechar o coração, recusando ajuda ao seu próximo. Como estará o amor de Deus em tal pessoa?

Aqui está um texto que nos incomoda, porque temos falhado nessa questão, não temos cuidado do nosso próximo: “... então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo,

23 YANCEY, Philip, op. cit., p. 326.

lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer” (Mt 25.34-45).

Esse texto me chama a atenção para a importância que a Igreja tem na vida das pessoas em termos de ação, de prática de vida e de amor. Jesus usa as palavras *comer*, *sede*, *beber*, *hospedar*, *vestir*, *enfermo*, *visitar* e *preso*, que têm a ver com cuidado, com preocupação e investimento na vida das pessoas.

Em um de seus livros, Henri Nouwen toca na questão do cuidado das pessoas, principalmente no processo de sofrimento e dor na vida delas. Ele nos ensina que é na realidade da nossa dor que temos de ensinar os feridos que o mais precioso na vida é a própria vida vivida na presença do Pai. Isso acontece quando somos capazes de criar espaços, pela graça, para que o Deus Pai seja o maior tesouro no nosso coração e temos a consciência de que só ele pode nos curar e nos conduzir como instrumentos da sua graça para curar outros²⁴. E não vivemos isso lá em cima, longe, no secreto, mas no meio do povo, no sistema visível, na realidade humana, com compaixão, pois a pessoa compassiva fica no meio do seu povo. Na compaixão, vemos que Deus não é só Deus, mas é o Deus-homem e que o nosso próximo é a semelhança dele também²⁵.

24 NOUWEN, Henri. *Sofrimento que cura*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 63. 25 Idem, p. 67.

Nouwen afirma que uma geração órfã está à procura de pessoas capazes de aliviar seu medo e sua ansiedade. Pessoas assim podem afirmar para gente doente na alma que no meio do sofrimento há algo para ser visto e percebido, que todos nós somos a imagem daquele que nos criou, o Senhor Deus Trino²⁶. O começo e o final da vida comunitária é ofertar a nossa vida para as pessoas diante dos seus conflitos e diante das dores da alma. E com toda certeza isso é tornar o amor divino em algo prático na vida.

O verdadeiro amor nos conduz a atitudes sem hipocrisia

“Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (v. 18). Aqui o discurso substantivado se torna algo prático; na verdade, o verbo se transforma na ação. O que quer dizer isso?

O substantivo *amor* se torna o verbo *amar*. Quando só falamos de amor e não o praticamos, tornamo-nos hipócritas. O amor verdadeiro se traduz em ações práticas, e ações falam mais alto do que as palavras. Essencialmente, o amor não é sentimento nem conversa, mas atos. A parábola do bom samaritano tem muito a nos ensinar nesse aspecto de prática de amor para com o próximo.

Contextualizando, podemos dizer que a parábola nos ensina que o pastor viu o homem todo machucado e não quis nem saber do seu sofrimento. Depois, o ministro de louvor também passou sem prestar ajuda ao homem. Por fim,

chegou alguém que não tinha a vida religiosa dos outros e se moveu de íntima compaixão. Ajudou o homem, cuidou das feridas dele e depois o levou a uma hospedaria para que cuidassem dele e prometeu pagar toda a despesa quando voltasse da sua viagem. Então Jesus pergunta ao doutor da lei: “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete da Lei: O que usou de

26 Idem, p. 68.

misericórdia para com ele. Então, lhe disse: Vai e procede tu de igual modo” (Lc 10.36-37).

Concluindo, menciono um episódio ocorrido com um rico senhor norte-americano, reitor da Universidade do Estado da Virgínia, que veio ao Brasil e adotou crianças com problemas seriíssimos: uma menina era cega e surda-muda, outra tinha problemas mentais e um rapaz de onze anos que era interno da Fundação CASA (na época, FEBEM). Alguém contou para ele que, no Canadá, a prática dos crentes de uma igreja não era cuidar dos necessitados, mas comprar trens antigos para colecionar na igreja. Houve um homem que comprou uma réplica de uma locomotiva do ano 1800 por sete mil dólares. O senhor que adotara as crianças disse: “A locomotiva desse homem pode ser uma relíquia e muito bonita, mas ele nunca terá o prazer que eu tenho com meus filhos adotivos quando sobem no meu colo, me abraçam e me dizem: ‘Papai, muito obrigado pelo que você fez por nós’. Não existe preço para se ouvir algo assim”²⁷.

Essa realidade foi vivenciada por Oscar Schindler, ao chorar pela vida dos judeus que ele não pôde salvar. Há duas alternativas quanto às orientações dadas pelo apóstolo João: vivermos insensíveis quanto à prática do amor para com o próximo ou pedirmos ao nosso Deus que nos ajude a nos envolvermos com esse tipo de discipulado.

Que nos lembremos da seguinte verdade: “A confissão de obras más é o primeiro caminho para a prática das boas obras. Temos de reconhecer nossas falhas para conseguirmos mudar de atitude”.

Para refletir e viver

João nos ensina a colocar em prática o amor que o próprio Deus coloca em

nós. O modelo de amor vem primeiro da Trindade para nós. Não parte de nós, e sim do céu. Parte do trono da graça e do amor.

Dentro dessa perspectiva, acredito que há esperança para nós quanto ao amor bíblico. Quais são as dicas para produzirmos uma estrutura dinâmica da comunidade espiritual que ama e é amada?

27 Experiência contada pelo Pr. Ricardo Gondim Rodrigues em seu livro *O que os evangélicos não falam*. Viçosa: Ultimato, 2008, p. 152.

1. Entramos na vida uns dos outros com celebração e com uma mensagem: eu aceito você! Eu amo você mesmo com defeitos e crises existenciais. Como é complicado, como é difícil amarmos as pessoas com alegria e celebração quando percebemos os defeitos delas. O interessante na vida espiritual é que não conseguimos celebrar a vida de comunhão quando encontramos os defeitos e falhas nos outros. Facilmente nos esquecemos de que Deus nos ama como pecadores cheios de defeitos, falhas e pecados terríveis. Ele nos ama e nos dá o seu Filho para nos redimir, apesar de nós. E ele nos convida exatamente a amar como ele nos amou, a ponto de darmos a vida em favor do outro (lembrando 1 João 3.16).

2. Devemos acreditar nas pessoas que andam conosco mesmo com as falhas delas. O normal na nossa relação com o outro é que quando nos decepçionamos com alguém, travamos na amizade, deixamos para trás anos de íntima e profunda comunhão. O amor é jogado fora em questão de minutos quando sabemos que alguém nos feriu ou nos traiu. O que será que Deus deveria fazer quando rompemos o Shalom com ele? Já pensou se Deus agisse como nós agimos com aqueles que nos feriram? Deus nos convida a deixar de lado o ódio, a mágoa e a falta de perdão. E ele nos ensina a trabalhar com o amor e graça que ele mesmo demonstra para conosco.

3. João nos ensina que tocamos uns nos outros com a vida de Cristo. É o Espírito Santo que nos estimula a conhecer e entrar no coração dos outros. Cristo é o referencial para essa realidade. João nos ensina o amor de Cristo como prática da nossa vida. Quando abraçamos, quando curamos uma vida com a graça de Deus, quando oramos por alguém aflito, quando cuidamos de uma viúva que tem uma filha de quinze anos para criar, quando olhamos para pessoas aflitas que chegaram ao fundo do poço, tocamos uns nos outros com a vida de Cristo.

4. O propósito da comunidade daqueles que amam é atrair pessoas para Cristo. Nós, como discípulos do Reino de Cristo, necessitamos espelhar

Cristo para as pessoas, revelar Cristo por meio da nossa conduta de amor e cuidado para com os outros. Isso só acontece numa comunidade de pessoas que caminham para Deus, que viram suas cadeiras umas para as outras. Uma ferramenta preciosa para isso é aquilo que aprendi com um amigo chamado Ricardo Barbosa: amigos espirituais e orientadores espirituais. Esses mentores são pessoas repletas da graça de Cristo, pessoas que viraram suas cadeiras, que difundem suas paixões umas nas outras e convidam os outros a unir-se a elas na varanda e começam a contar a vida e dividir os espaços da intimidade. São pessoas que dizem a nós o que são e o que fazem. Não se escondem atrás de máscaras evangélicas. Como diz Larry Crabb: “A igreja deve ser uma comunidade de amigos espirituais e orientadores espirituais que juntos caminham para Deus. Nós precisamos formar essa comunidade. O ponto de partida é a oração lado a lado” (artigo “A igreja e sua prática”).

Capítulo 9

ORAÇÃO PARA A VIDA ESPIRITUAL

(1 João 3.19-24)

E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; pois, se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas. Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável. Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou. E aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele. E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.

Vivemos um sério problema quanto à questão da oração na Igreja hoje. Há pessoas ensinando que temos autoridade para, na oração, reivindicar qualquer coisa do nosso Deus. Afirmam isso por causa do texto de João 14.12-14: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”. Portanto, para estes é uma questão bíblica. A Bíblia diz que receberemos tudo quanto pedirmos em nome do Senhor Jesus. Podemos, então, determinar, exigir de Deus e decretar as coisas para nós, pois somos seus filhos. Só que há uma questão muito importante que essas pessoas não avaliam seriamente.

As respostas à oração têm uma exigência colocada pelo Senhor Jesus neste mesmo contexto, que é a obediência aos seus mandamentos. Ele disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. (...) Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. (...) Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho

falado; permaneçei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneçei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 14.15, 21; 15.1-10).

Aprendemos com o apóstolo João que a obediência aos mandamentos divinos é imprescindível para que tenhamos êxito na oração. Quando nos curvamos à vontade de Deus e obedecemos aos seus mandamentos, as orações serão atendidas de acordo com a vontade divina. Pediremos, então, o que combina exatamente com a vontade de Deus. Não precisaremos, em hipótese alguma, ordenar, ou determinar, ou exigir absolutamente qualquer coisa do nosso Deus. Quem obedece aos mandamentos de Deus aprende a depender dele para tudo na vida.

Há um elo entre os versículos 18 e 19. Nos versículos anteriores, o apóstolo insistiu para que os cristãos amassem de verdade. E no versículo 19, ele falará novamente sobre a verdade. Para João, a verdade só pode caracterizar o comportamento daqueles que nasceram de Deus. É amando os outros que sabemos que somos da verdade²⁸. Assim, João nos ensina que temos comunhão com o Pai e podemos pedir-lhe qualquer coisa dentro do seu querer, e dele receberemos, porque guardamos seus mandamentos e fazemos sua vontade sempre.

Quando conhecemos a verdade, temos segurança no coração diante de Deus

“E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração...” (v. 19).

Os leitores conheciam a verdade porque haviam recebido o perdão dos pecados pela propiciação do Senhor Jesus Cristo (1 Jo 2.2). Eles já

conheciam aquele que era desde o princípio, por isso tinham total confiança (1 Jo 2.13).

João disse que eles eram, agora, filhos de Deus (1 Jo 3.2). Portanto, tinham total segurança e o coração tranquilizado diante de Deus. Também praticavam o amor ensinado pelo apóstolo, pois para permanecer na verdade era necessário amar o próximo.

João afirma que seus leitores conheciam a Deus. Conhecer uma pessoa face a face significa ter um relacionamento pessoal e confidencial com ela. Quando Deus conhece uma pessoa ou um povo, é porque o elegeu. Esse conhecimento, decorrente da eleição, é gracioso e amoroso, embora exija uma resposta pessoal. A expressão *conhecimento de Deus* é tão importante para João que aparece 82 vezes em sua literatura.

Na sua primeira epístola, a palavra conhecimento (no grego *gnosis*) tem uma aplicação dupla: significa conhecer o amor de Deus, que se demonstra no envio do seu Filho (1 Jo 3.16), e a obediência do amor que nele se baseia, que também é descrito em termos de obediência à mensagem proclamada.

O conhecimento desse tipo já é a vida eterna aqui e agora, porque é uma vida na história, que se deriva da revelação histórica de Deus. O verbo conhecer implica a ideia de saber de algo com certeza. Conhece a Deus aquele que permanece na verdade divina. No grego, esse verbo dá uma ideia de despertar a atenção, um sentido de certeza. Ou seja, o povo tinha certeza de que estava na verdade de Deus. John Stott diz “que a ideia é presente e se relaciona com o uso do verbo em toda a epístola, e tem tudo a ver com a doutrina da segurança”²⁹.

Deus é amor, e nós amamos porque o conhecemos. Quando amamos, nosso coração fica persuadido de que a verdade foi encontrada. Temos sempre confiança, tranquilidade e segurança para com o nosso Deus. Quando amamos, sabemos que somos da verdade e temos total confiança diante de Deus. O fruto do amor é a confiança. O amor estabelece um companheirismo que dá a certeza de que temos o verdadeiro conhecimento de Deus.

28 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 125.

Se o coração nos condenar, Deus é maior e discerne tudo, então temos tranquilidade

“... pois, se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas” (v. 20).

A palavra coração era empregada tanto metafórica como literalmente. Ela

denota o órgão do corpo e o centro da vida física. Para o judeu, esse termo tinha o sentido geral de centro da vida, ou seja, a

29 Idem, ibidem.

fonte da vida³⁰. O coração é a sede das emoções, seja de alegria ou de dor (Dt 28.47; Jr 4. 19). Também é a sede do entendimento, do conhecimento, das forças e poderes racionais e dos maus pensamentos. O texto de Provérbios 10.20-21 afirma: “Prata escolhida é a língua do justo, mas o coração dos perversos vale mui pouco. Os lábios do justo apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos”.

A vontade tem origem no coração, como também a intenção bem ponderada e a decisão que está pronta para ser colocada em vigor (Êx 36.2). E o que será que João quis dizer quando afirmou que o coração pode nos acusar?

É interessante observar que o versículo 19 começa com uma ligação com o que é dito nos versos anteriores: e *nisto*. Ou seja, sabemos que somos da verdade porque o amor é manifesto em nossa vida. João explica essa questão: “Todavia, se temos dúvidas sobre isto, se o nosso coração nos condena”. Então seremos tranquilizados com a reflexão de que Deus é o juiz supremo, maior do que tudo, absoluto, em nosso coração. Deus é quem tem o perfeito conhecimento de tudo. Os homens, em humildade, podem ver somente as deficiências deles, por isso têm dúvidas no coração.

Hoje, como servos do Senhor, temos o grande e precioso privilégio de termos o nosso coração assegurado diante de Deus. Desfrutamos de companheirismo com Deus pelo seu amor para conosco (1 Jo 3.16). Portanto, podemos descansar, podemos aquietar e tranquilizar nosso coração diante dele.

João ensina que se o nosso coração nos acusar, ou seja, se houver falsidade, falta de sinceridade, ou dúvidas, Deus é maior do que o nosso coração e o conhece. Para os cristãos, isso daria maior segurança ainda, pois saberiam que Deus é absoluto, tremendo, altíssimo em tudo. Aqui vemos o atributo da infinidade de Deus. Ele é isento de toda e qualquer limitação. Somente Deus é elevado, acima de todos os limites temporais e de toda sucessão de momentos, e tem a totalidade da sua existência num único presente indivisível.

30 BROWN, Colin. *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 504.

Como diz o autor da Epístola aos Hebreus (1.12), Deus é antes de todas as coisas, o único que vive para sempre. Portanto, por ser Deus infinito, maior do que tudo e todos, os cristãos podem ter seu coração tranquilizado, ainda que haja temor. Aquele que é maior do que todos nós sonda o nosso coração. Os cristãos deveriam ter tranquilidade pelo fato de Deus ser o conhecedor dos corações. Percebemos aqui o atributo da onisciência divina, pois Deus conhece todas as coisas em sua totalidade.

Deus é perfeitamente poderoso para sondar o coração dos seus filhos. Um texto que nos mostra isso é Salmos 139.1-6, 23-24: “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra não me chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda. Tu me cercas por trás e por diante e sobre mim pões a mão. Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; é sobremodo elevado, não o posso atingir. (...) Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”.

O fato de Deus ser absoluto, onisciente, é um grande conforto para o nosso coração. Diante dele não podemos esconder nossa hipocrisia, nossa falsidade, porque Deus perscruta, examina, sonda, peneira, analisa profundamente o nosso coração, as nossas intenções e os nossos desígnios³¹.

Se o nosso coração nos acusar e nos condenar, recorramos a Deus, que sonda e o conhece, porque ele é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas. Isso com certeza trará o resultado do versículo 21: *confiança e tranquilidade diante de Deus*.

31 KIDNER, Derek. *Introdução e comentário dos Salmos*. São Paulo: Vida Nova, 1992, vol. 14, p. 472.

O coração tranquilo tem resposta da oração, que é reflexo de guardar os mandamentos

“Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos

e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (vv. 21-22).

Há duas palavras importantes que precisamos avaliar:

Coração (do grego *kardia*): Essa palavra era empregada no grego secular no sentido metafórico e literal. Era considerado como sede das emoções e fonte da vida espiritual em geral.

Acusar (do grego *katakrima*): significa castigo, condenação ou condenar. O composto revela um processo semelhante nos seus significados de comparar, julgar, medir³². Stott comenta sobre essa palavra:

Há, portanto, três atores neste drama espiritual, três oradores neste debate interior. É uma espécie de julgamento, com o nosso coração como o acusador, nós mesmos como o advogado de defesa e Deus como o Juiz. Se o nosso coração nos acusar, nós, que somos distintos do nosso coração e estamos, por assim dizer, fora dele, precisamos tranquilizar ou restabelecer, ou restabelecer a segurança, e pacificar os temores do nosso coração. A nossa consciência não é infalível, de maneira nenhuma; a condenação que faz pode ser frequentemente injusta. Podemos, pois, apelar de nossa consciência para Deus que é maior e conhece mais³³.

E Findlay diz “que o contraste com que João passa da suposição ‘se o nosso coração nos condena’ para sua oposição é demonstrada pela compilação amados” (usados em 1 João 2.7 e 3.2). A sentença “amados, se o coração não nos acusar” faz o escape contente do pensamento da condenação nublada do versículo 20. Nós passamos das trevas para a luz, e isso não traz mais nenhuma acusação ou condenação³⁴.

³² BROWN, Colin, *op. cit.*, p. 509.

³³ STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* *cit.*, p. 126.

Diante dessa compreensão, os cristãos poderiam ter segurança em Deus por ser ele absoluto e conhecedor de tudo. Por estarem firmados na verdade de Deus, poderiam pedir qualquer coisa, e receberiam. Tinham confiança da parte de Deus. Mas havia uma exigência: a obediência aos mandamentos de Deus. Vemos uma semelhança com o texto de João 15.7: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que

quiserdes, e vos será feito”.

Há uma comunhão mística entre o cristão e o Senhor Jesus. A oração autêntica é realizada quando o próprio Espírito Santo faz o pedido (“Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos” – Rm 8.26-27). Portanto, é preciso pedir ao Espírito Santo que nos ajude a orar ao Pai, pois só ele pode nos ajudar a fazer isso.

João nos chama a atenção para alguns detalhes importantes:

A) Aprendamos A orar com o Espírito Santo

A oração é participação na gloriosa comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Não somos coadjuvantes da relação, somos participantes e beneficiados da mesma graça que Cristo desfruta diante do Pai. George MacDonald disse: “As minhas orações nascem das minhas dores, mas as respostas de Deus Pai me fazem esperar e aprender cada vez mais nele”³⁵.

34 FINDLAY, George G. *Studies in John's Epistles - Fellowship in the Life Eternal*. Michigan: Kregel Publication, 1989, p. 319.

35 HOUSTON, James. *A oração – Aprofundando a sua amizade com Deus*. Brasília: Palavra, 2007, p. 33.

Não podemos separar a oração da nossa vida emocional. Não é buscar novos métodos, mas reconstruir as coisas que têm a ver com a imagem de Deus em nós. Não podemos nos esquecer de que antes de orarmos é Cristo que ora por nós. E a oração sacerdotal é um convite de Jesus para orarmos ao Pai e uns pelos outros.

A experiência da oração nos leva a experimentar os momentos de comunhão com a Trindade e com o nosso próximo. A oração não tem como finalidade ela em si mesma, mas a comunhão de amor e intimidade com Deus e com o nosso próximo.

A verdade é que, se quisermos encontrar a felicidade na vida, temos de nos encontrar com o Deus Trino e com aquilo que ele criou. Ricardo de São Vitor

diz que quando descobrimos a Trindade, descobrimos quem somos e passamos a ter comunhão na vida por meio da oração.

O texto de Romanos 8.26-28 é muito profundo, pois o apóstolo Paulo fala de nossa pobreza na oração afirmando que não sabemos orar como convém. Há uma tendência de suavizarmos essa passagem, mas, na verdade, o que o apóstolo diz é que somos falhos em relação ao que pedimos na oração, e isso inclui todos os cristãos. Não sabemos pelo que orar. O texto também nos informa que em nossa fraqueza existe uma grande riqueza: o ministério do Espírito Santo, que nos ajuda intercedendo por nós.

Precisamos entender que absolutamente ninguém consegue orar se o Espírito não agir no coração. O Espírito Santo nos traduz o Pai e o Filho para nós pecadores. E depois traduz pessoas para as pessoas. Depois da queda, transformamo-nos em pessoas herméticas, não conseguimos nos comunicar mais de maneira sadia e bíblica. Os pais e filhos precisam de um tradutor, e este é o Espírito Santo de Deus.

As pessoas vivem em tempos existenciais e não cronológicos. O tempo é só para manter a gente, mas vivemos em tempos existenciais. Cada um tem um tempo diferente do outro, e só o Espírito é capaz de discernir o tempo em que vivemos. Não sabemos ao certo discernir muito bem essa questão do nosso tempo. É só o Espírito que sabe o tempo no qual vivemos. Só o Espírito nos dá a direção e a medida certa para orarmos ao Senhor Deus. É ele quem nos ensina a maneira certa de obedecer ao mandamento da Escritura.

Quando temos a direção do Espírito Santo em nossa vida e não há a condenação do nosso coração, então temos total certeza e confiança diante do nosso Pai: "... aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura" (Hb 10.22). Portanto, se pedirmos alguma coisa, segundo a vontade de Deus, ele nos ouve (1 Jo 5.14).

b) A obediência a Deus e a resposta das orações

João nos ensina algo diferente sobre a oração. Ele trabalha a questão da relação com Deus. O fato é que obteremos os pedidos que fizemos a Deus mediante uma relação de intimidade e obediência a ele. O texto de 1 João

5.15 afirma: “E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito”. O escritor Jim Ellif afirma: “O Espírito de Deus é quem guia o crente a uma obediência amorosa a Deus, produzindo desgosto pela carne e amor àquilo que é puro”³⁶.

Quando o cristão observa os mandamentos de Deus, sua oração é respondida (Tg 5.16). Existe harmonia entre o cristão e Deus, mas não há mérito algum em recebermos resposta às nossas orações. Isso é dádiva de Deus. Nada merecemos! O povo de Deus precisa ser despertado para a importância de uma vida santa, de oração, para que vivamos em dependência dele. É importante compreendermos que a resposta às nossas orações sempre estará ligada à obediência dos preceitos contidos na Palavra de Deus.

A verdade é que se não tivermos uma vida de santidade e amor, não há como andarmos em sintonia com o nosso Pai. Sobre isso, J. C. Ryle diz: “Eu creio que os que se distinguem por uma vida de santidade pobre oram pouco; enquanto os que se distinguem por uma vida de profunda santidade oram muito. Não poderá manter-se firme em nós o pecado contra o qual oramos. A verdade é que se desejamos crescer na graça e na santidade, jamais esqueçamos o grande meio que é a oração”³⁷.

36 ELLIF, Jim. *Conduzidos pelo Espírito. Jornal Os Puritanos*, ano III, n. 4, p. 14, jul./ago. 1995.

c) O valor da oração

Leonardo Boff afirma: “Podemos chegar ao nosso pastor em súplicas, louvores e ações de graças”³⁸. A grande verdade é que Deus está pronto para escutar seus filhos e filhas. E como fazemos isso? Por meio da oração, que é um precioso instrumento para a Igreja. Os servos de Deus a aproveitaram muito bem, como se vê neste relato: “Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo: Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido; porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram; agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem

com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus. Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4.24-31).

Os apóstolos foram ameaçados e proibidos de falar no nome de Jesus Cristo (At 4.17-18), e Pedro corajosamente disse: “... não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.20). Os apóstolos foram aos seus e contaram tudo o que acontecera com eles. Então, compuseram um cântico acerca da soberania do Senhor Deus.

37 RYLE, J. C. Oração e santidade. *Jornal Os Puritanos*, ano IV, n. 4, p. 18, jul./ago. 1996.

38 BOFF, Leonardo. *O Senhor é o meu pastor - consolo divino para o desamparo humano*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 25.

Essa é a visão correta da soberania de Deus, não o que vemos hoje na Igreja. Para aqueles cristãos do primeiro século, o fato de terem sofrido acusações estava no centro da vontade soberana de Deus.

O Sinédrio poderia fazer ameaças e proibições e tentar silenciar a Igreja, mas a autoridade daqueles homens estava sujeita a uma autoridade maior, pois os decretos dos homens não podem passar por cima dos decretos de Deus. Exatamente por isso, eles tiveram maior disposição para orar ao Senhor Deus, pedindo que ele olhasse para as ameaças e concedesse ousadia na pregação da Palavra.

d) A oração e a soberania divina

Precisamos aprender que Deus é soberano em nossa vida, poderoso para fazer tudo como ele quiser. Salomão ensina: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1). Não podemos, em hipótese alguma, agir como aqueles que estão determinando que Deus faça certas coisas. Não é isso que vemos no texto. Não vemos os servos do Senhor pedindo conforto, dinheiro, casa, carro ou qualquer benefício pessoal. Vemos, sim, os discípulos pedindo ousadia, coragem, disposição para falar a Palavra do Senhor.

Por meio da oração podemos, sim, receber as bênçãos de Deus, mas nosso

maior objetivo deve ser reconhecer a soberania e a supremacia de Deus e nos dobrarmos diante da sua vontade. Sendo assim, os propósitos secretos do Senhor serão realizados pela oração de seus santos, com base em sua vontade revelada nas Escrituras. Se tivermos uma visão correta acerca da oração, também teremos uma visão correta do que Deus quer de nós como servos que dependem totalmente dele e vivem inteiramente sob sua vontade soberana.

Então creremos no nome do Filho de Deus e nos amaremos mutuamente, como ele ordenou (v. 23). Permaneçamos, portanto, sempre em comunhão com o Senhor, por meio da ação do Espírito Santo em nossa vida (v. 24).

A oração, reconhecendo a grandeza e soberania do Eterno Deus, nos transforma e quebra o nosso coração de maneira profunda. Ela nos faz olhar para dentro de nós mesmos e vemos quão frágeis e miseráveis somos. Por isso, o próprio Senhor Jesus nos ensina a dizer: “... e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!” (Mt 6.12-13).

A oração gera transformação em nosso coração para percebermos que somos pecadores caídos e necessitados do perdão de Deus para que perdoemos o nosso próximo. Transformados, fujamos da tentação; transformados, sejamos livres do mal que está próximo de nós.

Oração é uma amizade que promove em nossa alma um encontro transformador e nos ajuda a descobrir a riqueza e beleza de um relacionamento que nos liberta das prisões e limitações do mundo para que, assim, experimentemos a graça de dependermos exclusivamente da vontade perfeita e agradável de Deus Pai³⁹.

No livro *A oração - Aprofundando a sua amizade com Deus*, James M. Houston afirma algo bem profundo sobre o comentário feito por um dos primeiros pais da Igreja, Clemente de Alexandria: “Orar é estar na companhia de Deus”. Isso nos dá um novo foco sobre a oração, pois passamos a vê-la mais como um aspecto da amizade do que como uma disciplina rigorosa. A oração começa a ser mais uma questão de relacionamento e menos de desempenho⁴⁰. Ele diz mais:

Viver sem a oração é, afinal, desacreditar em Deus e abrir mão dos mais importantes valores humanos, tais como fé, esperança e amor. Viver sem orar é fruto de ir para a cama com todas as atitudes da sociedade secular moderna. Provavelmente, o Novo Testamento duramente denominaria tais comportamentos como “impiedade”. É fácil ceder ao espírito secular quando depositamos nossa fé na tecnologia, nossa esperança no pragmatismo e nosso amor no intelecto humano⁴¹.

39 SOUSA, Ricardo Barbosa de, *op. cit.*, p. 150. 40 HOUSTON, James M., *op. cit.*, p. 9.

Não podemos abrir mão desse tempo com o Eterno em oração. Na oração descansamos, dependemos, amamos, encontramos deleite e refrigério para a alma. A oração é o espelho da alma, e nela vemo-nos mais claramente. Mark Twain costumava dizer que há, pelo menos, uma coisa em favor da oração: não podemos mentir enquanto oramos. Se nossas mães pareciam dispor de radares sensoriais para rastrear todos os nossos subterfúgios quando éramos crianças, quanto mais o Deus onisciente, que conhece cada pensamento nosso!

Agostinho, um dos grandes pais da Igreja, tinha total consciência disso. Ele escreveu suas *Confissões*, na qual expôs sua vida pregressa de luxúria, enquanto era bispo. Para ele, ser bispo da Igreja não era um disfarce para acobertar a sua verdadeira identidade perante Deus. De fato, o que originalmente atraiu a atenção de Agostinho foi a voz de Deus, que lhe veio enquanto estava sentado em um jardim. A voz assegurou-lhe, mencionando um versículo do livro de Romanos: “Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido” (9.33). James M. Houston afirma:

A oração principia com o coração, porque Deus deseja relacionar-se conosco em todos os níveis de nosso ser. Isto inclui sentimentos, mente, imaginação, amor, memória e nossa vontade. Deus busca nos conhecer por completo na intimidade. Eis por que a oração foca o verdadeiro cerne de nosso ser, dentro do coração⁴².

Com essa visão no coração, compreendemos perfeitamente que as nossas orações jamais existem para mudar os planos de Deus, para determinar algo para ele fazer, mas existem para transformarmos e convertermos os nossos

caminhos e pensamentos na trajetória da vontade de Deus para que digamos estas profundas palavras em nosso coração: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas nos livra do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!

41 Idem, p. 23. 42 Idem, p. 31.

Houston diz que “a oração nos desenvolve como pessoas íntegras diante de Deus. Orar a ele é ser uma pessoa completa em sua presença, é ser alguém como Deus sempre pretendeu que fôssemos. Isto significa ser aberto, confessar, ser perdoado, purificado, humilhado, ser obediente, sustentado, guiado, fortalecido e ser renovado e inspirado a cada amanhecer. A oração transforma radicalmente pessoas quebrantadas em novas, divinamente restauradas. Tornamo-nos a pessoa singular que Deus, originalmente, criou para que fôssemos”⁴³.

Percebemos que a oração é um item muito valioso na nossa vida espiritual. E conforme o ensinamento de João, ela não tem a ver com barganhas para pedirmos para o nosso próprio deleite; tem a ver com a vontade e desejo de Deus para a nossa vida. Por isso Paulo dá um recado importante para o povo de Deus: “Orai sem cessar” (1 Ts 5.17).

O Dr. Martyn Lloyd-Jones disse algo precioso sobre a oração: “A oração é sem sombra de dúvida a mais elevada atividade da alma humana. O homem se encontra no seu melhor e mais elevado estado quando, de joelhos, fica face a face com Deus”⁴⁴.

A essência da oração é simplesmente falar com Deus, como faríamos com um amigo querido, sem qualquer fingimento ou medo. Mas o fato é que o maior problema dos cristãos hoje é que oram pouco. Falam pouco com o dono da vida e da respiração. Isso acontece porque para a vida de muitos a oração foi substituída pela ação pragmática. A função colocou de lado a comunhão com Deus.

43 Idem, *ibidem*.

As nossas atividades diárias têm congestionado a comunhão intensa com Deus. Nesse texto precioso Paulo nos convida a ter o nosso coração focado em Deus de modo que a nossa comunhão com ele seja uma atividade transformada no modo de vida natural. Ele mostra que não há uma ocasião definida para orar. A ideia de orar sem cessar é de estarmos profundamente conectados na comunhão com a Trindade. A oração que se torna uma força poderosa vinda de Deus e não de nós mesmos, como produto imediato de largas horas passadas com Deus. É interessante que Paulo destaca três questões fundamentais para a saúde espiritual: alegria sempre (v. 16); oração sem cessar (v. 17) e gratidão (v. 18).

Nossa alegria passa pela oração, e a nossa gratidão também é fruto de um coração que ora. Quando olhamos para os homens de Deus, percebemos a agenda de vida deles na oração. Paulo orava dia e noite. Daniel, no meio de importantes ocupações, orava três vezes ao dia. As orações de Davi de manhã, ao meio-dia e à noite eram prolongadas em muitas ocasiões. E John Wesley passava pelo menos duas horas diárias em oração. Veja que a ideia de Paulo para nós é que a oração é uma respiração do nosso coração espiritual. A oração é a resposta para todas as demandas da nossa vida. Ela é o momento em que buscamos a direção e querer de Deus para o nosso viver.

Que o Eterno Deus nos dê a graça de fazermos da oração um modo de vida para que sobrevivamos no meio das trevas deste mundo sem comunhão com Deus!

Para refletir e viver

João nos ensina que quem conhece a Deus é exatamente aquele que permanece na verdade divina. Quando isso acontece? Na regeneração do coração. Temos a necessidade de valorizar isso na caminhada espiritual. Como vimos, o verbo conhecer dá a ideia de despertar a atenção, um sentido de certeza. Temos a certeza de estarmos em Deus e podemos buscá-lo, adorá-lo e desfrutar de uma intimidade profunda com ele. O verbo também tem a ideia do hebraico de intimidade. Deus deseja que tenhamos uma comunhão íntima e profunda com ele.

João trabalha a questão do coração, que é a sede das emoções humanas. Então, nesse coração precisamos nos voltar para o Deus Trino. Como nos ensina Davi, temos de confessar e pedir para o Senhor sondar nosso coração e ver se há algo que atrapalha a realidade da oração dentro de nós. Ele nos ensina no salmo 139 a buscar o caminho da obediência para cultivar um coração tranquilo.

João trabalha a questão de o coração não nos acusar. Ele diz que se houver tranquilidade, temos confiança diante de Deus. Ele diz que receberemos aquilo que pedimos para Deus porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável. Uma pergunta no sentido prático para nós é: quem nos dá essa confiança, quem nos dá um coração tranquilo? É o Espírito Santo de Deus, porque não temos a menor ideia do que significa penetrar na vontade de Deus para a vida. Sozinhos nós não sabemos o significado da dinâmica do Reino de Deus. Nós não sabemos o que aconteceu lá na cruz, o que aconteceu para Deus enviar seu Filho para morrer. Então, como medimos a entrega do Filho? A verdade é que não sabemos de fato ver a cruz se não for pelo Espírito Santo de Deus. Nós não percebemos a tragédia em que vivemos no sentido de pecado e da necessidade de orar sem cessar. Por isso, temos o Espírito Santo. E temos de pedir para ele mesmo, porque ele é que traduz Deus para nós e nós para o nosso próximo. Aprendemos com Paulo, em Romanos 8.26, que ele nos assiste na nossa fraqueza e nos ensina como devemos orar. Ele intercede por nós gemendo. No texto de 1 João podemos perceber que precisamos tanto do Espírito que não podemos ensinar a verdade por nós mesmos. Só ele nos traduz o evangelho para nós e nos usa para transmitir aos outros. Quais seriam as dicas importantes sobre isso? 9 Devemos ser constantes na busca incessante pela direção do Espírito Santo. 9 Precisamos entender a dinâmica do Espírito em nossa vida por meio da oração.

9 Precisamos orar com o coração de fato.

9 Só o Espírito Santo pode nos socorrer nas demandas da nossa vida.

9 O Espírito é o administrador da graça de Deus em nossa vida. 9 Sem o Espírito Santo não dá nem para orar, porque o Pai não nos entende se não for traduzido pelo Espírito Santo.

Capítulo 10

O CUIDADO COM OS FALSOS PROFETAS E A PRÁTICA DO AMOR

(1 João 4.1-21)

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo. Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro. Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado. Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele, em nós: em que nos deu do seu Espírito. E nós temos visto e testemunhamos que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele, em Deus. E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo. No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele

que teme não é aperfeiçoado no amor. Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.

A Igreja brasileira tem vivido um período muito difícil quanto à prática do amor. Muita gente é movida essencialmente por interesses pessoais, até mesmo líderes, que, às vezes, tratam seu rebanho como mero objeto. Não podemos deixar que esse câncer ataque nossa comunhão, porque deixaremos de cumprir a Palavra de Deus e seremos um grande fracasso como povo de Deus.

Vejamos agora os ensinamentos de João sobre a eficácia de amar o próximo, tendo como exemplo o Senhor Jesus Cristo, e assim não termos atitudes mesquinhas e medíocres na vida.

No capítulo 4, João ataca novamente o ensino dos gnósticos de maneira bem direta. Na confrontação, ele os chama de anticristos, pois negavam a Cristo e, conseqüentemente, o Pai Celestial. Para eles, Cristo não era o unigênito de Deus. Eles negavam a pessoa e a missão do Senhor Jesus. Nessa seção, João trabalha novamente a ideia desenvolvida nos versículos 18 a 29 do capítulo 2, de que os cristãos deveriam provar os espíritos (as religiões da época) para ver se eram de Deus ou não. As pessoas seriam verdadeiramente cristãs se, de fato, pelo Espírito, confessassem a Cristo Jesus como aquele que veio em carne (v. 2). Se não fizessem tal confissão, não eram de Deus, mas do anticristo (v. 3).

João diz que não é muito fácil vencer os falsos mestres que negam a humanidade de Jesus Cristo, mas com a ação do Senhor, que é maior do que o maligno, é possível vencê-los, porque o Deus maior está com seu povo (v. 4). Os cristãos são de Deus e, portanto, dão ouvidos aos que ministram a Palavra de Deus. Contudo, os que não são de Deus não a ouvem.

Há um espírito da verdade e um do erro. Quem é de Deus tem o Espírito da verdade nele; quem não é de Deus tem em si o espírito da mentira. Quem é de Deus naturalmente dará ouvidos aos outros verdadeiros filhos de Deus, que lhe trazem uma mensagem que o beneficia espiritualmente. Quem é da

mentira não escuta a mensagem cristã, porque está espiritualmente surdo.

Após tecer esse comentário doutrinário mais uma vez, João volta a tratar da questão do amor ao próximo de maneira muito profunda, mostrando Deus como o maior exemplo de amor. Do versículo 7 ao 21, ele faz isso com a intenção de continuar combatendo a falsa doutrina dos gnósticos, que ensinava que Deus não era amor, uma vez que amor implica interesse pelos outros. Para eles, Deus era divorciado da sua criação e, portanto, não se importava com ela. João combate esse princípio mostrando que Deus é amor. Ele cuida dos seus filhos, e estes devem fazer o mesmo pelo próximo, já que são nascidos de Deus. Esta é a demonstração de que seus filhos são da verdade.

Vejamos o que João tem a nos ensinar nesse texto sobre o amor a Deus e ao próximo.

Quem ama conhece a Deus, e aquele não ama não o conhece

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (vv. 7-8).

O amor é a maior de todas as virtudes cristãs. Ele é mais importante do que a fé e a esperança. O amor é o solo de onde brotam e onde se desenvolvem todas as demais virtudes que um cristão pode ter. Se uma pessoa não ama o próximo, como pode o amor de Deus estar nela?

Aqueles que são nascidos de Deus amam o próximo e, pelo amor, demonstram que conhecem a Deus. O amor brota do Pai das Luzes para seus filhos. Quem não ama não é de Deus porque Deus é amor. A fonte originária do amor é o próprio Deus, e quem é dele tem um dever a cumprir, que é amar o próximo. O Senhor é a origem de todo pensamento e ação de amor que um ser humano pode ter pelo outro⁴⁵.

João ensina que a primeira razão pela qual os cristãos deveriam amar é porque o amor procede de Deus. A segunda é porque Deus é amor. Se o amor procede de Deus e ele é a própria origem do amor, todos os que são nascidos dele devem amar⁴⁶. Nunca nos esqueçamos de uma coisa: o amor que

nutrimos para com Deus e para com os outros determina o princípio e as bases do ser⁴⁷. Portanto, se amamos, somos conhecedores de Deus, somos nascidos de Deus.

45 CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 276.

46 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 138.

47 SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho...* cit., p. 95.

Assim como Deus nos amou, devemos amar os outros

“Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (vv. 9-11).

Deus é o modelo de como se deve amar. O ato de enviar seu único Filho foi a grande revelação de seu amor pelos pecadores. Por isso João diz que nisto se manifestou o amor para conosco, em que Deus deu o seu Filho em nosso favor, para que vivamos. Esse amor é incondicional, nascido espontaneamente no coração de Deus, o Pai. A vinda de Cristo é uma revelação concreta e histórica do amor de Deus.

O amor divino é sacrificial, pois ele dá algo de si mesmo em favor de pecadores, que não merecem seu amor⁴⁸. Ele dá aquele que é ímpar, único, sem igual, seu Filho Unigênito, para fazer expiação dos pecados. Deus demonstra seu amor para com os pecadores para que eles vivam pelo Senhor Jesus Cristo (v. 9). Ora, se Deus realizou tão grande coisa, demonstrou tão grande amor por nós, sem sermos merecedores, por que não o amamos?

Ele nos amou e enviou seu Filho para o perdão dos nossos pecados.

“Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (v. 11). Não temos nenhuma desculpa para não amar, porque o maior exemplo está diante de nós. O exemplo é o Senhor Deus, aquele que quer que o imitemos no amor. Crescer na experiência do amor é imitar a Deus, é ser igual a Deus, é crescer em direção à imagem de Deus e se tornar mais unido a ele. Portanto, aprendamos a amar como o Senhor nos amou.

48 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 139-140. Sabemos que Deus está em nós quando amamos o nosso próximo

“Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado” (v. 12).

O apóstolo afirma que ninguém jamais viu a Deus, mas o vemos por meio da manifestação do seu amor, o Senhor Jesus Cristo. E João também afirma que, se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é aperfeiçoado em nosso coração.

A evidência de que Deus está em nós é que amamos nosso próximo (v. 13).

Quando amamos, guardamos os mandamentos de Deus. Quando o amor começa a ser aperfeiçoado em nós, somos menos egoístas e mais altruístas, mais pacientes e menos estúpidos, mais misericordiosos e menos insensíveis. O Espírito que nos é dado trabalha em nosso coração para que exercitemos o amor em nossa vida (v. 13). João diz que, pelo Espírito Santo, confessamos que Jesus é o Filho de Deus e que ele está em Deus e Deus nele (v. 15).

No versículo 16, o apóstolo afirma que Deus é amor. Assim, quem está em amor está em Deus e Deus nele. Para João, permanecer no amor é permanecer em Deus e permanecer em Deus é permanecer no amor. Mas isso é demasiadamente sério para nós, como filhos dele. Quando não há a prática do amor, não podemos dizer que permanecemos em Deus nem que ele permanece em nós, porque não o temos como nosso paradigma de amor. O povo de Deus é a esfera onde ele opera seu amor. Sendo assim, podemos perceber que conhecemos a Deus e que ele permanece em nós quando amamos o próximo. No dia do juízo, teremos confiança porque o amor se aperfeiçoará em nós pelo Espírito Santo (v. 17).

O amor lança fora o temor e traz a consciência de que temos de amar o nosso irmão

“No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor. Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão” (vv. 18-21).

O amor arrebatava a confiança e bania o temor, porque no amor não existe medo. Não podemos amar a Deus com medo ou temor. É pelo amor verdadeiro, concedido pelo Espírito Santo em nosso coração, que temos condições de amar a Deus e ao próximo sem qualquer temor. Mas aquele que não tem a consciência purificada diante de Deus tem medo, e o amor não é aperfeiçoado nele.

Nós amamos o Senhor porque ele nos amou primeiro. No versículo 20, o apóstolo faz uma pequena e séria advertência para os crentes, tratando da questão da consciência tranquila, sem temor. Ele diz que se alguém afirma que ama a Deus, mas aborrece o próximo (irmão), é um mentiroso. Quem pode dizer que ama a Deus, a quem não vê, mas não amar a seu irmão, ao qual sempre vê?

A verdade é que o amor singelo joga fora o temor e o ódio. Portanto, quem diz que está em Deus e não ama o irmão é um mentiroso. Alegar que amamos o Pai quando odiamos os irmãos é uma farsa, uma hipocrisia! Não é coerente dizer para alguém: “Eu tenho amado muito o Senhor e servido a ele de todo meu coração, mas odeio muito aquele irmão que me machucou”. Não nos iludamos!

Se o pretendo amor a Deus não vier acompanhado por um amor altruísta e prático por nossos irmãos, tudo não passa de uma mera falsidade. Portanto, é necessário que ouçamos a exortação do apóstolo João, que diz: “Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão” (v. 21). Precisamos amar com verdade o nosso irmão para que o corpo de Cristo seja encontrado em perfeita saúde e harmonia.

Quero levá-lo agora a uma reflexão negativa sobre o amor. Como? Aprendemos no texto que todas as medidas do amor servem de base para tudo o que é necessário para amarmos o próximo. Aprendemos com João que:

Quem ama conhece a Deus, e quem não ama não o conhece; Assim como Deus nos amou, devemos amar os outros;

Sabemos que Deus está em nós quando amamos o nosso próximo;
O amor lança fora o temor e traz a consciência de que temos de amar o nosso próximo.

Diante dessas realidades, se não quisermos observá-las, aprendamos as lições de como não amar:

Repita muitas vezes que você é incapaz de amar de fato

Diga que o amor é só para os santos de pedestal. Repita sempre que o amor é uma missão para excepcionais, para pessoas extraordinárias e você é comum demais para amar. Diga ao seu pastor que o sermão sobre o amor é muito bonito para ser ouvido, mas não para ser praticado. Pense bem!

Você já notou que Jesus chamou pessoas extremamente complicadas para fazer parte do seu Reino? Então é possível amar, mesmo para quem é miserável como nós, desde que Deus esteja agindo em nosso coração. Mas se você não quer lutar pela prática do amor, cumpra em sua vida esta lição e continue com esta perspectiva de que você é incapaz de amar.

Conjuguem os verbos sempre na primeira pessoa do singular

Fale muito de você mesmo, se gabe muito. Pense que tudo tem de começar com você. Diga sempre: *eu, meu, minha, eu de novo*. Faça isso se você não quiser amar. Esqueça-se das palavras *tu, dele, deles*. Lembre-se sempre somente de você e de mais ninguém.

Espere sempre a emoção correta para perdoar o próximo

Diga para si mesmo: “Eu só perdoo no dia em que sentir que devo fazê-lo”. Isso é ótimo porque você jamais terá esse sentimento e se sentirá no direito de não perdoar o que lhe ofendeu.

Perdoar não é uma questão de sentir, mas de cumprir uma ordem da Palavra. Mas se você pensa que deve perdoar apenas quando sentir, vá em frente. Você fará algo que agrada a si mesmo, mas está profundamente errado para Deus. Nesse caso, será ótimo cultivar o ódio no coração durante anos e anos, tornando você um cristão duro e insensível à Palavra de Deus.

Dê uma boa justificativa para o sofrimento dos outros

Diga sempre: os mendigos da rua são uns bêbados que não têm o que fazer.

Seu irmão na fé está com problemas e você lhe diz: “Você deve ter pecado, deve ter dado alguma brecha para o inimigo. Sinto muito, mas não posso ajudá-lo, de forma alguma”.

Faça sempre como os amigos de Jó, que, em vez de ajudá-lo, fizeram o contrário, tentando justificar a razão do sofrimento daquele homem de Deus. Fazendo essas coisas, você será um ótimo exemplo de alguém que não ama.

Se não quiser amar, não corra riscos

Impera no mundo a mentalidade de cada um por si e Deus por todos. Se você amar, quem cuidará de você? Aceite essa filosofia de cuidar apenas de si mesmo, pois é ótima para quem quer viver no egoísmo. Mas se você quer amar, saiba que correrá riscos de sofrer, de ser injustiçado e, muitas vezes, humilhado aqui na Terra, mas exaltado no céu.

As verdades estão diante de todos nós, resta pedirmos ao Senhor para que nos ajude a amar, tendo-o como nosso modelo precioso.

Para refletir e viver

João nos ensina que a fonte originária do amor é o próprio Deus e quem é dele tem um dever a cumprir, que é amar o próximo. O amor vem de Deus, logo os que dizem ter amor por Deus devem imitá-lo no amor e na vida. Deus é a fonte do amor que brota em nós pelas pessoas da sociedade que não têm um lar, uma casa, uma família. Ele é a fonte do amor, então devemos pedir a ele que coloque em nós esse amor que nos faz enxergar as realidades diante de nós. Os meninos e meninas que se prostituem nas ruas e não encontram um referencial. Os milhares de famintos que há neste país e não têm esperança na vida. Quem anda com Deus ama, quem ama anda com Deus e o conhece.

João nos ensina que Deus demonstra seu amor para com os pecadores, que não merecem absolutamente nada. Para demonstrar esse amor, ele envia para a Terra o seu próprio Filho, Jesus Cristo. Qual a implicação disso para nós como seguidores do Reino de Deus?

9 Devemos amar o ser humano porque o amor de Deus é derramado em nós por meio do seu Filho;

9 Devemos amar como Deus nos ama, e isso envolve sentimento e coração;
9 Devemos perdoar aqueles que nos ferem como Deus nos perdoa em Cristo Jesus.

Capítulo 11

A IDENTIFICAÇÃO COM CRISTO EM SUA VITÓRIA

(1 João 5.1-10)

Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos. Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus? Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo; não somente com água, mas também com a água e com o sangue. E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade. Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito. Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho. Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.

O capítulo 5 mostra que os cristãos têm um grande motivo para acordar bem cedo e agradecer diariamente os grandes privilégios que o Senhor lhes concede. Deus nos fez renascer em Jesus Cristo, por isso cremos que ele é o Filho de Deus, que nasceu e viveu entre nós e, para concluir sua obra, morreu em nosso lugar na cruz do Calvário.

Cremos que, com ele ao nosso lado, enfrentamos todas as situações da vida. Para o cristão, vencer o mundo e o Maligno é apenas o começo de uma vida vitoriosa no Senhor Jesus Cristo. Assim, tem de haver em nosso coração grande expressão de louvor a quem morreu por nós, o Senhor Jesus, que é nossa luz, a nossa vida e nossa salvação. São verdades assim que João apresenta aos seus leitores nesse capítulo.

Depois de abordar em vários versículos a questão do amor, João trata de questões relacionadas a crer, obedecer e amar, tudo como cumprimento dos mandamentos de Deus. Ele se preocupa em mostrar a unidade que há entre a obediência aos mandamentos de Deus, a fé e o amor.

Fé, amor e obediência são resultantes do crescimento natural que segue o novo nascimento⁴⁹. Quem crê em Jesus é dele e o ama e, conseqüentemente, também ama o próximo. Quem é nascido de Deus vence o mundo, crê na Trindade e tem a vida eterna em Jesus Cristo. Além disso, desfruta de todas as bênçãos que emanam da fé em Jesus: confiança, liberdade do pecado, liberdade do Maligno e o grande privilégio de andar constantemente na verdade, que é Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo.

49 CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 287.

Todo aquele que é gerado por Deus crê em Jesus e o ama

No versículo 1, João confronta novamente os gnósticos, que não criam que Jesus era o *Logos* de Deus, o Verbo encarnado. Para eles, a encarnação do Senhor Jesus era impossível, já que o corpo humano seria inerentemente mau, porque era matéria, a própria essência do mal. Se o *Logos* tivesse encarnado, teria ficado contaminado, já que não poderia se identificar com a carne⁵⁰.

João diz que aquele que é nascido de Deus nega essa heresia. Quem nasceu de Deus se tornou santo porque permanece em Jesus, que é santo, em contraste com os gnósticos, que tinham uma vida licenciosa. Aquele que é nascido de Deus crê em Cristo. Tal pessoa é transformada à imagem e semelhança do Senhor⁵¹.

João continua seu raciocínio e afirma que aquele que crê em Cristo Jesus é nascido de Deus e, assim, ama o Pai e o Filho. Este é um relacionamento amoroso para com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quem ama o Filho também ama o Pai e o Espírito Santo⁵². Deus é a fonte da vida, e todos que recebem essa vida em seu Filho amado passam a crer nele e a amá-lo. Esse amor se evidencia por meio da santidade. Mostramos ao mundo que não somos pessoas malignas que querem destruir os padrões morais. O amor é evidenciado pela nossa lealdade ao Filho.

Todo o que é gerado de Deus ama o próximo e obedece aos mandamentos divinos

Quem crê em Jesus e o ama também ama o próximo (vv. 2-3). Por isso, João afirma que sabemos que amamos os filhos de Deus quando amamos a Deus e guardamos seus mandamentos.

50 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 148.

51 CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 287.

52 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 149.

É impossível amar os filhos de Deus sem amar a Deus, bem como amar a Deus sem amar seus filhos, como João bem exemplificou nos versículos 20 e 21 do capítulo 4. João nos ensina que quem ama cumpre a lei. Os mandamentos de Deus são evidenciados na vida daqueles que já nasceram de novo. João finaliza essa ideia no versículo 3 dizendo que o amor de Deus é que guardemos seus mandamentos, que não são pesados. Isso significa que a comprovação do amor a Deus é a observância dos seus mandamentos.

O Espírito Santo habita em nós e nos dá as motivações e o desejo para que cumpramos os mandamentos de Deus. A evidência de que a pessoa foi gerada pela ação do Espírito Santo é que ela crê em Jesus e ama o próximo. O amor é assim, a marca que identifica aquele que é tocado pela graça do evangelho de Cristo. Quem não ama a Deus e ao próximo não pode ser de Deus; antes, é filho do diabo, porque o diabo não ama nem obedece à Palavra de Deus.

É necessário refletirmos sobre isso porque há muita gente que pensa que está em Deus, mas não está, porque não crê em Jesus, não o ama, não lhe obedece nem pratica os mandamentos divinos. Jesus disse aos seus discípulos: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. (...) Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. (...) O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João 14.15, 21; 15.12).

Todo aquele que é gerado por Deus tem fé para vencer o mundo

João diz que, em Jesus, temos a possibilidade de guardar os seus mandamentos (vv. 4-5). Para o mundo, os mandamentos de Deus são pesados

e extremamente difíceis de ser cumpridos. Em outras palavras, é impossível vivê-los. Mas para quem é nascido de Deus, não são penosos nem vexatórios, porque o Espírito Santo envia graça para que os pratiquemos. Portanto, vencemos o mundo pela fé que nos foi outorgada em Jesus Cristo, que veio ao mundo para nos resgatar das garras de Satanás.

O verdadeiro vitorioso é o Senhor Jesus Cristo. E ele quem nos torna vencedores. Somente vencemos as tentações do mundo e as provações por que passamos pela regeneração sobrenatural efetuada pelo Espírito Santo em nosso coração, que nos tirou da esfera do domínio do mundo e nos levou para a graça do evangelho. Por isso, vencemos pela fé que nos foi dada quando ouvimos a Palavra de Deus.

Fomos totalmente libertos das trevas e transportados para o Reino do Filho do seu amor (Cl 1.13). Nós, que somos nascidos de Deus, não temos mais nenhum fascínio pelo mundo. Desde que fomos unidos a Cristo, o mundo perdeu sua atração. Temos prazer na vontade e na Palavra de Deus. Pela fé em Cristo Jesus vencemos o mundo por causa daquele que é o grande vitorioso sobre o mundo, o Senhor Jesus Cristo.

Como observa Warren Wiersbe: a fé vitoriosa decorre de um amor cada vez mais maduro. Quanto mais conhecemos e amamos Jesus Cristo, mais fácil é confiar nele em meio às necessidades e batalhas da vida. É importante que esse amor em processo de amadurecimento se torne habitual e prático na vida diária⁵³. Podemos descrever a essência dessa vitória na nossa vida prática assim:

Temos alegria e não a infelicidade, por causa da nossa fé no Senhor;
Temos a comunhão e não vivemos a solidão, porque não ficamos sozinhos na hora da crise. Ficamos com o povo de Deus (povo fiel);
Temos a honestidade e não o orgulho e a autoilusão; Temos a retidão e não vivemos escravizados pelo pecado; Temos a pureza e vencemos as concupiscências da carne; Temos a verdade e recusamos o erro;
Temos a confiança e não o temor;
Temos o amor e não o ódio;
Temos a vida eterna e não a morte eterna;
Temos a vitória em Cristo Jesus e não a derrota para Satanás.

53 WIERSEBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo - Novo Testamento*. São Paulo: Geográfica, 2006, vol. 1, p. 675.

Todo aquele que é gerado por Deus crê na Trindade e vive por ela

Os gnósticos, que eram o grande problema para a comunidade cristã, criam que Jesus, no batismo, fora elevado a uma categoria especial. Pensavam que ele havia sido divinizado, mas na crucificação tudo voltara ao normal. Eles não acreditavam que Jesus fosse a encarnação do Verbo eterno, o Filho de Deus. Por causa do batismo, diziam que Jesus veio pela água, e como na cruz não havia a divinização de Cristo, a morte dele não tinha significado nenhum.

João defende novamente que Jesus era o Deus que se fez homem (vv. 6-9). Enfaticamente, o apóstolo afirma que Jesus veio por água, indicando seu batismo e a declaração de que ele era o Filho do Deus Altíssimo, capacitado para o ministério (v. 6). Mas ele não veio somente pela água, veio também pelo sangue (v. 6). O verbo vir tem o sentido de enviar. O Pai enviou o Senhor Jesus ao mundo pela água, no sentido do batismo, e pelo sangue, na morte, na expiação pelo seu sangue derramado na cruz do Calvário.

Warren Wiersbe diz que o “Pai testemunhou por meio de seu poder miraculoso quando Jesus estava na cruz: a escuridão sobrenatural, o terremoto e o rompimento do véu no templo (Mt 27.45, 50-53). Não é de se admirar que o centurião tenha exclamado: Verdadeiramente este era Filho de Deus (Mt 27.54). Jesus não recebeu ‘o Cristo’ em seu batismo e depois o perdeu na cruz. Nas duas ocasiões, Deus deu testemunho da divindade de seu Filho”⁵⁴.

João diz que o Espírito Santo testifica isso porque ele é a verdade (v. 7). O Espírito dá testemunho no interior do coração dos filhos de Deus de que o Cristo, de fato, veio do Pai. Ele é quem sela em nosso coração o testemunho da água e do sangue.

João diz que são três os que testemunham no céu acerca do Filho: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo (v. 7). Os três são unânimes num só propósito (v. 8). No versículo 9, o apóstolo enfatiza que o testemunho que Deus dá acerca de seu Filho é maior. O testemunho é do próprio Deus. Quem é gerado por Deus crê no testemunho da Trindade, que é verdadeira em sua palavra. Por isso João afirma que aquele

que crê no Filho de Deus tem em si mesmo esse testemunho, que é verdadeiro (v. 10). Quem não crê nesse testemunho da Trindade se faz mentiroso (uma resposta aos gnósticos) e, conseqüentemente, não dá crédito a Deus. Quem é nascido de Deus dá todo o crédito, porque é o Espírito Santo que testifica no coração essa verdade acerca do Filho de Deus.

Warren Wiersbe diz que o Espírito foi concedido para dar testemunho de Cristo (Jo 15.26; 16.14). Pode-se crer no testemunho do Espírito porque ele é a verdade. Nós não presenciamos o batismo e a morte de Jesus, mas o Espírito Santo estava lá. O Espírito Santo é a única Pessoa ativa na Terra hoje presente durante o ministério de Cristo. O Pai é testemunha do passado, enquanto o testemunho do Espírito é para hoje. O primeiro é exterior, enquanto o segundo é interior, e os dois são concordantes⁵⁵.

Há um grande contraste entre o cristão e o incrédulo, entre os resultados da fé e os frutos da incredulidade. O cristão tem em si mesmo, por obra do Espírito, o testemunho de que Cristo é o verdadeiro Filho de Deus, e isso lhe dá plena confiança. Contudo, aquele que não crê nesse testemunho vive uma crise, pois não tem nenhuma confirmação interna. Isso faz dele um mentiroso, pois vai falar de Deus de maneira falsa, porque o Senhor não habita nele. Ele diz que conhece a Deus, mas suas ações negam isso. Ele procura solução para seus problemas em tudo, menos em Deus, porque não tem o testemunho de Deus, pelo Espírito Santo, em seu coração.

Portanto, para nós, povo de Deus, que cremos no testemunho da Trindade, resta louvá-lo sempre, agradecer a ele sempre, porque nos deu esse presente de crermos em seu Filho como nosso Senhor e Salvador, nos deu a graça de crer que um dia Jesus veio ao mundo, nasceu, viveu e morreu na cruz para nos resgatar.

Por meio do nascimento e da cruz de Jesus de Nazaré somos gerados por Deus, nascidos de Deus. Cremos em Jesus e o amamos. Conseqüentemente, amamos o nosso próximo, obedecendo, assim, aos mandamentos de Deus. Por sermos nascidos de Deus e crermos em Jesus, temos fé vinda dele para vencermos o mundo.

Que o Senhor nos ajude a entender isso para que o sirvamos com maior disposição, com uma entrega maior, um amor maior à sua causa e com grande expressão de louvor no coração por tão grandes privilégios dados a nós por meio da sua graça profunda!

Para refletir e viver

João nos ensina que a pessoa que é nascida de Deus crê em Cristo. Ela é transformada à imagem e semelhança do Senhor. O que crê em Cristo Jesus é nascido de Deus e, assim, ama o Pai e o Filho. Isso resulta num relacionamento amoroso para com a Trindade Santa.

João nos diz que a evidência de que a pessoa foi gerada por Deus é que, além de crer em Jesus, também ama o próximo. O amor é, assim, a marca que identifica o salvo. Quem não ama a Deus e ao próximo não é de Deus, antes, é filho do diabo, porque o diabo não ama nem obedece à Palavra de Deus. Isso é algo sério para nossa prática de vida cristã. A Bíblia mostra que quando não amamos, não evidenciamos que somos filhos de Deus. O amor é evidenciado quando demonstramos o mesmo perdão que Deus nos deu em Cristo Jesus. Esta é uma prática que é necessária nos dias atuais.

João traz uma verdade profunda para o nosso coração: vencemos as tentações do mundo e as provações porque passamos pela regeneração sobrenatural efetuada pelo Espírito Santo em nosso coração, que nos tirou da esfera do domínio do mundo. Por isso, nós o vencemos pela fé que nos foi dada quando ouvimos a Palavra de Deus. João nos dá uma solução para o medo das ciladas do diabo: fomos totalmente libertos das trevas e transportados para o Reino do Filho do seu amor (Cl 1.13). Nós que somos nascidos de Deus não temos mais nenhum fascínio pelo mundo. Desde que fomos unidos a Cristo, o mundo perdeu sua atração. O mundo não pode nos vencer nem as artimanhas do nosso inimigo. Louvado seja Deus por vitória tão preciosa conquistada por meio da cruz do Calvário. Por ela temos a vitória sobre o pecado, que não terá mais domínio sobre nós.

Capítulo 12

A CERTEZA DA VIDA ETERNA EM JESUS CRISTO

(1 João 5.11-21)

E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus. E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito. Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue. Toda injustiça é pecado, e há pecado não para morte. Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca. Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno. Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna. Filhinhos, guardai-vos dos ídolos.

Não precisamos ser profetas para dizer que as décadas vindouras verão não só mais guerras, mais fome e miséria, mais opressão, mas também tentativas desesperadas de escapar de tudo isso. Temos de estar preparados para um período em que o suicídio será tão difundido quanto as drogas são agora. Temos de estar preparados para viver num mundo em que o medo, a suspeita, a desconfiança, o ódio, a tortura física e mental e uma crescente desordem cobrirão de sombras o coração de milhões de pessoas⁵⁶.

Como podemos estar preparados para enfrentar tempos tão difíceis e complicados como os nossos? Só por meio da contemplação, dos momentos de oração, de comunhão com o Senhor é que poderemos encarar as crises da vida.

Por meio da oração aprenderemos a depender do Senhor e a confiar sempre em sua vontade para tudo em nossa vida. Aprendemos com o apóstolo João que, em Cristo Jesus, temos a certeza da vida eterna. Aprendemos a necessidade da vida de oração para, por meio dela, conhecermos a preciosa vontade de Deus para a nossa vida.

Aprendemos que devemos orar pelo nosso próximo e não podemos viver em pecado. Aprendemos que, no Senhor, temos a total segurança e ninguém pode nos tocar, nem o diabo, pois somos da verdade, e ela está em nós. E nos últimos versículos dessa epístola tão rica e preciosa, João nos ensina grandes verdades para a vida espiritual.

Todo aquele que é gerado por Deus tem a vida eterna em Cristo Jesus

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (vv. 11-13).

56 NOUWEN, Henri. *Pobres palhaços em Roma*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 18.

Este é o testemunho interno do Espírito Santo no coração daquele que é nascido de Deus, que traz a certeza de que há vida com qualidade diante de Deus. O nascido de Deus sabe e crê que Jesus é o único Mediador, o Salvador e Senhor da vida.

Vejamos as dicas de João:

A) A vida cristã é plena

João diz que Deus nos deu a vida em seu Filho Jesus Cristo. Isso significa que Deus nos concede, gratuitamente, seu próprio tipo de vida por meio de seu Filho. Ele tirou algo de si mesmo para nos presentear, a fim de que tivéssemos vida abundante em Cristo Jesus.

Deus é a verdadeira fonte dessa vida com qualidade oferecida somente àqueles que confessam que Jesus é o Verbo de Deus, o Deus-homem

encarnado, a resplandecente estrela da manhã, aquele que diz: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome...” (Jo 6.35); “... aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede...” (Jo 4.14); “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (Jo 10.11); “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11.25); “Eu sou a videira verdadeira...” (Jo 15.1).

Para os que creem em Jesus, há uma vida sempre abundante diante de Deus. Essa vida de qualidade começa agora. O cristão irá desfrutar da comunhão verdadeira com aquele que é a luz, a vida e que satisfaz nossa fome espiritual; aquele que é a nossa videira verdadeira, o caminho, a verdade e a vida; aquele que nos conduz ao Pai, que é o bom pastor que deu a sua vida por nós; aquele que nos tirou das trevas e nos transportou para a sua presença. Este é o grande e profundo privilégio que têm os que confessam este Jesus maravilhoso como Senhor de sua vida.

A vida eterna é esta, vinda do Filho de Deus, para aqueles que têm o Filho, como João afirma no versículo 12. Estes têm vida em qualidade, vida em comunhão com Jesus Cristo: “... e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada...” (1 Jo 1.2). Quem nega o Senhor Jesus não tem a vida. Tal pessoa também está negando o Pai e, conseqüentemente, não tem o privilégio de ter a vida de qualidade que o evangelho oferece.

A dádiva da vida eterna é recebida pela fé; a vida eterna é dada aos que creem em Jesus Cristo. Não crer é ter a ausência de comunhão eterna com Deus.

b) O que Deus espera dos que desfrutam da nova vida?

Será que os benefícios da nova vida em Cristo são para que fiquemos de braços cruzados? Absolutamente! Essa vida nos motiva a enfrentar as lutas sempre com a perspectiva do eterno, de que temos um Deus amoroso que nos vivificou para que vivamos em função dele e para que manifestemos sua vida diariamente por meio do nosso testemunho.

Em Jesus, a nossa vida tem qualidade. Portanto, não precisamos viver apavorados com o dia de amanhã. Virão as lutas, as crises, mas não precisamos nos preocupar com elas. Temos a videira verdadeira ao nosso lado, a raiz de Davi, o Alfa e o Ômega, aquele que é dono de todas as coisas.

Todo aquele que é gerado por Deus tem total confiança na oração

“E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito” (vv. 14-15). Esse texto está ligado à palavra do apóstolo no capítulo 3: “Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (vv. 21-22).

Os cristãos daquela época tinham segurança em Deus. Não tinham dúvida de que ele é o Senhor absoluto, o soberano e o conhecedor de tudo. Mas havia uma exigência para receberem a resposta das orações: obediência aos mandamentos divinos. Há, aqui, uma semelhança com o texto de João 15.7, quando Jesus diz: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito”. Mas para que haja eficácia na oração, precisamos também do auxílio do Espírito.

A comunhão entre o cristão e o Senhor Jesus se dá por meio do Espírito Santo. A oração autêntica é realizada quando o próprio Espírito Santo faz o pedido, como afirma Paulo em Romanos 8.26-27: “Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus” (NVI).

Quando temos a direção do Espírito Santo, e não há a condenação do nosso coração, então temos total certeza e confiança diante do nosso Pai. Sigamos, portanto, a recomendação de Hebreus 10.22: “... aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura”.

Podemos, então, pedir qualquer coisa ao nosso Pai e receberemos, pois praticamos seus mandamentos. Por isso João diz que a certeza de vida eterna em Cristo Jesus e a certeza de que obedecemos aos seus mandamentos fazem com que tenhamos confiança nele para pedir-lhe as coisas segundo a sua boa vontade, sabendo que ele sempre nos ouve.

Quando há vida de santidade, quando praticamos os mandamentos divinos, nossa oração é respondida por ser eficaz (Tg 5.16). Assim, há harmonia entre nós e Deus. Mas é bom salientar que não há mérito pessoal algum em recebermos as bênçãos divinas por meio da oração. Tudo é dádiva de Deus; não merecemos nada. É importante compreendermos que a resposta da oração sempre estará ligada à obediência aos preceitos da Palavra de Deus. Aqueles que têm o Filho orarão de acordo com sua vontade e dele receberão as respostas necessárias para a vida.

Aqui está a verdade inquestionável: somente os nascidos de Deus têm total confiança diante dele. Nós, como filhos, temos tal privilégio. Por isso sempre temos motivação para orar e pedir que ele nos conduza segundo a sua vontade. Precisamos aprender a orar assim, para que tenhamos o prazer de fazer a vontade do Pai, para que ele nos ouça em nossas necessidades e lutas do dia a dia.

Por meio da oração podemos receber bênçãos de Deus. Mas a oração deve, sobretudo, nos levar a reconhecer a soberania e a supremacia de Deus. Se tivermos uma visão correta da oração, teremos uma visão correta do que Deus quer de nós como seus servos, que dependem totalmente dele e vivem sob sua vontade soberana.

John Stott, comentando esse texto, diz:

A condição da nossa oração respondida é que nossa conduta concorde com os mandamentos de Deus; aqui, que os nossos pedidos concordam com a vontade de Deus. A oração não é um recurso conveniente para impormos a nossa vontade a Deus, ou para dobrar a sua vontade à nossa, mas, sim, o meio prescrito de subordinar a nossa vontade à de Deus. É pela oração que buscamos a vontade perfeita de Deus, e assim, a abraçamos e nos alinhamos nela⁵⁷.

Quando oramos buscando a vontade de Deus, a cruz deixa de ser um simples objeto e passa a ser o sinal de transformação mais radical de nossa maneira de pensar, sentir e viver diante do Pai⁵⁸. Quando oramos assim, mais conhecemos e amamos ao Senhor, mais desejamos ser conduzidos em conformidade com a vontade dele para a nossa vida.

57 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 159.

58 NOUWEN, Henri. *Cartas a Marc sobre Jesus*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 27.

Na oração, o Senhor fala ao coração. É no espaço mais profundo do nosso coração que o Senhor trabalha, para que vivamos em função do Deus Trino. Aprendamos a orar para que o nosso coração se torne totalmente dependente de Deus e confiante em sua Palavra.

Todo aquele que é gerado por Deus não é escravo do pecado, e Satanás jamais lhe toca

“Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue” (v. 16).

João diz que há pecados que não são para a morte espiritual. A orientação do apóstolo é de que devemos orar pelos irmãos que cometem esses pecados. São eleitos de Deus e se encontrarão com Cristo, que lhes dará a vida eterna. Devemos rogar a Deus que tenha compaixão deles.

Mas o apóstolo diz que não é para orar em favor daquele que comete pecado para a morte. Eu diria que são dois pecados. O primeiro é a apostasia. Quem não é de Deus desviar-se-á dos caminhos verdadeiros e morrerá espiritualmente. O segundo é a blasfêmia contra o Espírito Santo. Quem não é da verdade nega-o. É um pecado imperdoável, pois quem blasfema contra o Santo Espírito está negando suas obras e, com certeza, está morto espiritualmente, porque não tem comunhão com ele. Portanto, quem atribui uma ação do Espírito Santo a Satanás não tem o perdão dos pecados. Esse é um pecado que leva à morte espiritual.

“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca” (v. 18). Quem é nascido de Deus não irá cometer pecado para a morte nem viverá como escravo do pecado porque tem um relacionamento com o Espírito Santo, que mora dentro dele.

Vejamos as implicações disso:

A) O Senhor guarda os seus filhos

Mesmo o cristão pode vir a cometer deslizes por causa da natureza humana caída, mas a constante prática do pecado é hábito dos que são filhos do diabo. De acordo com o ensinamento de João, Deus conserva o que é nascido dele, e o Maligno não lhe toca porque tal pessoa é nascida de novo e transformada pelo Senhor. O Espírito operou naquele que é nascido de Deus uma obra de regeneração e, agora, ele não é mais filho do diabo. Ele se torna filho de Deus por meio da obra expiatória de Jesus. Portanto, o Maligno não pode lhe tocar, porque ele é propriedade exclusiva de Deus.

Veja que verdade extraordinária João ensina no texto: o Filho de Deus nos protege, por isso o Maligno, que é astuto, intencionalmente mau, forte e sutil, não pode nos tocar. O Leão da Tribo de Judá nos guarda, ele nos envolve nos seus braços para que não caiamos nas mãos do Maligno. O Senhor Jesus Cristo garantiu essa segurança na cruz do Calvário para seu povo, pois ele destruiu na cruz as obras do diabo (1 Jo 3.8). E ele nos mantém seguros, por isso o diabo nunca será capaz de nos arrebatá-lo, tocar em nós ou nos prejudicar.

Somos o tesouro de Cristo, somos guardados em lugar totalmente seguro e zelosamente vigiado pelo Pai⁵⁹. O Maligno não pode romper a barreira de proteção que guarda esse tesouro, não pode prejudicá-lo.

b) Os filhos de Deus têm liberdade na vida

Os que são filhos do diabo são tocados por ele, mas o apóstolo João diz que nós reconhecemos que somos de Deus, por isso o diabo não pode nos tocar (v. 19). Que conforto precioso para os momentos de contemplação: Deus está ao nosso lado. Como cristãos, não vivemos na prática do pecado. Somos livres por causa do Filho de Deus, que se manifestou em nossa vida (Jo 8.36).

Jesus disse: “Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura” (Jo 17.12). Precisamos orar àquele que é poderoso para nos guardar de tropeços (Jd 21 e 24).

⁵⁹ STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p. 166.

Todo aquele que é gerado por Deus vive na verdade que é o Senhor Jesus

Cristo

“Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna. Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (vv. 20-21).

João afirma que o Salvador já veio e nos deu entendimento para evitarmos a mentira e nos relacionarmos com ele, que é a verdade. Estamos arraigados naquele que é verdadeiro, isto é, em Jesus, o Filho de Deus, o verdadeiro Deus e a vida eterna. O próprio Senhor Jesus, mediante o Espírito Santo, nos trouxe o verdadeiro conhecimento acerca de si mesmo, para que andemos em sua verdade. Estamos unidos misticamente àquele que é veraz. Louvado seja o nome do Senhor, porque estamos firmados nele, permanecemos no que é verdadeiro e temos comunhão com o Salvador por meio da ação do Santo Espírito.

Como o próprio João disse: “... por causa da verdade que permanece em nós e conosco estará para sempre...” (2 Jo 2). Esse é um ótimo motivo para não temermos absolutamente nada desta vida. Aquele que é a verdade está conosco e, para sempre, permanecerá conosco. Aleluia!

Temos a vida eterna em Cristo Jesus. Desfrutamos da qualidade de vida permanente no Filho de Deus. Visto que temos total confiança nele, podemos colocar a nossa necessidade aos seus pés. Não vivemos como escravos do pecado e temos a graça de sermos guardados pelo Senhor. Portanto, Satanás não pode nos arrebatar nem tocar em nós. Por sermos gerados por Deus, vivemos na verdade, que é o Senhor Jesus Cristo.

Que ele nos abençoe para que enraizemos isso em nosso coração em nome de Jesus Cristo de Nazaré.

Para refletir e viver

João nos apresenta uma certeza que nos deixa extremamente seguros: Deus é a verdadeira fonte da vida em qualidade oferecida somente àqueles que confessam que Jesus é o Verbo de Deus, o Deus-homem encarnado, a resplandecente estrela da manhã. Para os que creem em Jesus há uma vida

sempre abundante diante de Deus. Essa vida de qualidade começa agora. Quais as implicações disso na nossa vida?

1. Como cristãos, desfrutamos comunhão verdadeira com aquele que é a luz da vida. Essa comunhão é plena e profunda.
2. A vida de Deus é que satisfaz a nossa fome espiritual. Essa fome é saciada por meio daquele que é a nossa vida verdadeira, o caminho, a verdade e a vida, aquele que nos conduz ao Pai, que é o bom pastor que deu a sua vida por nós.
3. João nos ensina que o diabo não pode tocar a pessoa que tem a vida eterna por meio do Filho de Deus.
4. Como cristãos, não vivemos na prática do pecado. Somos livres por causa do Filho de Deus, que se manifestou em nossa vida (Jo 8.36). Essa verdade nos traz algumas implicações profundas e preciosas para vivermos sadiamente na vida cristã: a) Não precisamos ter medo das astúcias e investidas do inimigo da nossa vida. Ele jamais pode nos tocar. Somos propriedades exclusivas do eterno Deus; b) Precisamos voltar a considerar o chamado de Cristo para segui-lo com todo o nosso coração, fugindo sempre do pecado. Para isso, precisamos das Escrituras. Conhecer as Escrituras e o poder de Deus é integrar as verdades bíblicas e a vida de forma que o testemunho de Cristo seja poderosamente afirmado nos atos de misericórdia, compaixão, serviço e proclamação; c) Precisamos buscar uma espiritualidade que encontre nos evangelhos, na pessoa de Cristo e na presença do Reino de Deus sua forma e seu conteúdo; d) A realidade de que somos de Deus e que o maligno não pode nos tocar nos leva a entender melhor que o nosso chamado é para sermos imitadores de Cristo e não apenas ter convicções corretas sobre ele.

Capítulo 13

ANDEMOS NA VERDADE, QUE É JESUS CRISTO

(2 João 1-6)

O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos, a quem eu amo na verdade e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade, por causa da verdade que permanece em nós e conosco estará para sempre, a graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor. Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai. E agora, senhora, peço-te, não como se escrevesse mandamento novo, senão o que tivemos desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este mandamento, como ouvistes desde o princípio, é que andeis nesse amor.

Sobre 2 João

Essa carta, que foi escrita provavelmente em meados do ano 90, fala sobre uma nobre senhora cristã que é firme na fé e ama. O autor intitula-se “o presbítero”, e muitos viram nisso um título carinhoso do apóstolo João já idoso.

João se dirige àqueles que amam a verdade e a piedade e trabalha a realidade espiritual de que devemos amar os outros. Nossa caminhada é verdade quando está de acordo com a Palavra de Deus. Há um mandamento do amor cristão mútuo que é declarado pelo Senhor Jesus Cristo. Esse é o amor de nossa alma, fruto da nossa obediência aos mandamentos divinos.

A comunhão dos santos deve ser mantida em todos os sentidos e deve gerar alegria mútua. Percebemos que a comunhão gera alegria no meio da comunidade, e com toda certeza há um resultado precioso: o Senhor é adorado e honrado onde a Igreja pratica a comunhão e o afeto entre os irmãos. É precioso demais ver essa realidade na Igreja do Senhor Deus.

Um fato grave que aconteceu nessa época é que os mestres apóstatas não só invadiam a Igreja como também tentavam influenciar os lares cristãos.

Conheçamos e amemos a verdade que está sempre conosco

“O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos, a quem eu amo na verdade e não somente eu, mas também todos os que conhecem a verdade, por causa da verdade que permanece em nós e conosco estará para sempre, a graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor” (vv. 1-3).

João usa o termo *verdade* quatro vezes na saudação, por isso é uma palavra importante nos seus escritos. Seu significado básico é *realidade*. Jesus é a verdade, conforme o texto de João 14.6. A Palavra de Deus é a verdade, como vemos em João 14. E João, melhor do que ninguém, sabe que o Pai revelou a verdade na Pessoa de seu Filho e nas páginas da Palavra. Portanto, essa verdade é uma experiência subjetiva na vida pessoal por meio da fé, por isso João fala de conhecer a verdade e amá-la.

Hoje vivemos, conhecemos e amamos a verdade, que é Jesus. Essa verdade permanece em nós e estará para sempre ao nosso lado, como ele afirma no versículo 2. A verdade está conosco e nos controla pelo amor que tem dado a nós. Essa verdade, que é Jesus, nos dá a graça de conhecê-lo todos os dias por meio da vida dele em nós. João sabia que havia falsos mestres circulando pelas igrejas e espalhando mentiras sobre a vida e presença de Jesus no meio da história. Ele os chama de enganadores e de anticristo. Por isso, enfatiza duas palavras: conhecimento e verdade.

Conhecimento tem a ver com experiência na vida, com intimidade com aquele que é essa verdade dentro de nós. Essa verdade está conosco para sempre, por isso nós a conhecemos e a amamos com todo o nosso coração.

Nós conhecemos a verdade por meio da graça e misericórdia divinas, como João expressa no versículo 2. Deus possibilitou essas bênçãos justamente por nos dar essa verdade profunda, que é Jesus Cristo. A graça divina vem sobre nós trazendo misericórdia, paz e a presença de Jesus para sempre. Sua paz é o sinal da declaração de sermos tratados como justos por causa da verdade dentro do nosso coração. É o que Paulo diz em Romanos 5.1: mediante a fé,

temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Como a ideia da presença marcante dessa verdade conosco já foi bastante enfatizada, só repito que essa presença é profunda, traz significado para nossa existência e nos ajuda a viver com o verdadeiro sentido como seres criados à imagem de Deus Pai. Não estamos perdidos aqui na Terra. Temos um foco, uma direção e ela se chama Jesus Cristo de Nazaré. Como diz Dallas Willard: “Jesus se oferece como a porta de Deus para a vida que é verdadeiramente vida. Ter fé nele nos leva hoje, como em outros tempos, a nos tornar aprendizes do eterno viver nele”⁶⁰.

60 WILLARD, Dallas. *Conspiração divina. Um roteiro para trilhar no caminho de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 32.

Andemos na verdade sempre

“Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai” (v. 4).

O que significa de fato andar na verdade? Significa obedecer-lhe e tê-la no controle total da nossa vida. Quando olhamos para todos os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, percebemos que eles têm uma profunda perspectiva de andar na verdade. O chamado do evangelho tem tudo a ver com a verdade de Deus. Não é por acaso que Jesus afirma: “... e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32).

Algumas perguntas são claras para nós: que verdade é essa? E ela liberta do quê?

A doutrina bíblica apresenta para nós o pecado original, um termo usado por Agostinho de Hipona. Somos livres para fazer o que gostamos, mas não somos livres para gostar do que deveríamos gostar. A Bíblia diz que pela desobediência de um só homem (Adão) muitos se tornaram pecadores (Rm 5.19). Essa é verdadeiramente nossa condição. E sabemos, com base em nosso próprio coração e nas Escrituras, que somos responsáveis pela corrupção de nosso “querer”. De fato, quanto melhor nos tornamos, tanto mais nos envergonhamos de sermos maus, e não apenas de fazermos o mal⁶¹. Somos depravados na nossa natureza humana, pecamos e pronto. Erramos porque somos pecadores e em Adão nos distanciamos do Criador. O pecado

original afetou a todos nós. Davi estava certo quando confessa ter sido gerado em iniquidades e concebido em pecado (Sl 51.5). É o problema da nossa própria concepção, do gênero humano. Todos nós, sem exceção, descendemos de uma semente impura, nascemos infeccionados pelo contágio do pecado. “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.10-12).

61 PIPER, John. *Provai e vede*. São Paulo: Fiel, 2008, p. 18.

Vivemos um paradoxo porque temos o mal e o bem dentro de nós. O mal, porque somos na essência pecadores miseráveis; o bem, porque Deus nos emprestou por causa da graça da cruz. A grande realidade nua e crua é que somos maus. Somos pecadores miseráveis diante do Criador⁶².

Então a obra soberana e espontânea de Deus em mudar o coração é a única esperança para nós. Por isso temos de conhecermos a verdade, que é Jesus Cristo de Nazaré. É essa verdade quem nos liberta, trazendo a restauração da natureza manchada pelo efeito terrível do pecado. Quando João fala que está alegre por saber que os filhos da graça andam e vivem a verdade exatamente como o Pai ordenou, é algo que tem a ver com essa transformação no coração. É uma vivência do cristianismo verdadeiro e honesto porque é em Jesus Cristo, a verdade.

Hoje somos convidados, por meio da vida de Deus em nós, a andar nessa verdade, honrando-o com um coração sério, comprometido com seu Reino e sua Palavra e com o nosso modo de responder às perguntas da sociedade sobre nossa conduta santa. Vivemos a verdade sendo honestos, verdadeiros, compromissados com a causa do Reino e com a Palavra na vida e no coração. Amando pessoas e se doando por elas, respirando a justiça do Reino como espelho de Cristo. Nós vivemos essa verdade pela prática da Palavra servindo, caminhando com pessoas necessitadas e glorificando o Senhor do Reino.

Andemos amando as pessoas ao nosso redor

“E agora, senhora, peço-te, não como se escrevesse mandamento novo, senão o que tivemos desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. E o amor é

este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este mandamento, como ouvistes desde o princípio, é que andeis nesse amor” (vv. 5-6).

62 ALMEIDA, Alcindo. *Redenção graciosa*. São Paulo: Fôlego, 2010, p. 58.

Dallas Willard diz que uma solução para o nosso ego está na vida de Deus em nós, Jesus Cristo de Nazaré. Ele nos motiva a sair do nosso ego e nos doar para os outros. O ego nos atrapalha nesse processo de amar, mas a graça divina em Jesus nos dá a graça de sairmos de nós mesmos e amarmos aos que nos cercam na vida e caminhada⁶³.

João diz que quem ama é de Deus e quem não ama não pode ter Deus, tampouco os seus mandamentos. Praticar os mandamentos das Escrituras tem como resultado amar. A fala de Jesus é muito séria: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. (...) Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12.30-31).

A forma básica de todos os mandamentos se resume em amar a Deus e ao nosso próximo. Dallas Willard diz que o amor ao próximo é o segundo mandamento, não o primeiro, e também por isso somos exortados a buscar primeiro o Reino ou governo de Deus.

João nos exorta a amar uns aos outros, e quem faz isso anda nos mandamentos. Toda vez que odiamos, toda vez que desejamos o mal das pessoas, desonramos Deus. Quem não ama não pode dizer que anda com Deus. Quem não trata seu próximo com generosidade e compaixão não pode dizer que é um eleito, um chamado por Deus. Mandamento tem a ver com amor, e amor com mandamento.

Amar uns aos outros é a prova de que precisamos de pessoas ao nosso lado para sobrevivermos. Ninguém vive sozinho, todos nós precisamos de pessoas para nos relacionar e amar. Não é por acaso que Deus criou uma parceira para Adão, que veio para completá-lo como ser humano. E desde então temos essa necessidade de amar e sermos amados. E o conselho de João é: *amemos uns aos outros*.

Amando, cumprimos o mandamento e nos tornamos pessoas cada vez mais

completas na presença do criador da nossa vida. Amando, cumprimos o mandamento refletindo Jesus como espelho e obedecendo a sua palavra: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.

63 WILLARD, Dallas, op. cit., p. 17.

Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13.34-35 – NVI).

Que o Eterno Deus nos dê graça para amarmos as pessoas e assim façamos sua luz brilhar por meio do nosso testemunho, amando e servindo como discípulos do amor divino!

Para refletir e viver

Conhecimento tem a ver com experiência na vida, tem a ver com intimidade com aquele que é essa verdade dentro de nós.

Somos depravados na nossa natureza humana, pecamos e pronto. Erramos porque somos pecadores e em Adão nos distanciamos do Criador.

Vivemos a verdade sendo honestos, verdadeiros, comprometidos com a causa do Reino e com a Palavra na vida e no coração. Uma solução para o nosso ego está na vida de Deus em nós, Jesus Cristo de Nazaré. Quem não ama não pode dizer que anda com Deus.

Amando, cumprimos o mandamento e nos tornamos pessoas cada vez mais completas na presença do Criador da nossa vida.

Capítulo 14

PERMANECENDO EM CRISTO

(2 João 7-13)

Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo. Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão. Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más. Ainda tinha muitas coisas que vos escrever; não quis fazê-lo com papel e tinta, pois espero ir ter convosco, e conversaremos de viva voz, para que a nossa alegria seja completa. Os filhos da tua irmã eleita te saúdam.

Mais uma vez o apóstolo João chama a atenção para os charlatões, aqueles que, com ensinamentos falsos, queriam iludir os cristãos da sua época. Então ele demonstra que aquele que carrega a marca de Cristo no coração deve manter certa postura.

Permanecendo em Cristo

“Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão. Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho” (vv. 8-9).

João sabe que a única maneira de os cristãos viverem com confiança em Deus, viverem firmes na fé, mesmo no meio dos ensinadores de doutrinas falsas, é permanecer em Cristo. É a mesma ideia de 2 Pedro 2.2: “E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade...”.

Esse é um sério problema da natureza humana decaída, que deseja crer em mentiras e resiste à verdade de Deus. João sabe disso porque ouviu o quanto

Jesus falou sobre esse problema e chama a atenção dos cristãos para permanecerem na verdade sempre. Essa atitude privaria o povo de se desviar para qualquer vento de doutrina. Ele permaneceria na doutrina bíblica dos apóstolos, que visava a Cristo crucificado e ressurreto.

Permanecer na verdade significa ser fiel às doutrinas fundamentais da fé cristã. Os falsos mestres se afastaram da verdade e da comunhão da Igreja, portanto eram ameaças terríveis para a comunidade cristã.

Há uma canção composta pelos irmãos André e Tiago Arrais, chamada Oração, que expressa com profundidade essas questões:

Em oração eu trilho o caminho que Jesus abriu Até o trono onde a Sua graça
flui como um rio Santo, santo
Anjos cantam: Santo

E pela fé caminho até avistar o Autor da minha fé E o que eu posso oferecer
para honrar quem Ele é? Santo, santo
Anjos cantam: Santo
E ao partir me viro, eu sou indigno Mas sua voz me diz: Não vá, meu filho!

Torne meu sofrimento em testemunho Me esvazie de mim e deste mundo E
que o meu nome morra com meu corpo E que o de Cristo permaneça em tudo

Que eu receba aquilo que preciso e nem um pouco mais Dá-me os bens que
de imediato eu abandone Santo, santo
Eu canto: Santo, santo

Torne meu sofrimento em testemunho Me esvazie de mim e deste mundo E
que o meu nome morra com meu corpo E que o de Cristo permaneça em tudo
No nome de Cristo
Amém

Creio que em oração trilhamos o caminho que Jesus abriu, permanecendo nele sempre. Que ideia maravilhosa, e João nos mostra isso no texto: Cristo permanecendo em tudo que somos, em tudo que temos e em todos os nossos caminhos. E aqui podemos lembrar uma afirmação de John Stott: “A fé cristã está arraigada nos eventos históricos da encarnação e da expiação, da

revelação e da redenção consumados em Cristo. Avançar além de Cristo é, não progresso, mas apostasia; não luz, mas trevas. Mais que isso. O cristão procura permanecer, não só em Cristo, mas na doutrina de Cristo”⁶⁴.

O nosso chamado é para conhecer mais de Cristo e da redenção que temos nele. Assim permaneceremos cada dia na graça e na visão dele e do seu Reino em nós. E o centro de tudo é a pessoa de Cristo.

64 STOTT, John. *1, 2 e 3 João...* cit., p.182. A encarnação

João afirma no seu evangelho que a glória de Deus foi manifesta de maneira única e perfeita quando ele enviou o Senhor Jesus Cristo, o Jesus de Nazaré, para se encarnar aqui no mundo e cumprir a palavra do profeta Isaías: “O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz” (9.2). João mostra a perspectiva de como o evangelho deve ser compreendido: a Palavra de Deus se tornou carne, para que homens e mulheres cressem no Verbo divino e nele vivessem⁶⁵.

A expiação

Jesus é o Deus-homem. Esse assunto é simples e profundo ao mesmo tempo. A pessoa de Cristo é constituída da fusão da natureza divina e da natureza humana. O Filho de Deus, ao assumir a nossa natureza, substituiu-nos e sofreu na cruz o castigo pelos nossos pecados. Quem crê nele e permanece nele pela fé vive essa realidade profunda.

Os gnósticos erravam ao negar essas verdades. Para eles, Cristo era apenas um dentre muitos, uma espécie de emanção angelical, e não o Verbo eterno encarnado. A verdadeira doutrina de Cristo inclui ambas as ideias, porque na sua encarnação houve a fusão das duas naturezas. Como comenta Champlin: “Assim como Cristo se identificou com nossa natureza humana, assim também faz parte do plano de Deus que nos identifiquemos com sua natureza, compartilhando da mesma plenitude que ele desfruta”⁶⁶. Por quê? Porque permanecemos nele e vivemos pela fé em tudo o que ele foi, fez e disse.

João leva muito a sério essa questão de permanecer em Cristo e nos seus ensinamentos. Para ele, se alguém mostrar que não se importa com esse ensino, “não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas” (v. 10). Ele chega a

afirmar que quem “lhe dá as boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más” (v. 11). João exorta os verdadeiros cristãos a eliminarem a lepra do gnosticismo com o isolamento.

65 BRUCE, F. F. *Comentário sobre o evangelho de João*. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 33. 66 CHAMPLIN, R. N., op. cit., p. 312.

Hoje, de igual modo, precisamos ter Cristo no centro e não permitir que nenhuma doutrina, movimento ou heresia penetre o nosso coração e o de nossa família. Temos de estar em sintonia com o evangelho de Cristo, alimentando-nos constantemente das suas verdades genuínas, para que experimentemos a graça de permanecer em comunhão.

Para refletir e viver

O nosso chamado é para conhecer mais de Cristo e da redenção que temos nele.

João afirma no seu evangelho que a glória de Deus foi manifesta de maneira única e perfeita quando ele enviou o Senhor Jesus Cristo, o Jesus de Nazaré, para se encarnar aqui no mundo.

O Filho de Deus, ao assumir a nossa natureza, substituiu -nos e sofreu na cruz o castigo pelos nossos pecados. Quem crê nele e permanece nele pela fé vive essa realidade profunda. Precisamos ter Cristo no centro e não permitir que nenhuma doutrina, movimento ou heresia penetre o nosso coração e o de nossa família.

Capítulo 15

AS POSTURAS SÉRIAS DIANTE DAS VERDADES SAGRADAS

(3 João 1-15)

O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade. Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma. Pois fiquei sobremodo alegre pela vinda de irmãos e pelo seu testemunho da tua verdade, como tu andas na verdade. Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade. Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com os irmãos, e isto fazes mesmo quando são estrangeiros, os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus; pois por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo dos gentios. Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade. Escrevi alguma coisa à igreja; mas Diótrefes, que gosta de exercer a primazia entre eles, não nos dá acolhida. Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas. E, não satisfeito com estas coisas, nem ele mesmo acolhe os irmãos, como impede os que querem recebê-los e os expulsa da igreja. Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus. Quanto a Demétrio, todos lhe dão testemunho, até a própria verdade, e nós também damos testemunho; e sabes que o nosso testemunho é verdadeiro. Muitas coisas tinha que te escrever; todavia, não quis fazê-lo com tinta e pena, pois, em breve, espero ver-te. Então, conversaremos de viva voz. A paz seja contigo. Os amigos te saúdam. Saúda os amigos, nome por nome.

Nessa terceira epístola, João retrata a importância da hospitalidade. Se, por um lado, os heréticos itinerantes perturbavam a fé cristã, por outro, os mestres da verdade visitavam as igrejas para fortalecer a fé das pessoas. Havia também um grave problema: Diótrefes se opunha à autoridade do apóstolo. Além de não receber os missionários, ele proibiu membros da igreja de recebê-los nas casas e ainda ameaçou afastar da comunidade quem fosse contrário à sua ordenança. João encoraja Gaio a continuar como anfitrião dos

missionários.

João destaca a firmeza de Gaio por andar na verdade. No meio de tantos problemas na sociedade e na vida da igreja, há pessoas fiéis. Por isso ele fala sobre algo muito importante: testemunho.

Vejamos os princípios do texto.

Andemos sempre com motivação na verdade das Escrituras

“O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade. Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma” (vv. 1-2).

Ele faz questão de elogiar Gaio por sua piedade e sua hospitalidade. E nessa fala ele expressa algo bem precioso: que seus filhos andem na fé verdadeira (v. 4). A alegria do apóstolo João é que os cristãos vivam na direção divina, servindo a Deus e projetando sua glória. Isso tem a ver com dar testemunho da verdade em Deus, ter uma consciência correta na vida e viver em paz com os irmãos. Com toda certeza, havendo essa prática na vida dos cristãos, o Senhor de toda graça e amor seria glorificado e honrado. Assim é conosco hoje: quando praticamos a verdade da Palavra por meio da nossa vida, damos glórias ao Eterno e também honramos seu nome.

João havia recebido notícias de que Gaio andava na verdade e dá uma série de testemunhos sobre ele. Chama-o de amado, deseja que esteja bem em tudo que ele faz, que tenha saúde tanto física como na alma e afirma que muito se alegrou quando os irmãos testificaram da verdade na vida dele. Gaio é alguém muito especial para João, tanto que ele afirma que esse amado procede fielmente em tudo o que faz para com os irmãos e de maneira especial para com os estranhos.

É interessante notar que João expõe as qualidades de Gaio: saúde espiritual (v. 2); um bom testemunho (vv. 3-4); um ministério prático (vv. 5-8). Ele apresenta as características de uma pessoa que realmente era motivada na Palavra, que seguia a verdade divina, que combinava com a expressão de Davi no salmo 1: uma árvore enxertada em Deus. Gaio realmente honrava a Deus tendo saúde, bom testemunho e um ministério prático e produtivo.

João expressa que Gaio estava firme no caminho da verdade. Ele seguia os princípios de Salmos 1.2: “Antes, o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite”. Nesse texto, o salmista diz que aquele que se deleita no estudo da Palavra de Deus é feliz. Então o desejo, o deleite, o anelo e a disposição do justo estão na lei de Deus. Ele quer meditar nela dia e noite. E meditar (no original hebraico *hagah*) é uma ação física que assume um tipo de prazer em produzir os sons da lei divina no coração⁶⁷. O justo deseja tanto a lei que ele quer meditar nela durante o dia e a noite, e isso exige muita renúncia e muito sofrimento.

67 PETERSON, Eugene. A oração que Deus ouve. Brasília: Palavra, 2007, p. 44.

Meditar na Palavra não é algo fácil, mas exige renúncia de nós mesmos e de todo tipo de prazer terreno. Por isso vemos Davi dizendo que a lei de Deus era o seu maior prazer e sua maior satisfação. A Palavra de Deus era mais doce do que o mel, mais desejável do que o ouro fino.

As palavras de Deus são lanças arremessadas de uma mente a outra. A Torá divina é o nosso alvo certo, porque nela encontramos felicidade e vida para o nosso coração. Gaio experimentou essa Torá no coração, por isso foi reconhecido pelo ancião João e pela comunidade como alguém firme nas Escrituras e revestido de um bom testemunho.

Gaio vivia a vida autêntica, que vem da verdade viva, Jesus Cristo de Nazaré, conforme João 14.6. E hoje, no meio de tanta superficialidade, tanta subjetividade na fé cristã, tanta vida revestida de um cristianismo raso, somos convidados a ter uma saúde espiritual equilibrada, a ter um testemunho que fala às pessoas, que faz com que elas queiram nos imitar. A ter um envolvimento no Reino que seja notório visando à glória do Eterno Deus.

Paulo diz: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Co 11.1). Essa é uma experiência partilhada não em termos teológicos, e sim comunitários. Paulo abre a sua própria vida para a comunidade de Corinto. A sua fé é demonstrada absolutamente de maneira pessoal. Ele abre a sua vida para a comunhão por meio do relacionamento.

Lembremos que a ação do Espírito Santo é nos tornar semelhantes a Cristo. Tudo deve contribuir para que sejamos reflexo da glória de Cristo. Por isso

Paulo diz que somos entregues à morte por amor de Cristo o dia todo (Rm 8.36). Para ele, o importante é ser transformado por Cristo e refleti-lo em nosso viver. O seu propósito é ser pleno em Cristo, é alcançar a perfeição em Cristo, não nele mesmo. Paulo não se preocupa com nada, exceto ser a imagem viva de Cristo.

Precisamos ser um testemunho vivo do evangelho. Ter saúde espiritual gera em nós a imitação do nosso Senhor Jesus, e com isso o Reino é visto e proclamado na nossa sociedade, assim como foi na vida de Gaio.

Pratiquemos a hospitalidade sempre

“Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com os irmãos, e isto fazes mesmo quando são estrangeiros, os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. Bem farás encaminhando-os em sua jornada por modo digno de Deus; pois por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo dos gentios. Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade” (vv. 5-8).

João já tinha advertido a senhora eleita para não receber falsos mestres e aqui ele elogia Gaio por demonstrar carinho e hospitalidade para com os verdadeiros ministros da Palavra. Ao ler o texto, observamos que Gaio não era só um motivo de alegria para os da comunidade, mas também para os que passavam pela igreja. Gaio recebia os missionários em sua casa com hospitalidade e atenção.

Gaio dava ajuda financeira, alimento e abrigo para os mestres e missionários. Que atitudes profundas e dignas de nota! Um homem que é hospitaleiro, amoroso e generoso, alguém que divide o que tem com aqueles que são usados pelo Eterno para o ensino e pregação das Escrituras.

Hoje há uma grande discussão sobre a questão do sustento dos pastores, e aqui há uma dica para nós sobre o apoio que a igreja deve dar àqueles que levam a sério a pregação da Palavra. João chama isso de cooperação na obra do Senhor (v. 8). Claro que devemos, como ministros da Palavra, levar a sério a cooperação da comunidade na obra do Senhor e trabalhar no Reino de maneira digna e séria. Devemos considerar nossa missão como algo respeitoso e divino.

A Igreja deve tratar com hospitalidade e amor aqueles que trabalham no Reino, dedicando tudo ao Senhor do Reino. E Gaio agia assim na sua missão como cristão e servo do Eterno Deus.

Deus nos chama para sermos hospitaleiros e amorosos com aqueles que recebemos em nossa casa, mostrando a graça divina em todos os momentos. Precisamos ser parceiros do Reino abrindo não só o nosso lar, mas também o nosso bolso, para dividir com quem precisa, com uma consciência tranquila e honesta.

Tenhamos cuidado com a ditadura religiosa

“Escrevi alguma coisa à igreja; mas Diótfefes, que gosta de exercer a primazia entre eles, não nos dá acolhida. Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas. E, não satisfeito com estas coisas, nem ele mesmo acolhe os irmãos, como impede os que querem recebê-los e os expulsa da igreja. Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus. Quanto a Demétrio, todos lhe dão testemunho, até a própria verdade, e nós também damos testemunho; e sabes que o nosso testemunho é verdadeiro. Muitas coisas tinha que te escrever; todavia, não quis fazê-lo com tinta e pena, pois, em breve, espero ver-te. Então, conversaremos de viva voz. A paz seja contigo. Os amigos te saúdam. Saúda os amigos, nome por nome” (vv. 9-15).

Quem era Diótfefes? Era um líder de uma igreja local que ambicionava ter a preeminência entre os irmãos, tanto que chegou a se opor ao próprio apóstolo João em certa ocasião. Ao escrever a essa igreja, João recomendou que recebessem certos missionários, mas Diótfefes recusou-se a aceitar a autoridade do apóstolo.

João afirma para Gaio que esse líder proferia comentários maliciosos contra os apóstolos, recusava-se a receber pregadores itinerantes e ainda queria expulsar da igreja quem os recebesse, a despeito da sua proibição. Diótfefes insistia em dirigir a comunidade por si mesmo, não admitindo interferência ou obediência às ordens de João. Ele era autossuficiente, autoconfiante e um grande ditador!

Precisamos tomar muito cuidado com os Diótrefes, gente que tem uma aparência de piedade e se impõe para manipular a igreja à sua maneira. Pessoas assim não demonstram estima pelo ensino bíblico genuíno porque sabem que serão confrontadas.

Diante de todas as recomendações sobre Gaio, João diz algo que nos chama a atenção de maneira muito profunda: “Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; aquele que pratica o mal jamais viu a Deus. Quanto a Demétrio, todos lhe dão testemunho, até a própria verdade, e nós também damos testemunho; e sabes que o nosso testemunho é verdadeiro” (vv. 11-12).

É interessante pararmos para refletir que quando realizamos o mal, não estamos em Deus. Quando praticamos o mal, que está sempre perto de nós, distanciamos-nos de Deus e das realidades espirituais. Mas graças à infinita misericórdia do eterno Deus, mesmo quando erramos e damos vazão para as maldades da natureza humana, se as confessarmos, pela graça dele ainda permanecemos e estamos nele. Sabe por quê? Porque ele nos olha por meio de Jesus e vê o bem em nós. Porque se olhasse para nós de maneira direta, veria trevas totais, veria a maldade, a corrupção e a malignidade.

Então, diante dessa realidade espiritual, necessitamos imitar e realizar o bem todos os dias e lutar contra nossa própria natureza pecaminosa, que quer nos afastar da santidade e pureza diante de Deus. Ainda bem que Deus é bom e nos olha por meio de Cristo e nos faz vê-lo para que contemplemos um pouco mais da sua santidade e a vivamos pela aplicação da obra de regeneração em nosso interior. Louvado seja o nome do Senhor, porque ele nos enxerga em Jesus, por isso não somos exterminados da sua presença santa e reta!

Depois de ler esse texto, essa foi minha oração: *Deus, estou com as emoções bem sensíveis diante dessa verdade. Como é bom ouvir a tua voz falando bem perto. Louvado seja o teu nome, Jesus! Obrigado pelo teu amor demonstrado na cruz para desfazer as obras de Satanás e me livrar da pena eterna. Bendito seja o teu nome, Senhor! Como agradecer esse teu amor? Eu me prostro diante do teu altar, Senhor, e entrego meu coração a ti em todo tempo. Ajuda-me a imitar a grandeza, a saúde espiritual e o engajamento desse homem chamado Gaio. Ajuda-me a ser hospitaleiro e amável cooperador na causa do Reino como esse homem foi na tua presença. Em*

nome de Jesus. Amém!

Para refletir e viver

A Torá divina é o nosso alvo certo, porque nela encontramos felicidade e vida para o nosso coração.

A vida autêntica vem da verdade viva, Jesus Cristo de Nazaré.

Precisamos ser um testemunho vivo do evangelho. Ter saúde espiritual gera em nós a imitação do nosso Senhor Jesus. Devemos tratar com hospitalidade e amor aqueles que trabalham no Reino, dedicando tudo ao Senhor do Reino. Precisamos ser hospitaleiros e amorosos com aqueles que recebemos em nossa casa, mostrando a graça divina em todos os momentos.

Necessitamos imitar e realizar o bem todos os dias e lutar contra nossa própria natureza pecaminosa, que quer nos afastar da santidade e pureza diante de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alcindo. *Redenção graciosa*. São Paulo: Fôlego, 2010, p.58.
- BOFF, Leonardo. *O Senhor é o meu pastor – consolo divino para o desamparo humano*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BROWN, Colin. *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989, vol. I.
- BRUCE, F. F. *Comentário sobre o evangelho de João*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 6.
- CORNELIUS, Plantinga. *Não era para ser assim*. São Paulo: CEP, 1998.
- DAVIDSON, F. *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1990, vol. I.
- ELLIF, Jim. *Conduzidos pelo Espírito*. *Jornal Os Puritanos*, ano III, n. 4, jul./ago. 1995.
- GONDIM, Ricardo. *Creia na possibilidade da vitória*. São Paulo: Abba Press, 1995.
- HOUSTON, James. *O desejo*. Brasília: Palavra, 2009.
- _____. *A oração - Aprofundando a sua amizade com Deus*. Brasília: Palavra, 2007.
- KIDNER, Derek. *Introdução e comentário de salmos*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Comentário da I Epístola de João*. São Paulo: CEP, 2008.
- LUCADO, Max. *Simplesmente como Jesus*. Minas Gerais: Betânia, 1999.
- MACARTHUR, John. *A sós com Deus - O poder e a paixão pela oração*. Brasília: Palavra, 2009.
- MANNING, Brennan. *A Assinatura de Jesus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MCGRATH, Alister. *Encarnação*. São Paulo: Hagnos, 2011.
- NOUWEN, Henri. *Adam, o amado de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____. *Cartas a Marc sobre Jesus*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Pobres palhaços em Roma*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Sofrimento que cura*. São Paulo: Paulinas, 2001.

PETERSON, Eugene. *A oração que Deus ouve*. Brasília: Palavra, 2007.

PIPER, John. *Provai e vede*. São Paulo: Fiel, 2008.

RYLE, J. C. Oração e santidade. *Jornal Os Puritanos*, ano IV, n. 4, jul./ago. 1996.

SOUSA, Ricardo Barbosa de. A resposta cristã ao mistério da iniquidade. *Ultimato*, Minas Gerais, n. 309, nov./dez. 2007.

_____. *O caminho do coração*. Curitiba: Encontro, 1996.

STOTT, John. *A mensagem de Atos*. São Paulo: ABU, 1998.

_____. *1, 2 e 3 João - Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo - Novo Testamento*. Santo André: Geográfica, 2006.

WILLARD, Dallas. *Conspiração divina. Um roteiro para trilhar no caminho de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.